

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO**

**FECAP**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**ANDRÉ BARAUNA VIEIRA**

**PESQUISA DA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E  
COORDENADORES SOBRE A OFERTA DE CONTÉUDOS  
DE FINANÇAS EM CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS NA  
CIDADE DE SÃO PAULO**

**São Paulo**

**2007**

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO

FECAP

MESTRADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ANDRÉ BARAUNA VIEIRA

PESQUISA DA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E  
COORDENADORES SOBRE A OFERTA DE CONTEÚDOS  
DE FINANÇAS EM CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS NA CIDADE  
DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias

U  
d  
657.07  
V658p  
2007  
Ex.2 BC

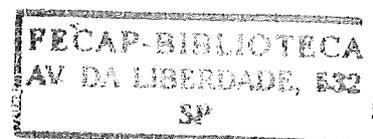
N.Cham. d 657.07 V658p 2007  
Autor: Vieira, André Barauna  
Título: Pesquisa da percepção de profes



Ex.2 BC U

São Paulo

2007



d.657.07  
V658p  
2007

ac. 45324  
J. 11120

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO – FECAP

Reitor: Prof. Dr. Sérgio de Gouvea Franco

Pró-reitor de Graduação: Prof. Edison Simoni da Silva

Pró-reitor de Pós-Graduação: Prof. Dr. Sérgio de Gouvea Franco

Coordenador do Mestrado em Ciências Contábeis: Prof. Dr. Anísio Candido Pereira

## FICHA CATALOGRÁFICA

V658p

Vieira, André Barauna

Pesquisa da percepção de professores e coordenadores sobre a oferta de conteúdos de finanças em cursos de Ciências Contábeis na cidade de São Paulo / André Barauna Vieira. -- São Paulo, 2007.

135 f.

Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias

Dissertação (mestrado) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP - Mestrado em Ciências Contábeis.

1. Contabilidade – Estudo e ensino (Superior) 2. Finanças – Estudo e ensino (Superior) 3. Professores universitários – Percepção.

CDD 657.07

# **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**ANDRÉ BARAUNA VIEIRA**

**PESQUISA DA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E COORDENADORES  
SOBRE A OFERTA DE CONTEÚDOS DE FINANÇAS EM CURSOS DE CIÊNCIAS  
CONTÁBEIS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada à Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado –  
FECAP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

**BANCA EXAMINADORA:**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. André Accorsi**

**Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Daphnis Theodoro da Silva Jr.**

**Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias**

**Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP**

**Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora**

**São Paulo, 24 de Outubro de 2007.**

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, pela energia, força e perseverança no dia a dia de minha vida.

À minha família, pelo encorajamento, força e compreensão em todos os momentos de minha vida profissional, acadêmica e pessoal.

A todos que passaram em minha vida, pelo ensinamento, coragem e paciência e também graças a Deus pelos momentos felizes que me foi proporcionado em minha jornada.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias, mentor, ao qual tive o privilégio de convivência nos últimos anos, que com paciência e dedicação nos guiou pelos becos do conhecimento dando um verdadeiro exemplo de como estar vivo intelectualmente.

Aos Professores Dr. Daphnis Theodoro da Silva Jr. – FECAP e Prof. Dr. André Accorsi – ESPM, pelo rico conhecimento e pela grande contribuição a esta dissertação.

Aos demais membros da FECAP (secretaria, biblioteca, informática, e outros), pela dedicação e serenidade em todos os momentos pelos quais passamos nesta distinta casa.

Às Instituições de Ensino Universidade Camilo Castelo Branco – UNICASTELO, Faculdade Sumaré, Universidade de Mogi das Cruzes – UMC CAMPUS VILLA LOBOS e ao Centro Universitário Radial que proporcionaram a oportunidade de iniciar e aprimorar minha carreira acadêmica e pelos seus professores que em todo momento auxiliaram no desenvolvimento de atividades.

A todos amigos e colegas que no decorrer do tempo compreenderam nosso objetivo e auxiliaram no que podiam.

Aos professores Juarez Medeiros Ferreira pelo estímulo e convite inicial à vida acadêmica e também ao professor Raouf Roland Michel, pelo estímulo e encorajamento na participação no programa de Mestrado junto à Fecap.

À minha mãe Maria Barauna Vieira e irmã Clarice Barauna Vieira, sábias e perseverantes, sempre apoiando e auxiliando nos bons e nos maus momentos.

Em memória ao meu pai Porfírio Vieira de Lima, por ensinar virtudes que não aprendemos em nenhuma instituição de ensino, mais que preservarei para o restante de minha vida (verdade, virtude, caráter,...).

## EPÍGRAFE

Toda reforma interior e toda mudança para melhor dependem  
exclusivamente da aplicação do nosso próprio esforço.

Immanuel Kant

## RESUMO

A Contabilidade é usada para a mensuração dos resultados e como subsídio ao processo decisório nas organizações, possuindo forte integração com as Finanças. Essa integração requer que os conteúdos de Finanças sejam considerados e abordados ao longo processo de formação dos futuros contadores, pois além das implicações de natureza econômica e patrimonial, há implicações financeiras nas decisões tomadas pelos gestores nas organizações. Em função do exposto, o objetivo principal desta pesquisa foi verificar a percepção de coordenadores e professores sobre a oferta dos conteúdos de Finanças em cursos de Ciências Contábeis na cidade de São Paulo, e as condições de oferta desses conteúdos nos cursos analisados. Para atingir os objetivos propostos, foram usadas de forma combinada técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e exploratória. A pesquisa de campo foi feita com um questionário, composto de duas partes, dirigido a 32 coordenadores e professores de cursos de Ciências Contábeis em onze instituições de ensino superior. Buscou-se identificar e analisar a aderência e as condições de oferta dos conteúdos de Finanças oferecidos nesses cursos, e avaliar a percepção dos sujeitos pesquisados em relação à importância desses conteúdos na formação dos futuros contadores. Foram usados, no tratamento dos dados, o Chi-Quadrado, a Análise Exploratória e a Estatística Descritiva. Os resultados obtidos permitiram identificar as condições de oferta e captar a percepção dos coordenadores e professores sobre os conteúdos de Finanças. Por fim, verificou-se que os conteúdos poderiam ser mais bem trabalhados, com mais disciplinas, aumento de carga horária e uso de conteúdos internacionais, pela melhor elaboração e uso dos programas de ensino e pela prática da interdisciplinaridade.

**Palavras-chave:** Contabilidade. Estudo e ensino (Superior). Finanças. Estudo e ensino (Superior). Professores universitários. Percepção.

## ABSTRACT

The accounting is applied for measuring results and as an aid for the decision process in organizations, and it is strongly connected with Finance. Such connection implies that the offered Finance contents be considered and applied through the formation process of future accountants, because not only are there economical and endowment implications, but also financial implications whenever concerning the decision making by managers. Because of that, the aim of it was dissertation is to verify the perception of coordinators and professors concerning the offered Finance contents in Accounting courses in São Paulo city, as well as the conditions of such contents in some Accounting courses. To do so, they had been applied some techniques, as the bibliographic, documental and exploratory research. The field research will be done by means of a two-part questionnaire, aimed at 32 coordinators and professors of accounting courses of 11 selected universities. One searched aim is to identify and analyze the adherence and the offer conditions of the Finance contents in the selected courses, as well as verify the perception of the chosen subjects about how important those contents are for the future accountants. They had treat data, it will be used the Qui-square test, the Exploratory Analysis and the Descriptive Statistics. They had allowed the obtained results, it will be possible to identify the offer conditions and the perception of the coordinators and professors concerning the Finance contents. In the end, it was verified that such contents could be more highlighted, and it could be included more subjects, more time of teaching and international contents, so as to enhance the preparation and the use of teaching programs and the use of interdisciplinarity.

**Key-words:** Accounting. Study and teaching (Higher). Finance. Study and teaching (Higher). College teacher. Perception.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Balanço patrimonial	21
Quadro 2	Decomposição de ativos e passivos	22
Quadro 3	Diferenças entre o BP, DR e DFC	32
Quadro 4	Características de atitudes	55
Quadro 5	Escala de Likert	57
Quadro 6	Análise das características discriminantes	65

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição do perfil dos respondentes.	62
Tabela 2: Resumo dos testes de associação – Constructo 1.	67
Tabela 3: Resumo dos testes de associação – Constructo 2.	68
Tabela 4: Resumo dos testes de associação – Constructo 3.	69
Tabela 5: Resumo dos testes de associação – Constructo 4.	71
Tabela 6 – Denominação adotada para as disciplinas de Administração Financeira e Matemática Financeira.	73
Tabela 7 – Carga horária para as disciplinas de Finanças.	74
Tabela 8 – Carga horária para as disciplinas de Matemática Financeira	74
Tabela 9: Perfil dos Professores das disciplinas de Administração Financeira e Matemática Financeira.	75
Tabela 10 – Conteúdos ministrados nas disciplinas de Finanças	77
Tabela 11 – Conteúdos ministrados nas disciplinas de Matemática Financeira	78
Tabela 12 – Bibliografia adotada nas disciplinas de Finanças – por frequência Exceto Matemática Financeira	79
Tabela 13 – Bibliografia adotada nas disciplinas de Matemática Financeira - por frequência.	80

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 Problema de pesquisa .....	15
1.2 Objetivos da pesquisa .....	15
1.3 Estrutura da dissertação .....	16
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>17</b>
2.1 Discussão introdutória sobre a inter-relação entre Contabilidade e Finanças .....	17
2.1.1 Regime de competência e ciclo operacional.....	23
2.1.2 Regime de caixa e ciclo financeiro.....	26
2.1.3 O processo decisório e os conteúdos de Finanças .....	32
2.2 Pesquisas sobre análises de condições de oferta de disciplinas em cursos de Ciências Contábeis .....	34
2.3 Conteúdos de Finanças nos cursos de Ciências Contábeis: cenário internacional .....	40
2.4 Conteúdos de Finanças nos cursos de Ciências Contábeis: cenário brasileiro.....	46
<b>3 METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>51</b>
3.1 Motivação .....	51
3.2 Métodos e procedimentos de coleta de dados .....	51
3.3 População e amostra .....	52
3.4 Elaboração do questionário .....	53
3.5 Análise do questionário .....	58
3.5.1 Tabela de contingências.....	58
3.5.2 Estatística Qui Quadrado .....	59
3.5.3 Coeficiente de contingência (C) .....	60
3.5.4 Teste P-Value .....	61
<b>4 A APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>62</b>
4.1 Descrição do perfil dos respondentes .....	62
4.1.2 Forma de avaliação dos resultados .....	64
4.1.3 Análise das características discriminante.....	65
4.2 Constructo I: O contador é um profissional qualificado para exercer a atividade de Finanças? .....	66
4.2.1 Análise do Constructo 1 .....	67
4.3 Constructo II: Percepção dos professores sobre aprendizagem dos alunos sobre Finanças .....	67
4.3.1 Análise do segundo constructo .....	68
4.4 Constructo III: Percepção dos professores e coordenadores sobre conteúdos de Finanças indicados na grade curricular do curso de Ciências Contábeis .....	69
4.4.1 Análise do terceiro constructo .....	70
4.5 Constructo IV: Percepção dos professores e coordenadores sobre habilidades e competências (interdisciplinaridade) empregadas na grade curricular de Finanças.....	70
4.5.1 Análise do quarto constructo .....	72
4.6 Análise dos conteúdos de Finanças nas grades curriculares dos cursos de Ciências Contábeis da cidade de São Paulo .....	72
4.6.1 Nomenclatura das disciplinas de Finanças .....	73
4.6.2 Carga horária das disciplinas.....	73
4.6.3 Perfil dos professores das disciplinas de Finanças e Matemática Financeira.....	75

4.6.4 Conteúdos ministrados nas disciplinas .....	77
4.6.5 Bibliografias utilizadas nas disciplinas.....	78
.....	
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO E CONSTRUCTOS.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE B – BANCO DE DADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE C – PESQUISA PERFIL DOS RESPONDENTES.....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE D – ANÁLISE DE DADOS SOBRE OS CONSTRUCTOS.....</b>	<b>104</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Contabilidade é o instrumento utilizado nas empresas para mensuração de resultados e subsidia a tomada de decisões que podem levar à ascensão ou ao declínio dos negócios, dependendo de sua utilização pelos *shareholders* e *stakeholders*.

O curso de graduação em Ciências Contábeis deveria oferecer aos discentes conceitos amplos para desenvolver a mensuração de resultados da empresa, o que permitiria fornecer a informação adequada para a tomada de decisão dentro do ambiente próximo e remoto, seja a empresa pública ou privada.

Esta dissertação enfoca as Finanças como campo de atuação em que é possível empregar relatórios contábeis. Reconhece ainda que existem implicações financeiras virtualmente em todas as decisões de negócios, e que os executivos não-financeiros precisam conhecer o suficiente de Finanças para trabalhar essas implicações em suas análises especializadas.

Autores como Dias (2007), Horngren, Sundem e Stratton (2004) e Marion (1998) apontam novos rumos para a atuação do contador. Marion (1998) comenta que “dentro da Contabilidade Financeira, as especializações, como Contabilidade Rural, Contabilidade Hospitalar, Contabilidade Imobiliária etc. e os casamentos Contabilidade e Informática, Contabilidade e Direito Tributário etc., são excelentes opções para essa mudança de milênio”.

Ainda segundo o autor (1998), quase todos os processos judiciais requerem a pessoa do perito contábil que, da mesma forma que o auditor, é de competência exclusiva do contador. Outra função importante seria a dos consultores contábeis, em diversas áreas de especialização. Some-se a essas atividades a de analista financeiro (de mercado de capitais, de crédito e de desempenho da empresa), cada vez mais procurado no mercado.

O autor (1998) acrescenta que, “para preparar essa demanda enorme de contadores, são necessários docentes e pesquisadores” e cita ainda Investigação Contábil, Contabilidade Ecológica, Auditoria Ambiental, Contabilidade Estratégica e Contabilidade Prospectiva.

Por sua vez, Horngren, Sundem e Stratton (2004, p.17) informam que “os vários tipos e níveis de pessoal da contabilidade encontrados em uma organização significam que há amplas oportunidades abertas àqueles que dominam a disciplina contabilidade”. A Contabilidade lida com todas as facetas de uma organização e deve abranger todas as funções

de gestão, inclusive compras, produção, vendas no atacado, no varejo e uma variedade de atividades de marketing e transporte.

Horngrén, Sundem e Stratton (2004, p.17) ainda informam que, por todos esses aspectos, não é raro que contadores seniores ou *controllers* em uma empresa sejam promovidos a executivos de produção ou de marketing por terem adquirido habilidades gerenciais gerais.

Dias (2007, p.30) acrescenta a função de contador gerencial que, por meio “de ações gerenciais, pode subsidiar os administradores no processo de gestão, tornando-se elemento significativo tanto na estratégia quanto nas operações a serem executadas”.

Nesse contexto de diversificação na atuação profissional, os graduandos em Ciências Contábeis devem dominar noções de Finanças para subsidiar os gestores na tomada de decisões. Assim, os conteúdos de Finanças que compõem a grade curricular do curso de Ciências Contábeis merecem consideração especial. O foco central dessa consideração é verificar se essa grade curricular contempla os conteúdos de Finanças e se esses conteúdos contribuem, na percepção dos professores e coordenadores do curso de Ciências Contábeis, para a formação do futuro contador. Em vista disso, com este trabalho, pretende-se verificar a percepção de coordenadores e professores sobre as condições de oferta dos conteúdos de Finanças em cursos de Ciências Contábeis, nas IES da cidade de São Paulo a seguir relacionadas:

- a) Pontifícia Universidade Católica - PUC SP;
- b) Universidade de São Paulo – USP;
- c) Universidade Camilo Castelo Branco - UNICASTELO;
- d) Faculdade Sumaré;
- e) Universidade Presbiteriana Mackenzie;
- f) Universidade de Mogi das Cruzes – UMC - Campus Villa Lobos;
- g) Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP;
- h) Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE;
- i) Universidade Cidade de São Paulo – UNICID;
- j) Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL;
- l) Universidade São Marcos.

Para atingir os objetivos propostos, foram usadas, de forma combinada, pesquisa bibliográfica, documental e exploratória. A amostra das IES pesquisadas foi definida por acessibilidade. A pesquisa de campo foi feita por meio de questionário, dirigido a coordenadores e professores do curso de Ciências Contábeis das instituições em questão.

### **1.1 Problema da pesquisa**

Segundo Booth, Colomb e Williams (2000, p. 66), um problema de pesquisa “origina-se na mente, a partir de um conhecimento incompleto ou uma compreensão falha”. Nesse contexto, o problema proposto para esta pesquisa é: **Qual é a percepção de professores e coordenadores de cursos de Ciências Contábeis na cidade de São Paulo sobre a oferta de conteúdos de Finanças?**

A questão formulada remete a outra, a ser respondida pela pesquisa que é a seguinte: **Quais são as condições de oferta dos conteúdos de Finanças nos cursos pesquisados?**

### **1.2 Objetivos da pesquisa**

De acordo com Vergara (2000 p.25), “se o problema é uma questão a investigar, objetivo é um resultado a alcançar”. Assim, com esta dissertação, objetiva-se verificar a percepção de coordenadores e professores sobre as condições de oferta dos conteúdos de Finanças em cursos de Ciências Contábeis. Como objetivos específicos, propõem-se:

- a) a análise das condições de oferta dos conteúdos de Finanças em cursos de Ciências Contábeis na cidade de São Paulo;
- b) a identificação dos conteúdos ofertados nos programas de disciplina:
  - denominação,
  - carga horária,
  - qualificação dos docentes,
  - tempo de atuação no magistério,
  - estratégias de ensino usadas,

- recursos institucionais,
  - critérios de avaliação,
  - conteúdos ministrados,
  - bibliografia adotada.
- c) a verificação, junto aos coordenadores e professores de cursos de Ciências Contábeis, da importância dos conteúdos de Finanças ministrados para a formação dos futuros contadores.

### **1.3 Estrutura da dissertação**

Este trabalho está estruturado como se segue:

- a) capítulo 1: apresenta o tema, o problema, os objetivos e a metodologia a ser utilizada na pesquisa;
- b) capítulo 2: apresenta a base teórica da pesquisa;
- c) capítulo 3: apresenta os métodos e as técnicas utilizados na realização da pesquisa;
- d) capítulo 4: apresenta e analisa os resultados obtidos na pesquisa de campo;
- e) capítulo 5: considerações finais;
- f) Referências.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1. Discussão introdutória sobre a inter-relação entre Contabilidade e Finanças

De acordo com o IBRACON (2005), “a Contabilidade é, objetivamente, um sistema de informação e avaliação destinado a prover seus usuários com demonstrações e análises de natureza econômica, financeira, física e de produtividade, com relação à entidade objeto de contabilização”. Esse “sistema de informação e avaliação” segue princípios fundamentais, estabelecidos pela Resolução 750/93, do Conselho Federal de Contabilidade (CFC).

Brasil, H. V. e Brasil, H. G. (1997, p. 1) buscam um novo enfoque para a Contabilidade, ao dizer que “para não ficar restrita a uma função de simples registro e se transformar em um instrumento de gestão da empresa, a contabilidade deve sofrer certas adaptações”.

Para os mesmos autores (1997, p.1), na visão tradicional da Contabilidade, havia uma preocupação com a responsabilidade de saldar compromissos em caso de encerramento das atividades financeiras. Tal fato implica uma visão estática da organização, que corresponde à “simulação de uma autópsia num sistema que parou de funcionar”.

Nesse sentido, complementam os autores (1997 e p.2) que:

A ênfase está nos aspectos de solvência, medida pelos índices de liquidez, que são úteis, mas não dizem tudo. A empresa, no entanto, é um organismo vivo, agindo num ambiente em constante mudança. Cresce, desenvolve-se e aumenta seu valor patrimonial, criando, portanto, riqueza para o país e emprego para os cidadãos.

A Contabilidade deve cumprir seu papel de instrumental para avaliar os riscos e tomar as ações corretivas necessárias. Em vista disso, deveria assumir um propósito dinâmico, segundo o qual persiste o interesse em saldar compromissos, acrescido da preocupação em manter-se em funcionamento.

Esse enfoque enfatiza aspectos financeiros de liquidez, privilegiando as análises dos equilíbrios de fluxo monetário; como consequência, a Contabilidade torna-se funcional e sistêmica.

Brasil, H. V. e Brasil, H. G. (1997, p. 3) apontam que:

Para fazer com que a contabilidade seja sistêmica, no âmbito de cada demonstrativo e entre si (subsistemas e sistema), temos que conceituar um modelo que abarque a empresa como um todo, da ótica financeira. Em outras palavras, devemos explicitar no emaranhado das várias contas, alguns poucos parâmetros privilegiados através dos quais seja possível atuar para corrigir rumo ou simular situações.

Um dos grandes desafios para qualquer empresa, independentemente do tamanho, segmento, grupo econômico ou espaço geográfico de atuação, é a obtenção de lucratividade na medida adequada à manutenção de suas atividades operacionais, geração de recursos suficientes para pagamento de seus compromissos e suporte às estratégias de crescimento.

É necessário que as empresas desenvolvam controles operacionais, financeiros e contábeis adequados às suas necessidades e forneçam a seus gestores as informações mínimas necessárias para a mensuração dos resultados e avaliação das metas financeiras estabelecidas pela administração da companhia.

Essas tarefas cabem à Administração Financeira, a mais ampla das áreas de atuação de Finanças, também denominada “Finanças de Empresas”, cuja atuação envolve decisões empresariais.

Sobre esse aspecto, Brigham, Gapenski e Ehrardt (2001, p. 25) postulam que “quando a Administração Financeira surgiu como um campo de estudo separado no início de 1900, a ênfase era sobre os aspectos legais de fusões, a formação de novas empresas e os vários tipos de títulos que as empresas poderiam emitir para levantar capital”. Na década de 1930, a administração financeira enfatizava “concordatas e reorganização, liquidez das empresas e regulamentação dos mercados de títulos”.

Somente na década de 1950 o foco mudou para decisões administrativas relacionadas à escolha de ativos e passivos, visando à maximização do valor da empresa. A década de 90 enfatizou esse foco, ou seja, a inter-relação entre Contabilidade e Finanças, tendo em vista alguns fatores importantes:

- a) implementação de planos de remuneração agregados à geração de valor;
- b) crescimento do ativismo dos acionistas;
- c) atuação agressiva dos gestores de carteiras na pressão de medidas que beneficiem acionistas.

De acordo com Gitman (1997), a dimensão e a importância da função da Administração Financeira dependem do tamanho da empresa. Em pequenas empresas, a

função financeira é geralmente exercida pelo departamento de Contabilidade. À medida que a empresa cresce, a importância da função financeira conduz, em geral, à criação de um departamento próprio, dirigido pelo vice-presidente de Finanças e diretamente subordinado ao presidente ou executivo principal da empresa.

Brealey, Myers e Marcus (2002, p. 14) utilizam o termo “gestor financeiro” para se referir a “qualquer pessoa responsável por um investimento corporativo significativo, ou decisão financeira”, acrescentando que, “com exceção das pequenas empresas, a responsabilidade pelas decisões não cabe a uma única pessoa”.

Para os autores (2002), três figuras costumam centralizar essas responsabilidades. A primeira é o Executivo financeiro principal, CFO, responsável por política financeira e planejamento corporativo; a segunda é o Tesoureiro, responsável por administração do caixa, captação de capital e relacionamento com os bancos; e a terceira é o *controller*, responsável por preparação dos relatórios financeiros, contabilidade/ auditoria e impostos.

Nas pequenas empresas, o tesoureiro é provavelmente o único executivo financeiro; já nas grandes corporações, há um *controller*, que prepara os relatórios financeiros, gerencia a contabilidade interna da empresa e cuida das situações fiscais e tributárias. A função principal do tesoureiro é obter e gerenciar o capital da empresa e a do *controller* é assegurar que o dinheiro seja usado eficazmente.

Algumas grandes empresas geralmente nomeiam um executivo financeiro principal para supervisionar o trabalho do tesoureiro e do *controller*. Esse executivo está profundamente envolvido na política financeira e no planejamento corporativo.

Nesse sentido, Brealey, Myers e Marcus (2002, p. 15) informam que:

Por causa da importância de muitos assuntos financeiros, as decisões finais, muitas vezes pela lei ou por costume, ficam a cargo do quadro de diretores.[...] A diretoria geralmente delega autoridade de tomada de decisão para os gastos pequenos ou médios de investimento, mas a autoridade para aprovar grandes investimentos quase nunca é delegada.

Brigham, Gapenski e Ehrardt (2001, p.28) resumem as atribuições dos administradores financeiros, tornando clara a inter-relação entre Contabilidade e Administração Financeira. Desse modo, para eles, “as pessoas que trabalham com administração financeira decidem quais ativos devem ser adquiridos pela empresa, como esses ativos devem ser financiados, e como a empresa deve gerenciar seus recursos existentes”.

Brealey, Myers e Marcus (2002) enfatizam a importância da Contabilidade para a Administração Financeira ao afirmarem que todos os participantes da empresa visam ao seu sucesso e precisam monitorar seu progresso. Para isso, utilizam a Contabilidade Financeira como ferramenta devidamente auditada, para que represente uma visão verdadeira e justa da empresa.

Por sua vez, Groppelli e Nikbakht (2002, p. 13) apontam que os administradores financeiros “empregam os contadores para preparar os demonstrativos financeiros que fornecem informações sobre a lucratividade – Demonstrativo de Resultado do Exercício – e sobre a posição financeira da empresa – Balanço Patrimonial”.

Os demonstrativos financeiros auxiliam os administradores a tomar decisões envolvendo o melhor uso do caixa, a realização de operações eficientes, a melhor alocação de fundos entre os ativos e o financiamento eficaz de operações e de investimentos. Para interpretar os demonstrativos financeiros, são usados, em parte, índices financeiros, relatórios gerenciais, demonstrativos de origens e aplicações de recursos e orçamentos de caixa.

Assim, Brasil, H. V. e Brasil, H. G. (1997, p.111) ressaltam que:

As finanças de empresas têm um componente contábil que [...] permite a gestão econômico-financeira da empresa. Através dela, fazemos análises da liquidez, do equilíbrio a curto e longo prazo, da evolução da capacidade de geração de recursos próprios, sem falar da alavancagem financeira e, principalmente, dos índices estruturais ligados ao ciclo financeiro e à geração de recursos em nível operacional e, finalmente, a estrutura dos custos e as políticas de repartição dos lucros gerados nas operações.

É possível dizer que os vários balanços e demonstrações financeiras e contábeis permitem a elaboração de análises de liquidez e de lucratividade, sua evolução e suas ligações com a estrutura do negócio. Permitem também identificar, por análise comparativa, em que pontos houve deterioração no desempenho da organização.

Segundo Brasil, H. V. e Brasil, H. G. (1997, p.113), “do ponto de vista do empresário, só interessa ter dados contábeis se eles ajudarem na tomada de decisão. Dessa forma, muitas vezes os empresários necessitam de dados extra contábeis, não previstos nos balancetes periódicos, ou mesmo, pode pedi-los fora dos prazos habituais”.

Os autores (1997, p.114) ainda destacam que:

A contabilidade tem, portanto, que interagir mais com o setor gerencial e operacional da empresa e se aparelhar para agilizar a coleta e o fornecimento dos dados solicitados pelos executivos da empresa, em prazos adequados. [...] A função

dos contadores crescerá assim de importância, exigindo ao mesmo tempo um maior nível de conhecimento da empresa e uma integração maior com ela.

Conforme Braga (1995, p.32) “a contabilidade registra sistematicamente o valor das transações que alteram a posição patrimonial da empresa, evidenciando a formação do resultado econômico (lucro ou prejuízo)”.

Já Fleuriet, Kehdy e Blanc( 2003, p.1) informam que:

O balanço de uma empresa contém todas as contas que compõem o seu ativo e passivo. A apresentação tradicional mostra o balanço como um quadro no qual as diversas contas encontram-se agrupadas de acordo com dois critérios de classificação. O primeiro distingue, verticalmente, as contas do ativo das contas do passivo. Em sentido amplo, as contas do ativo representam aplicações ou uso de fundos, enquanto as contas do passivo representam as origens ou fontes de fundos utilizados pela empresa. O segundo agrupa, horizontalmente, as contas do ativo e passivo de acordo com os prazos das aplicações e das origens de fundos numa ordem de disponibilidade decrescente.

De acordo com os autores, a apresentação tradicional dos balanços pode ser esquematizada do seguinte modo:

PRAZOS	ATIVO		PASSIVO	
	APLICAÇÕES E FUNDOS		ORIGENS DOS FUNDOS	
Curto prazo	Ativo circulante	Aplicações por alguns dias	Fundos disponíveis por alguns dias	Passivo circulante
Curto prazo	Ativo circulante	Aplicações por menos de 365 dias	Fundos disponíveis por menos de 365 dias	
Longo prazo	Ativo não circulante	Aplicações por mais de 365 dias	Fundos disponíveis por mais de 365 dias	Passivo não circulante

**QUADRO 1 – Balanço patrimonial**

Fonte: Fleuriet, Kehdy e Blanc (2003, p.1)

Os mesmos autores (2003, p.2) consideram que “em geral, certas contas do ativo e passivo renovam-se constantemente à medida que se desenvolvem as operações da empresa. Este fato constitui a base para uma nova classificação horizontal [...] enfatiza os ciclos econômico e financeiro de uma empresa, fornecendo dados para a análise dinâmica”.

Na visão de Damodaran (1997, p.87), “existem três demonstrativos financeiros básicos: o demonstrativo de resultados, que mede as receitas e despesas da empresa; o balanço, que reflete os ativos e passivos da empresa; e o demonstrativo de fluxos de caixa, que examina as fontes e usos do dinheiro”.

O autor (1997) informa que o balanço anual "fornece um resumo daquilo que a empresa possui em termos de ativos e daquilo que deve tanto a seus credores quanto aos investidores em seu patrimônio líquido. O balanço anual é desenvolvido em torno da igualdade ativos - passivos = patrimônio líquido dos acionistas", acrescentando que ativos e passivos podem ser ainda mais decompostos em parcelas correntes e não-correntes, como no quadro a seguir:

ATIVOS	PASSIVOS E PATRIMONIO LÍQUIDO
Ativo circulante	Exigível a curto prazo
Caixa e títulos	Contas a pagar
Contas a receber	Empréstimo a curto prazo
Estoques	Outros exigíveis a curto prazo
Outros ativos circulantes	Dívida a longo prazo
Imóveis	Outros passivos não-circulantes
Propriedades, Instalações e equipamentos	Patrimônio líquido dos acionistas
(Ativos fixos)	Ações preferenciais
Ativos intangíveis	Ações ordinárias
	Lucros retidos
	Ações em tesouraria

**QUADRO 2 – Decomposição de ativos e passivos.** Fonte: Damodaran (1997, p.91)

O mesmo autor (1997, p.91) aponta que "um demonstrativo de resultados oferece informações sobre as atividades operacionais de uma empresa ao longo de um período de tempo específico", e esclarece que "o resultado líquido de uma empresa é igual às receitas menos despesas, onde as receitas medem os fluxos de entrada de recursos decorrentes da venda de mercadorias ou serviços e as despesas medem os fluxos de saída de recursos para a geração de receitas".

Outro objetivo das demonstrações contábeis é mostrar os resultados do gerenciamento, pela Administração, dos recursos que lhe são confiados e, para isso, as demonstrações contábeis fornecem informações sobre os seguintes aspectos de uma entidade: ativos, passivos, patrimônio líquido, receitas, despesas, ganhos e perdas e fluxo financeiro (fluxos de caixa ou das origens e aplicações de recursos).

Essas informações, juntamente com outras constantes das notas explicativas às demonstrações contábeis, auxiliam os usuários a estimar os resultados futuros e os fluxos financeiros futuros da entidade.

A Contabilidade, por meio dos seus registros consolidados em vários formatos de balanços, define posições e fluxos financeiros. Dessa forma, Brasil, H. V. e Brasil, H. G. (1997, p.1) afirmam que:

Os balanços patrimoniais podem ser considerados como fotografias da empresa em determinadas datas; a demonstração de resultados, os quadros de origens e aplicações, o demonstrativo de mutações patrimoniais consignam fluxos monetários e se assemelham a filmes, por mostrarem os movimentos de valores entre dois momentos ou duas posições, entre datas previamente determinadas.

Segundo os mesmos autores (1997), a missão da Contabilidade encerra-se com a preparação das demonstrações formais destinadas à divulgação externa. Acrescentam que “em certo sentido pode-se dizer que a administração financeira começa onde termina a contabilidade”. Os dados fornecidos pela Contabilidade devem ajudar o administrador financeiro a:

- a) avaliar a situação econômico-financeira;
- b) avaliar a formação do resultado;
- c) avaliar os efeitos de decisões tomadas anteriormente;
- d) corrigir rumos indesejados;
- e) tomar novas decisões;
- f) desenvolver planos operacionais e de investimentos.

### **2.1.1 Regime de competência e ciclo operacional**

Entende-se Regime de competência como:

Método de reconhecimento de receitas pela venda de bens ou pela prestação de serviços, independentemente da ocasião em que à entrada de caixa pela venda ou pela prestação de serviço ocorre. Nesse sistema, a despesa é reconhecida quando a correspondente receita é reconhecida, independentemente da ocasião em que à despesa foi ou será paga. (STICKNEY; WEIL, 2001, p.880)

De acordo com a NPC nº 27, do Instituto dos Contadores Independentes do Brasil (IBRACON, 2005), no Regime de Competência, “os elementos das demonstrações contábeis são reconhecidos quando satisfizerem as definições e os critérios de reconhecimento para essas transações previstas na Estrutura Conceitual Básica da Contabilidade”.

Pela Resolução 750/93 do CFC, esse regime obedece ao princípio de competência, como disposto no seu artigo 9º:

Art. 9º - As receitas e as despesas devem ser incluídas na apuração do resultado do período em que ocorrerem, sempre simultaneamente quando se correlacionarem, independentemente de recebimento ou pagamento.

§ 1º - O Princípio da COMPETÊNCIA determina quando as alterações no ativo ou no passivo resultam em aumento ou diminuição no patrimônio líquido, estabelecendo diretrizes para classificação das mutações patrimoniais, resultantes da observância do Princípio da Oportunidade.

§ 2º - O reconhecimento simultâneo das receitas e despesas, quando correlatas, é consequência natural do respeito ao período em que ocorrer sua geração.

O parágrafo 3º da Resolução 750/93 estabelece que:

As receitas consideram-se realizadas:

I - nas transações com terceiros, quando estes efetuarem o pagamento ou assumirem compromisso firme de efetivá-lo, quer pela investidura na propriedade de bens anteriormente pertencentes à ENTIDADE, quer pela fruição de serviços por esta prestados;

II - quando da extinção, parcial ou total, de um passivo, qualquer que seja o motivo, sem o desaparecimento concomitante de um ativo de valor igual ou maior;

III - pela geração natural de novos ativos independentemente da intervenção de terceiros;

IV - no recebimento efetivo de doações e subvenções.

§ 4º - Consideram-se incorridas as despesas:

I - quando deixar de existir o correspondente valor ativo, por transferência de sua propriedade para terceiro;

II - pela diminuição ou extinção do valor econômico de um ativo;

III - pelo surgimento de um passivo, sem o correspondente ativo.

Diante do exposto, é necessário apresentar comentários sobre o ciclo operacional, definido por Kothari (2004, p.11) “como o tempo transcorrido entre o início da produção e o recebimento de caixa dos clientes proveniente da venda do produto”.

O ciclo operacional é um aspecto importante no conhecimento de Finanças. É preciso dimensioná-lo rigorosamente para sua análise e compreensão exata, com a averiguação freqüente do chamado período-ciclo da empresa. Essa conduta permite o pronto conhecimento de uma informação importante para o gerenciamento financeiro de curto prazo: a adequação do “tempo” aos compromissos da empresa.

Para Kothari (2004, p.13), esta adequação ocorre quando se consideram os prazos médios de recebimento mais o prazo médio de estocagem, deduzido dos prazos médios de pagamento. Significa que o recebimento da venda a prazo e o giro dos estoques deveriam ocorrer em prazos menores do que os pagamentos, o que permite uma geração de caixa.

O ciclo operacional varia em função do setor de atividade e das características de atuação da empresa. A maioria das empresas tem um ciclo operacional inferior a um ano;

nesses casos, entende-se que ele se repete várias vezes no ano, evidenciando maior giro (rotação) para os investimentos operacionais (KOTHARI, 2004).

De acordo com o autor (2004), o ciclo operacional segue as seguintes fases:

- a) compra de matéria-prima;
- b) pagamento aos fornecedores;
- c) início da fabricação;
- d) término da produção;
- e) venda do produto;
- f) recebimento das duplicatas.

Sobre o assunto, Vieira (2005, p. 54) comenta que:

Para a maior parte das empresas, a atividade operacional se desenvolve através de um processo contínuo de compras, estocagem, produção e vendas. A essas etapas podem ser associados prazos para pagamentos aos fornecedores, manutenção de estoques (inclusive em processo de produção) e de recebimento dos clientes, que podem ser determinados através do cálculo de relações simples em relação às vendas.

Já Ross, Westerfield e Jaffe (2002, p. 603) informam que:

A duração do ciclo operacional é igual à soma dos prazos de estoques e contas a receber. O prazo de estoques é o tempo necessário para encomendar a matéria – prima, fabricar e vender um produto final. O prazo de contas a receber é o tempo necessário para receber os pagamentos devidos pelos clientes.

Vieira (2005, p. 55) refere-se ao ciclo operacional como “o período de tempo que decorre entre as compras de matérias - primas e o recebimento dos créditos a receber dos clientes [...] é igual à soma do prazo de conversão de estoques e do prazo de recebimento”.

Martins, E. (1999, p.9) informa que:

A aquisição de mercadorias a prazo produz o registro do ativo antes do seu desembolso e pode acontecer de esses bens serem baixados antes mesmo do respectivo pagamento. Assim, há sempre uma diferença no tempo entre o momento em que se registra o lucro com a transação e o efetivo aparecimento no caixa, do respectivo montante. Ainda mais que as vendas podem também ter essa diferença temporal.

Essa “diferença temporal” remete a considerações sobre o ciclo financeiro e o fluxo de caixa, a seguir.

### **2.1.2 Regime de caixa e ciclo financeiro**

As atividades financeiras e contábeis de uma empresa podem estar sob o comando do vice-presidente financeiro, de modo que a administração financeira e a contabilidade nem sempre se distinguem facilmente. Todavia, há uma diferença básica entre Finanças e Contabilidade: a ênfase no fluxo de caixa e na tomada de decisão.

Para Gitman (1997, p. 12), a “função principal do contador é desenvolver e fornecer dados para medir o desempenho da empresa, avaliar sua posição financeira e pagar imposto”. Na administração financeira, a ênfase é dada ao fluxo de caixa: entradas e saídas de caixa. Cabe ao administrador financeiro manter a solvência, analisando e planejando o fluxo de caixa para satisfazer as obrigações e adquirir os ativos necessários ao cumprimento dos objetivos da empresa. Ele adota o regime de caixa para reconhecer as receitas e despesas que efetivamente representam entradas e saídas.

Para Peleias (2002, p. 18), a missão da área financeira é ter recursos disponíveis para as operações. A área financeira é o “banco” interno da empresa e deve financiar os eventos, transações e atividades de outras áreas (inclusive as suas próprias); seu resultado decorre do valor de seus serviços, deduzidos dos custos financeiros incorridos, e dos eventos transações realizadas com o mercado externo.

Groppelli e Nikbakht (2002, p.13) defendem que “a contabilidade, à base do regime de competência, não revela integralmente as circunstâncias da empresa”. Para eles, o administrador financeiro deve enxergar além das demonstrações financeiras, para poder detectar os problemas atuais ou os potenciais.

Ainda nesse ponto de vista, ao se concentrar no fluxo de caixa, o administrador financeiro “deverá ser capaz de evitar a insolvência e atingir os objetivos financeiros da empresa”.

De acordo com Stickney e Weil (2001, p. 110), “pelo regime de caixa, a empresa reconhece receitas – pela venda de bens e serviços – e despesas - mercadorias, salários,

seguro, impostos – quando elas são efetivamente recebidas e pagas, respectivamente, impactando o caixa da empresa”.

Groppelli e Nikbakht (2002, p.13) explicam que demonstrativo do fluxo de caixa é um “relatório que fornece uma análise detalhada da maneira como o caixa foi gerado e indica como foi utilizado na condução de cada fase de um negócio. Como consequência, esse demonstrativo fornece outra ferramenta importante para os administradores que procuram controlar e entender os fatores externos e as políticas internas que influenciam os fluxos de caixa da empresa”.

O Jornal Oficial da União Européia/ PT (L 261/3513.10.2003) apresenta as disposições da Norma Internacional de Contabilidade n.7 sobre as demonstrações de fluxo de caixa: “10. A demonstração de fluxos de caixa deve relatar os fluxos de caixa durante o período classificados por atividades operacionais, de investimento e de financiamento“. Na seqüência, informa que:

11. Uma empresa apresenta os seus fluxos de caixa das atividades operacionais, de investimento e de financiamento da maneira que seja mais apropriada para os seus negócios. A classificação por atividades proporciona informação que permite aos usuários determinar o impacto dessas atividades na posição financeira da empresa e nas quantias de caixa e seus equivalentes. Esta informação pode ser também usada para avaliar as relações entre estas atividades.

Conforme a NIC 7, item 13, a quantia de fluxos de caixa proveniente de atividades operacionais é um indicador-chave, à medida que as operações da empresa geram fluxos de caixa suficientes para pagar empréstimos, manter a capacidade operacional da empresa, pagar dividendos e fazer novos investimentos, sem recurso a fontes externas de financiamento (JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPÉIA/ PT , 2003)

Alguns exemplos de “fluxos de caixa de atividades operacionais” são:

- a) recebimentos de caixa provenientes da venda de bens e da prestação de serviços;
- b) recebimentos de caixa provenientes de *royalties*, honorários, comissões e outros créditos;
- c) pagamentos de caixa a fornecedores de bens e serviços;
- d) pagamentos de caixa a e a favor de empregados;

- e) recebimentos de caixa e pagamentos de caixa de uma empresa seguradora relativos a prêmios e reclamações, anuidades e outros benefícios derivados das apólices de seguros;
- f) pagamentos de caixa ou restituições de impostos sobre o rendimento, a não ser que possam ser especificamente identificados com as atividades de financiamento e de investimento;
- g) recebimentos de caixa e pagamentos de caixa de contratos detidos para fins negociais ou comerciais.

O item 16 do documento considera importante a divulgação separada dos fluxos de caixa provenientes das atividades de investimento, “porque os fluxos de caixa representam a extensão pela qual os dispêndios foram feitos relativamente a recursos destinados a gerar rendimento e fluxos de caixa futuros”.

Alguns exemplos de fluxos de caixa provenientes “de atividades de investimento” são:

- a) pagamentos de caixa para aquisição de ativos fixos tangíveis, intangíveis e outros ativos a longo prazo. Esses pagamentos incluem os relacionados com custos de desenvolvimento capitalizados e ativos fixos tangíveis auto-construídos;
- b) recebimentos de caixa por vendas de ativos fixos tangíveis, intangíveis e outros ativos a longo prazo;
- c) pagamentos de caixa para aquisição de instrumentos de capital próprio ou de dívida de outras empresas e de interesses em empreendimentos conjuntos (que não sejam pagamentos dos instrumentos considerados equivalentes de caixa ou dos detidos para fins negociáveis ou comercializáveis);
- d) recebimentos de caixa de vendas de instrumentos de capital próprio ou de dívida de outras empresas e de interesses em empreendimentos conjuntos (que não sejam recebimentos dos instrumentos considerados equivalentes de caixa e dos detidos para fins de negociação ou de comercialização);
- e) adiantamentos de caixa e empréstimos feitos a outras partes (que não sejam adiantamentos e empréstimos feitos por uma instituição financeira);

- f) recebimentos de caixa provenientes do reembolso de adiantamentos e de empréstimos feitos a outras partes (que não sejam adiantamentos e empréstimos de uma instituição financeira);
- g) pagamentos de caixa para contratos de futuros, *forwards*, opção e *swap*, exceto quando os contratos forem mantidos para fins de negociação ou de comercialização ou os pagamentos classificados como atividades de financiamento;
- h) recebimentos de caixa de contratos de futuros, *forwards*, opção e *swap*, exceto quando os contratos forem mantidos para fins de negociação ou de comercialização ou os recebimentos classificados como atividades de financiamento.

O item 17 da NIC 7 realça a importância da divulgação separada de fluxos de caixa provenientes “das atividades de financiamento na predição de reivindicações futuras de fluxos de caixa pelos fornecedores de capitais à empresa”.

Alguns exemplos desses fluxos de caixa são:

- a) proventos de caixa oriundos da emissão de ações ou de outros instrumentos de capital próprio;
- b) pagamentos de caixa a detentores para adquirir ou remir as ações da empresa;
- c) entradas de caixa oriundas da emissão de certificados de dívida, empréstimos, livranças, obrigações, hipotecas e outros empréstimos obtidos a curto ou longo prazo;
- d) reembolsos de caixa de quantias de empréstimos obtidos;
- e) pagamentos de caixa por um locatário para a redução de uma dívida em aberto relacionada com uma locação financeira.

A contraposição entre os dois regimes é o que se apresenta a seguir.

Martins, E. (1999, p.16) refere-se à capacidade preditiva da demonstração do resultado, ao afirmar que é “muito maior que a do fluxo de caixa”, devido à existência tanto de confrontação entre receitas e despesas na demonstração do resultado quanto entre ativos depreciados e receita. Por outro lado, “no fluxo de caixa normalmente a desvinculação é

completa e temos épocas com grandes desembolsos e épocas com grandes fluxos de entrada, e podemos perder de vista o cotejo”.

Stickney e Weil (2001, p.113) consideram que “em comparação com o regime de caixa, o regime de competência fornece melhor medida do desempenho operacional [...]”, por duas razões: as receitas refletem mais precisamente os resultados da atividade de vendas, e as despesas confrontam-se mais adequadamente com as receitas reconhecidas.

Acrescentam que “o regime de competência focaliza a atenção no influxo de ativos líquidos [...] decorrentes das operações – as receitas – e no uso de ativos líquidos nessas mesmas operações – as despesas –, independentemente de os ativos líquidos terem sido, ou não, recebidos ou pagos”.

Assim, verifica-se que, mesmo conscientes da importância do fluxo de caixa, os contadores focalizam primordialmente os métodos de regime de competência, e os administradores financeiros, os métodos de regime de caixa.

A respeito desse confronto, Martins, E. (1999, p.9) afirma que “muito se tem escrito e falado recentemente a respeito da superioridade do fluxo de caixa sobre a demonstração do resultado, da volta da contabilidade ao custo histórico puro e até da maior utilidade do regime de caixa sobre o de competência para fins de gerenciamento de empresas”.

Martins, E. (1999, p.13) ainda também enfatiza que:

[...] tudo isso pode ser válido... para quem não entende de Contabilidade, ou não sabe de fato o que é regime de competência, não entendeu o que é fluxo financeiro na inflação ou então para quem está sempre atrás de novos modismos, quaisquer que sejam independentemente de uma análise crítica e racional.

Continuando seu raciocínio, Martins, E. (1999, p.9) questiona a verdadeira diferença entre demonstração do resultado e fluxo de caixa, esclarecendo que ela “reside na mais correta alocação” do regime de competência em relação aos “fluxos de entrada e saída dos fluxos financeiros puros”.

Groppelli e Nikbakht (2002, p.14, pg) entendem que a demonstração do resultado e o balanço “juntos respondem adequadamente para a análise da evolução do patrimônio e para o conhecimento de sua efetiva rentabilidade”, enquanto o fluxo de caixa é mais útil para a análise financeira de curtíssimo prazo.

Hendriksen e Van Breda (1999, p. 174) explicam que:

A maior parte das mensurações contábeis [...] baseia-se em fluxos de caixa passados, presentes ou esperados. As receitas são geralmente medidas em termos do valor líquido de numerário que se espera receber em função da venda de bens ou da prestação de serviços. As despesas são geralmente medidas em termos do numerário pago, o que se espera ser pago por bens e serviços utilizados pela empresa. Os valores a receber ou pagar representam a alocação, ao período correspondente, de recebimentos ou pagamentos futuros esperados. Os valores diferidos representam a alocação, ao período corrente a períodos futuros, de recebimentos e pagamentos passados.

Para os autores(1999), as posições a respeito dividem-se basicamente em:

- a) defesa da substituição da demonstração de resultado e do balanço em sua versão tradicional por uma demonstração do fluxo de caixa;
- b) preferência por certos procedimentos, com base na possibilidade de evitar alocações arbitrárias a diversos períodos;
- c) preferência pelo uso de fluxos de lucro como aproximação dos fluxos de caixa.

Segundo Brealey, Myers e Marcusn (2002, p. 43), “a empresa precisa de caixa quando ela compra uma nova fábrica ou máquina, ou quando paga juros aos bancos e dividendos aos acionistas. Assim sendo, o gerente financeiro precisa ter controle do caixa que está entrando e saindo”, e acrescentam que “o fluxo de caixa da empresa pode ser bastante diferente de seu lucro líquido”. Ainda apontam os motivos:

- a) a demonstração de resultados não reconhece as despesas de capital no ano em que os bens de capital foram pagos; em vez disso, distribui essas despesas na forma de uma dedução anual como depreciação;
- b) a demonstração de resultado usa o método contábil denominado regime de competência, o que significa que as receitas e as despesas são reconhecidas à medida que são incorridas, não quando o caixa é recebido ou pago (regime de caixa).

Os mesmos autores (2002, p. 45) justificam as diferenças entre os demonstrativos a partir da situação nos Estados Unidos, onde “apesar dos princípios contábeis geralmente aceitos existirem há muito tempo para padronizar as práticas contábil, nos Estados Unidos os contadores ainda têm certa liberdade para registrar os ganhos e os valores contábeis”.

Ainda Brealey, Myers e Marcus (2002, p. 43), postulam que:

Os analistas financeiros têm ainda mais liberdade para usar esses registros; por exemplo, alguns analistas incluem ganhos e perdas de eventos extraordinários ou não recorrentes, quando registram o resultado líquido, mas outros não. Do mesmo modo, os contadores são discretos no que diz respeito ao tratamento dos ativos intangíveis, marcas registradas e franquias. Alguns acreditam que incluir esses intangíveis no balanço fornece a melhor medida do valor da empresa como uma empresa em atividade. Outros adotam uma abordagem mais conservadora, excluem ativos intangíveis.

O quadro a seguir sintetiza as diferenças entre as informações contidas no balanço patrimonial, no demonstrativo de resultados e no demonstrativo de fluxo de caixa:

<b>Balanço Patrimonial</b>	<b>Demonstrativo de Resultados</b>	<b>Demonstrativo de Fluxo de Caixa</b>
Fornecer uma foto instantânea dos ativos e passivos da empresa	Mede a lucratividade da empresa durante o ano Mostra a diferença entre receitas e despesas.	Mede as origens e aplicações do dinheiro durante o ano.

#### **QUADRO 3 – Diferenças entre o BP, DR e DFC**

Fonte: O autor, com base em Brealey, Myers e Marcus (2002)

### **2.1.3 O processo decisório e os conteúdos de Finanças**

As decisões empresariais podem ser medidas em termos financeiros. As funções na área vão desde a tomada de decisões em relação à expansão de fábricas até a escolha dos tipos de títulos que devem ser emitidos para financiar expansões.

De acordo com Brigham, Gapenski e Ehaardt (2001), cabe à Administração Financeira a responsabilidade de determinar os termos de crédito sob os quais os clientes poderão fazer suas compras, o montante de estoque que a empresa deve manter, quanto de caixa manter disponível, se deve ou não comprar outras empresas (análise de fusões) e a quantidade de lucros que a empresa deve reinvestir versus a quantidade que deve ser distribuída na forma de dividendos.

Gitman (1997) apresenta as “atividades-chave” do administrador financeiro: análise e planejamento financeiro, decisões de investimento e decisões de financiamento. Nota-se que tais atividades revelam a inter-relação entre Contabilidade e Administração Financeira. Para melhor explicitar esse aspecto, seguem-se ações específicas de cada atividade-chave:

- a) análise e planejamento financeiro: transformação dos dados financeiros para monitorar a situação financeira da empresa, avaliação da necessidade de

aumentar ou reduzir a capacidade produtiva e aumento ou redução de financiamentos;

- b) decisões de investimento: determinação do montante de recursos a aplicar em ativos circulantes e ativos permanentes e decisão a respeito de modificação, substituição ou liquidação dos ativos existentes;
- c) decisões de financiamento: combinação mais apropriada entre financiamentos a curto e longo prazos e determinação das fontes de financiamento.

Nesse contexto, a Contabilidade tem um papel importante como apoio ao processo decisório, conforme Salazar e Benedicto (2004), que enfatizam a necessidade de analisar a natureza e o significado do papel dessa ciência como veículo de informação para as tomadas de decisão.

Para os autores (2004), o sistema contábil abrange o processo de registro dos eventos econômicos, com a principal finalidade de organizar e resumir informações que possam ser consultadas a qualquer tempo e que forneçam o perfil econômico em um determinado período ao longo do ciclo de vida do negócio.

Tal sistema de contabilizar os eventos é realizado pelos contadores, os quais, após classificá-los e registrá-los segundo as normas contábeis vigentes, são responsáveis pela preparação das correspondentes demonstrações financeiras, que nada mais são do que um resumo relevante de tudo o que aconteceu no período abordado.

Salazar e Benedicto (2004, p.1) salientam que:

É considerando os tipos de informação desejada pelos administradores e outros tomadores de decisão, à luz das normas e práticas contábeis admitidas pela legislação brasileira, que os contadores desenham seus sistemas contábeis. Os profissionais de contabilidade responsáveis pelo registro e lançamento nos livros contábeis, ou nos computadores, mediante programas de contabilidade específicos, executam os serviços mais rotineiros dos procedimentos desenhados pelos contabilistas. No entanto, qualquer que seja o sistema contábil utilizado, o que na verdade importa é o conteúdo informacional que ele fornece em determinado tempo oportuno.

A informação fornecida pelas demonstrações financeiras é de importância para todos aqueles que têm o poder de decisão; mas, para respaldar a tomada de decisão e produzir o efeito desejado, tal informação deve passar por um processo de interpretação em termos financeiros, o que amplia seu conteúdo.

Entre outros importantes usuários das demonstrações financeiras estão os administradores, remunerados para gerar lucros aos investidores. Para tanto, utilizam as demonstrações financeiras como referência. É por meio delas que os administradores predizem os efeitos de suas decisões e atuam visando ao aumento dos valores ali demonstrados.

Salazar e Benedicto (2004, p.7) concluem que:

A contabilidade de uma empresa pode ser considerada a sua coluna vertebral e também um instrumento importante para conhecer o que aconteceu e o que está acontecendo nela. Não há possibilidade de tomarmos decisões que conduzam ao sucesso se a ação da empresa não for registrada [...] as principais perguntas que os tomadores de decisão fazem sobre o sucesso financeiro de uma empresa são respondidas pelos contadores com o uso das principais demonstrações financeiras.

De acordo com Gitman (1997), o papel do contador é fornecer dados consistentes e de fácil interpretação sobre as operações passadas, presentes ou futuras da empresa. O administrador financeiro utiliza esses dados na forma como se apresentam ou após realizar alguns ajustes, e os toma como um importante insumo ao processo de tomada de decisão.

## **2.2 Pesquisas sobre análise de condições de oferta de disciplinas em cursos de Ciências Contábeis**

Neste tópico, serão apresentados trabalhos anteriores sobre condições de ofertas de disciplinas em cursos de Ciências Contábeis levantados por meio de pesquisa bibliográfica. Buscou-se, com esta etapa de revisão de literatura, analisar as preocupações e achados de outros pesquisadores e compreender de que maneira a análise de condições de oferta em cursos de Ciências Contábeis pode contribuir na formação dos futuros contadores.

Em seu trabalho, Nossa e Mazoco (2000) informam que “o reconhecimento das deficiências na formação do futuro profissional contábil veio reforçar a consciência da necessidade de contribuir para que o processo de melhoria aconteça em menor espaço de tempo possível”.

Nesse sentido, Barros, (2005) propõe uma nova metodologia para o ensino de Contabilidade Gerencial, ao justificar que:

Essa discussão encontra respaldo e justificativa na necessidade de se conhecer melhor o conteúdo estudado pela Contabilidade Gerencial no meio acadêmico e a

importância desse conhecimento no desenvolvimento profissional do contador. A escolha da disciplina Contabilidade Gerencial como tema de pesquisa explica-se por ser considerada integradora com várias outras áreas da Contabilidade e Administração Financeira e pelo seu aspecto dinâmico e emergente caracterizado dentro do contexto sócio-econômico. A Contabilidade Gerencial possibilita proporcionar ao aluno a compreensão da interferência da Contabilidade no Controle Gerencial.

Ainda para o autor “a intenção de adequar o conteúdo programático da disciplina Contabilidade Gerencial é torná-lo mais produtivo, mais eficiente e mais atraente o suficiente para que os alunos sintam a necessidade de aplicá-lo, levando o ensino para o nível extra-acadêmico, utilizando-se de mecanismos de natureza prática”.

Diante disso, o mesmo autor (2002) sugere um conteúdo programático desdobrado nos seguintes tópicos:

- a) Contabilidade Gerencial e Sistema de Informação Contábil;
- b) Gerenciamento Contábil Global;
- c) Gerenciamento Contábil Setorial;
- d) Gerenciamento Contábil Específico;
- e) Orçamento e Projeções;
- f) Contabilidade de apoio a situações especiais.

O autor (2002) propõe uma metodologia para o ensino de Contabilidade Gerencial que propicie:

- a) interação entre os grupos de professores;
- b) conhecimento da turma no primeiro dia de aula;
- c) estudo e resolução de casos e problemas: coleta de dados reais nas empresas;
- d) integração entre a instituição de ensino e as empresas.

Andrade (2002) elaborou uma pesquisa sobre as condições de ensino de Contabilidade Introdutória no curso de Graduação em Ciências Contábeis nas 90 universidades públicas brasileiras, por meio de um levantamento de dados, visando conhecer:

- a) os métodos e meios de ensino utilizados na disciplina, bem como avaliar o interesse de seus professores pela utilização de tecnologias educacionais (uso de computadores na educação, softwares educativos, videoconferência etc.);

- b) a estrutura dos departamentos para a utilização das tecnologias supra mencionadas.

A autora (2002) utilizou um questionário como instrumento de coleta de dados, visando a investigar sobre:

- a) distribuição do conteúdo programático;
- b) qualificação do corpo docente;
- c) bibliografia adotada;
- d) metodologia de ensino aplicada;
- e) estrutura dos departamentos;
- f) utilização de softwares aplicativos nas atividades didáticas;
- g) interesse por software educativo.

Os resultados obtidos permitiram a Andrade (2002) constatar que:

100% dos professores, utilizam o estilo de aula expositiva, muito embora a mesma proporção deseja utilizar software educativo para o ensino de Contabilidade, bem como acredita no aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem com a utilização de tal ferramenta. Foi possível ainda identificar que mais da metade obedece ao regime de tempo integral de serviço; 30% já possui o título de Mestre em Contabilidade, além de 73% possuir experiência profissional em departamentos de contabilidade.

Brussolo e Peleias (2002) apresentaram um trabalho por meio do qual procuraram demonstrar as exigências do mercado de trabalho para o Contador, a partir dos conhecimentos dele exigidos “em vários níveis hierárquicos de sua carreira”. Nesse sentido, realizaram uma:

Análise em relação à Resolução 03/92 do Conselho Federal de Educação, que traz o conteúdo mínimo e a carga horária para o curso de graduação em Ciências Contábeis, e em relação ao Edital 04/97 do Ministério da Educação que traz a proposta de novas diretrizes curriculares da Comissão de Especialistas do Ensino da Contabilidade procurando verificar qual destes diplomas legais melhor atende as necessidades do mercado de trabalho, através de um comparativo entre as exigências das empresas, a Resolução 03/92 e a proposta da Comissão de Especialistas.

Hofer (2004) elaborou um estudo exploratório sobre o ensino de Contabilidade Introdutória nas universidades estaduais do Paraná, com o objetivo de identificar a qualificação docente, as estratégias de ensino, os recursos institucionais e a forma de avaliação utilizados, o conteúdo ministrado e a bibliografia adotada. Nesse estudo, constatou que:

- a) o quadro docente é composto por 12 professores, dos quais seis são mestres e os demais, especialistas;
- b) os docentes utilizam estratégias de ensino diversificadas, embora o método mais utilizado seja aula expositiva;
- c) os docentes dispõem de recursos atualizados, embora se restrinjam ao uso de quadro de giz e retroprojeto;
- d) a forma de avaliação mais usada é a prova escrita.

Quanto aos conteúdos ministrados, dividem-se em “grandes tópicos”: Noções preliminares, Relatórios ou informes contábeis, Estatística patrimonial, Variações do patrimônio líquido, Contabilidade por balanços sucessivos, Balanço patrimonial: grupos de contas, Princípios fundamentais de contabilidade, Regimes de contabilidade, Dinâmica patrimonial, Integração DO BP, DRE E LPA, Plano de contas, Escrituração, Balancete, apuração do resultado e levantamento do balanço, Operações com mercadorias, A Contabilidade no processo de gestão e Constituição de empresas.

Nesse sentido, Hofer (2004) entende que a contabilidade “está sendo introduzida com uma visão global da empresa, demonstrando ao contador a importância da visão sistêmica da empresa em que irá atuar. O conhecimento e envolvimento do contador na elaboração do planejamento estratégico possibilitam-lhe uma visão do todo, objetivos, metas e missão da empresa”.

Sinatora (2004) elaborou uma pesquisa exploratória que analisou as condições de oferta dos conteúdos de sistemas de informação nos cursos de graduação em Ciências Contábeis da cidade de São Paulo e constatou que:

O Parecer CNE/CES nº 289/2003 prevê que, na elaboração do projeto pedagógico do curso de Ciências Contábeis devem ser contempladas as diversidades das mudanças sociais, acompanhando as novas e mais sofisticadas tecnologias, fato que exige contínuas revisões no projeto pedagógico. Essas tecnologias levam à necessidade de tornar o curso reflexo das demandas do mercado, por meio da formação de profissionais flexíveis e com suficiente autonomia intelectual e de conhecimento, para se adaptarem às mudanças do mercado e da sociedade como um todo.

No que se refere à legislação internacional, Sinatora (2004), cita a *International Federation of Accountants* (IFAC), especificamente o IEG 11 – *International Educational Guideline* –, que trata da inclusão de Tecnologia da Informação nos currículos de

Contabilidade, ressaltando os conhecimentos organizacionais e de negócios necessários à formação do contador.

Alguns requisitos considerados no documento citado incluem:

- a) conceitos de TI nos negócios empresariais;
- b) controles internos automatizados;
- c) desenvolvimento de padrões e práticas de sistemas empresariais;
- d) adoção de gestão de TI;
- e) implementação, utilização e avaliação de desempenho empresarial realizadas por sistemas automatizados, além das técnicas básicas para o uso de computadores e *softwares*.

Os resultados obtidos pela pesquisa indicam pontos positivos, dentre os quais atualização anual dos currículos, carga horária, empenho no alcance dos objetivos dos cursos e preocupação em refletir as práticas empresariais. Os pontos negativos levantados incluem baixa integração entre os docentes do curso, baixa interdisciplinaridade e o uso reduzido de sistemas ERP, em comparação com a demanda de mercado.

Ricardino Filho (2003) tratou da Auditoria no curso de Ciências Contábeis a partir da seguinte questão: "O ensino da disciplina Auditoria nas instituições de ensino superior brasileiras demonstra condições de cumprir seu papel de pré-qualificar minimamente os futuros militantes da área para o desempenho de seu papel, quer profissional quer social?"

Ricardino Filho (2003) reconhece que:

Conquanto robustos, os resultados da pesquisa são, por certo, quase alarmantes. A tabulação dos dados da pesquisa revelou que é, como mínimo, muito preocupante a situação do ensino da disciplina Auditoria no Brasil. Os docentes encarregados de disseminar os conhecimentos inerentes à atividade não possuem nem experiência profissional adequada nem a formação acadêmica mínima desejável. Adicionalmente, os livros indicados por eles próprios e que deveriam dar apoio às aulas ministradas apresentam conteúdo defasado das práticas utilizadas desde a década de 90.

O mesmo autor (2003) enumera os principais problemas detectados a partir dos 51 questionários analisados:

- a) 20% dos professores não têm formação em Ciências Contábeis;

- b) apenas três docentes concluíram mestrado em Ciências Contábeis;
- c) apenas um concluiu doutorado na área;
- d) nas 15 instituições que dedicam mais de 50% do conteúdo programático à Auditoria de Demonstrações Contábeis, cinco dos docentes nunca atuaram na área, e dois têm apenas um ano de experiência;
- e) as duas instituições que dedicam maior tempo ao ensino de Auditoria de Demonstrações Contábeis (100% e 90% das horas reservadas à disciplina) têm docentes sem qualquer experiência profissional em auditoria;
- f) no que diz respeito às instituições que direcionam a maior parte do conteúdo programático ao ensino de Auditoria Interna ou Auditoria Operacional, a metade não tem qualquer experiência na área, e um quarto possui 3 anos ou menos;
- g) o tempo médio destinado ao ensino da matéria, 121 horas/ aula, corresponde a não mais do que 4,5% das 2.700 horas estabelecidas pelo Ministério da Educação e Desportos como duração mínima para o curso em questão;
- h) os livros de Auditoria, indicados pelos docentes aos seus alunos, são anacrônicos no que diz respeito às técnicas de auditoria em uso pelas principais empresas da área, em todo o mundo.

Cardozo et al. (2006) elaboraram um trabalho com o objetivo de “identificar as metodologias de ensino utilizadas pelos professores de Contabilidade e pelos professores de Métodos Quantitativos que lecionam nos cursos de Ciências Contábeis nas Instituições de Ensino Superior do Espírito Santo”.

Os autores citam três metodologias utilizadas: tradicionalista, tecnicista e construtivista, e explicam que:

Na tendência tradicionalista o foco está no professor como detentor do saber, nessa tendência o aluno assume uma postura passiva, apenas repetindo o que é ensinado, não existe contextualização dos conceitos ensinados. Na tecnicista o foco está nas técnicas de ensino, a função do aluno é memorizar os procedimentos. Na tendência construtivista o foco é voltado para o aluno e nas suas relações com o professor, o ambiente e o saber.

O referencial teórico utilizado por Cardozo et al. (2006) tem como base, “em âmbito nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais, em âmbito internacional, o Plano de Estudos Mundial para a Formação de Contadores Profissionais elaborado pela Organização das

Nações Unidas, que apontam para a tendência construtivista com ênfase na interdisciplinaridade”.

A análise descritiva dos dados revelou que os dois grupos de professores pesquisados, de Contabilidade e de Métodos Quantitativos, “concentram-se fora da tendência construtivista”, enquanto os professores que utilizam o método interdisciplinar “se destacam na formação acadêmica, na diversificação de abordagens de ensino e no uso de recursos didáticos”.

Os dados levantados permitiram a Cardozo et al. (2006) concluir “que ocorre um prejuízo na formação dos contadores quanto à contextualização e fundamentação dos conceitos quantitativos e contábeis”.

### **2.3 Conteúdos de Finanças nos cursos de Ciências Contábeis: cenário internacional**

Conforme o *Education Committee*, a internacionalização da economia levou as empresas a exigirem formação especializada para o suprimento de cargos e funções. A exigência de competências e habilidades tem seu reflexo no ensino de Contabilidade, intermediário importante entre a nova realidade social e a profissionalização exigida pela gestão de negócios.

Dentre as entidades ligadas à melhoria da qualificação do contador, destacam-se, no cenário internacional, a IFAC e a Organização das Nações Unidas (ONU) Seus comitês educacionais dedicam-se à elaboração de currículos, documentos e instruções técnicas.

A IFAC é uma organização mundial engajada no atendimento ao interesse público, fortificando a profissão e contribuindo para o desenvolvimento de sólidas economias internacionais. Seus atuais credenciados englobam mais de 160 entidades de auditoria profissional em 119 países, representando mais de 2,5 milhões de auditores na prática pública, educação, serviço ao governo, indústria e comércio.

A IFAC, por meio do *Education Committee*, estabelece normas de ética e instrução, visando ao desempenho de alta qualidade por parte do profissional contábil, como segue:

Trabalhar para avançar a instrução da contabilidade no mundo todo particularmente nas áreas onde ajudará ao desenvolvimento econômico, a Federation internacional dos contabilistas (IFAC) desenvolve os padrões internacionais da instrução que se dirigem à instrução de pré-qualificação de contabilistas profissionais e ao desenvolvimento profissional continuando para membros da profissão de contabilidade. (IFAC, Dec. 31, 2002 )

Os documentos publicados correspondem aos *International Education Standards for Professional Accountants*, (IES). O estudo da disciplina Contabilidade e da formação do profissional da área exige a leitura da IEG/9, *International Education Guideline*, e a necessária reflexão sobre o documento.

De acordo com o guia, o objetivo da educação e da experiência deve ser preparar contadores profissionais competentes, capazes de contribuir ao longo da vida para a profissão e a sociedade em que atuam. Ademais, afirma-se que:

A manutenção da competência internacional frente aos desafios que enfrentará exige que os contadores mantenham uma atitude de aprender a aprender. A educação e a experiência dos contadores profissionais devem oferecer-lhes uma base de conhecimentos, atitudes e valores profissionais que lhes permitam seguir aprendendo e adaptando-se às mudanças durante toda a sua vida profissional.

O documento apresenta as diretivas básicas para todos os demais ordenamentos e sugestões e, apesar de a IFAC não recomendar nenhum programa concreto de estudos generalistas, a IEG/9 destaca que a formação geral deve equipar os contadores com:

- a) conhecimento da evolução das idéias e acontecimentos por meio da história nas diferentes culturas no mundo de hoje e uma perspectiva internacional;
- b) conhecimentos básicos do comportamento humano;
- c) conhecimentos das idéias e questões gerais e das diferentes forças econômicas, políticas e sociais no mundo;
- d) experiência em investigação e avaliação de dados quantitativos;
- e) capacidade para realizar investigações, proceder a raciocínios lógicos e compreender juízos críticos;
- f) capacidade para apreciar a arte, a literatura e as ciências;
- g) consciência dos valores pessoais e sociais e do processo de investigação e reflexão;
- h) experiência na formulação de juízos de valor.

Essa visão generalista da atuação profissional dos contadores evidencia a preocupação com a aquisição de habilidades e competências que nortearão a prática contábil.

A IFAC conceitua competência como a execução de um papel de trabalho de acordo com um padrão definido, com relação a ambientes reais de funcionamento. Quando um

indivíduo utiliza capacidade para executar as tarefas requeridas de acordo com um padrão exigido, demonstra competência. A entidade classifica as habilidades em:

- 1) intelectuais: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação;
- 2) técnicas e funcionais: mensuração e informação, aplicações matemáticas e estatísticas, adequação às leis e apoio às decisões empresariais;
- 3) pessoais e interpessoais: iniciativa, capacidade de antecipar problemas, capacidade de adaptação às mudanças, auto-aprendizagem, habilidade para selecionar prioridades, capacidade de organização do trabalho e capacidade de tomar decisões éticas.

A entidade ressalta ainda as habilidades de comunicação, dentre as quais estão:

- a) trabalho em equipe;
- b) interação com pessoas de culturas diferentes;
- c) capacidade de solucionar conflitos;
- d) domínio de comunicação escrita e oral de relatórios formais e informais;
- e) negociação de soluções aceitáveis em situações profissionais;
- f) capacidade de ouvir e compreender, inclusive diferentes idiomas.

No que se refere às habilidades de administração de negócio, cada vez mais importantes na atuação profissional do contador, a IFAC destaca:

- a) planejamento estratégico;
- b) administração de projeto;
- c) administração de pessoas e recursos;
- d) capacidade de tomada de decisão;
- e) habilidade para organizar e delegar tarefas;
- f) habilidade para desenvolver e motivar pessoas;
- g) capacidade de exercer liderança e julgamento profissional com discernimento.

Nesta pesquisa, as habilidades técnicas e funcionais são enfatizadas, com foco especial no apoio às decisões empresariais, tópico que demonstra a inter-relação entre Contabilidade e Administração Financeira.

Outro aspecto importante refere-se às habilidades de negócio, mais especificamente à capacidade de tomada de decisão e ao julgamento profissional com discernimento, ambos decisivos no papel do contador como indispensável apoio à gestão dos negócios.

A ONU tem papel relevante na qualificação profissional do contador e sua inserção no mercado globalizado, por meio de eventos como a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (CNUDC). Essa Conferência apresentou, em 1999, um modelo de currículo global para a educação profissional de contadores, revisado em 2003, com o propósito de descrever para a comunidade internacional as disciplinas técnicas que um indivíduo deve dominar para tornar-se um contador profissional.

Desenvolvido pela comunidade internacional para “promover harmonia global das qualificações profissionais contábeis”, o documento Desenvolvimento do currículo global e outros requerimentos de qualificação visa a servir de guia para o quadro técnico da educação do profissional contador, que deve distinguir-se das habilidades e conhecimentos que os aspirantes também precisam ter para o desempenho de suas funções dentro de uma economia independente.

No documento da Conferência, (TD/B/COM.2/ISAR/6), afirma-se que:

Não é suficiente para indivíduos que almejam a função de profissional contador ter apenas conhecimento teórico. Os contadores devem ser capazes de unir teoria à prática, para analisar, interpretar, sintetizar [...] as práticas de comunicação. Cada país deve desenvolver suas competências, determinar o tempo para cada módulo e adaptá-los às necessidades nacionais.

Nesse sentido, Pereira et al. (2005) enfatizam que:

O trabalho do ISAR foi baseado em inúmeros documentos de referência sobre o assunto, no entanto foram decisivos os trabalhos desenvolvidos pela Internacional Federation of Accountants<sup>1</sup> (IFAC), principalmente as IEG's (Internacional Education Guideline) no 9 e 11 que dispunham sobre os requisitos de qualificação profissional e as diretrizes para elaboração de um programa mundial de estudos em Contabilidade.

Na visão dos autores (2006), o Resumo Executivo do TD/B/COM.2/ISAR/6 define os objetivos do modelo de currículo global:

Este modelo de plano de estudos foi elaborado para facilitar a comunidade internacional uma descrição das esferas de questões técnicas que um estudante deve dominar para ser um contador. O plano de estudos faz parte de um programa mais amplo destinado a servir de referência para as qualificações dos contadores profissionais que, no caso de seguir-se, lhes permita desempenhar melhor suas funções e prestar melhores serviços à economia mundial. Dessa maneira, o plano de

estudos tem por finalidade servir de orientação para o conteúdo técnico da formação do contador profissional.

O documento alerta para a necessidade de estabelecer uma distinção do currículo “do conhecimento básico e das qualificações que os aspirantes também necessitam para prestar seus serviços em uma economia independente”.

Para enfatizar a autonomia nacional na elaboração de seus planos de estudos, o documento conclui que:

Deve-se mencionar que este detalhado plano de estudos é simplesmente um ponto de partida para os países que queiram harmonizar seu sistema educativo para que este responda aos requisitos mundiais. Cada país que adotar o plano de estudos e elaborar os programas correspondentes deve determinar o tempo que deve dedicar-se a cada módulo e adaptar seu conteúdo às necessidades nacionais. (TD/B/COM.2/ISAR/6) (Tradução nossa)

A publicação da ONU prestou uma declaração clara e enfática sobre a importância do profissional da Contabilidade para o desenvolvimento econômico, social e mesmo político de qualquer nação. Como consequência, é necessária formação cultural vigorosa e assistência especial, tanto por parte dos governos quanto das entidades de classe.

De acordo com Sá (2006), “as matérias específicas enfatizam a necessidade dos conhecimentos nas áreas de técnicas informativas, fluxos, custos, auditoria, análise, planejamento e modelos para decisões estratégicas”. Já os conteúdos correlatos e gerais referem-se a disciplinas “relativas a direito comercial, tributário e civil, economia geral e de mercados, administração geral e financeira, estatística, matemática geral e financeira, relações humanas, organização e ética”.

Sá (2006) acrescenta que a publicação da ONU divide-se em duas grandes partes: a primeira dedica-se a linhas gerais para sistemas nacionais de qualificação dos contadores, e a segunda ao currículo global para a educação profissional dos contadores. Essa segunda parte, relativa à qualificação profissional dos contadores, abrange os seguintes tópicos: Conhecimentos de organização e negócios, Informação tecnológica, Contabilidade e conhecimentos correlatos.

Os três itens da segunda parte são subdivididos em módulos, que incluem:

- a) módulos de conhecimentos e organização e negócios: economia, métodos quantitativos e estatísticos, política de negócios e estruturas organizacionais,

funções e práticas administrativas, mercadologia nacional e internacional e estratégia administrativa;

- b) módulo de informação tecnológica: específico;
- c) módulos de Contabilidade e conhecimentos correlatos: Contabilidade básica e preparação de demonstrações em face de normas internacionais, Contabilidade superior, relatórios contábeis de nível superior, conceitos básicos de Administração, Contabilidade gerencial, planejamento, controle e decisão, tributos, leis comerciais, fundamentos teóricos, teoria superior da Contabilidade, finanças de negócio e administração financeira.

Neste trabalho, é destacado o módulo de Contabilidade, Finanças e conhecimentos correlatos e, dentro dele, dois módulos, cujos objetivos são descritos a seguir:

- a) Contabilidade básica: seu propósito é equipar o estudante com os princípios e conceitos da Contabilidade e suas aplicações;
- b) Contabilidade financeira: seu propósito é assegurar que os alunos desenvolvam conhecimento sólido em princípios contábeis e possam aplicá-los em situações que vão enfrentar em sua rotina.

Ao completar esse módulo, o futuro contador deve ser capaz de:

- a) conhecer estruturas contábeis e padrões internacionais;
- b) preparar demonstrações contábeis;
- c) analisar e interpretar informações financeiras e relatórios de produção para satisfazer usuários internos e externos;
- d) desenvolver o entendimento profissional para a função de conceitos contábeis.

Siqueira (2001) resume o conteúdo do documento da ONU:

O ensino superior deveria formar graduados bem qualificados; assegurar a oportunidade para educação continuada; gerar, aprimorar e disseminar o conhecimento; contribuir para a compreensão, exame, enriquecimento, reforço e difusão da cultura local e nacional; ajudar na proteção e no fortalecimento dos valores sociais e das perspectivas humanísticas; contribuir para o sistema educacional como um todo; ajudar a solucionar problemas como fome, pobreza, doenças, violência, destruição ambiental, analfabetismo e contribuir para o mundo do trabalho.

Conforme Rosella et al. (2006, p. 52), “ao tomar as experiências internacionais como *benchmarks* a serem conhecidos, entendidos e aplicados à nossa realidade, sempre respeitando as características da vida brasileira, é de se esperar que a profissão contábil tenha cada vez mais condições de ocupar o lugar que lhe é reservado na realidade nacional”.

Todas essas considerações em nível internacional deveriam ser abrangidas no cenário nacional, visto que a legislação estabelece as diretrizes curriculares dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, e as entidades de classe se organizam na defesa da qualidade profissional do contador, como se observa a seguir.

#### **2.4 Conteúdos de Finanças nos cursos de Ciências Contábeis: cenário brasileiro**

Em uma economia globalizada, o profissional contábil deve estar preparado tanto para extrair informações da Contabilidade para a tomada de decisões, quanto para a aplicação e o gerenciamento dos recursos materiais, financeiros e humanos.

A legislação nacional enfatiza a formação integral, em consonância com a doutrina mundialmente aceita que prioriza os conhecimentos gerais e humanísticos em detrimento da excessiva predominância dos conhecimentos técnicos.

A revista *Análise ITEPA Empresarial (VOCÊ CONHECE... 2003)* manifestou preocupação com o ensino de conteúdos de Finanças nas universidades brasileiras e suas repercussões nas empresas. Segundo ela, os profissionais formados nos cursos de Ciências Contábeis, Administração, Comércio e Economia entram, ou tentam entrar, no mercado de trabalho com técnicas remanescentes das décadas de 1950 e 1960, que não atendem mais aos avanços das inter-relações financeiras entre instituições e empresas e à diversificação do mercado de capitais mundial, que exige, cada vez mais, técnicas modernas na gestão dos recursos financeiros.

Alguns tópicos desenvolvidos na matéria merecem considerações especiais:

- a) abordagem da liquidez: o texto afirma ser “inadmissível que profissionais que pretendem atuar na área financeira não saibam interpretar a possibilidade dos ativos de curto prazo de se transformarem em recursos monetários dentro da realidade do mercado”;
- b) compreensão efetiva de “rentabilidade”;

- c) origens e aplicações de recursos: o perfeito entendimento da composição dos recursos que dão sustentação ao volume de aplicações nas atividades operacionais da empresa é fundamental;
- d) gerenciamento da geração de caixa: de acordo com a revista, “a quase totalidade dos acadêmicos sai dos cursos sem saber analisar os ativos operacionais como geradores do montante final de recursos de caixa”.

Essa visão generalista da profissão contábil orienta os documentos legais que estabelecem o perfil dos formandos em Ciências Contábeis. De acordo com a Resolução CNE - Conselho Nacional de Educação - n.º 10 /04:

O curso de graduação em Ciências Contábeis deve contemplar um perfil profissional que revele a responsabilidade social de seus egressos e sua atuação técnica e instrumental, articulada com outros ramos do saber e, portanto, com outros profissionais, evidenciando o domínio de habilidades e competências inter e multidisciplinares.

A Resolução ainda indica as competências e habilidades necessárias ao profissional contador, expressas em seu artigo 4º, como segue:

O curso de graduação em Ciências Contábeis deve possibilitar formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

- I - utilizar adequadamente a terminologia e a linguagem das Ciências Contábeis e Atuariais;
- II - demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil;
- III - elaborar pareceres e relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários, quaisquer que sejam os modelos organizacionais;
- IV - aplicar adequadamente a legislação inerente às funções contábeis;
- V - desenvolver, com motivação e através de permanente articulação, a liderança entre equipes multidisciplinares para a captação de insumos necessários aos controles técnicos, à geração e disseminação de informações contábeis, com reconhecido nível de precisão;
- VI - exercer suas funções com o expressivo domínio das funções contábeis e atuariais que viabilizem aos agentes econômicos e aos administradores de qualquer segmento produtivo ou institucional o pleno cumprimento da sua responsabilidade quanto ao gerenciamento, aos controles e à prestação de contas da sua gestão perante à sociedade, gerando também informações para a tomada de decisão, organização de atitudes e construção de valores orientados para a cidadania;
- VII - desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial;
- VIII - exercer com ética e proficiência as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através da legislação específica, revelando domínios adequados aos diferentes modelos organizacionais.

Quanto aos conteúdos curriculares, a Resolução CNE 10/04 faz a seguinte divisão:

- I. Conteúdos de Formação Básica: estudos relacionados com outras áreas do conhecimento, sobretudo Administração, Economia, Direito, Métodos Quantitativos, Matemática e Estatística.
- II. Conteúdos de Formação Profissional: estudos específicos atinentes às Teorias da Contabilidade, além de suas relações com a Atuária, e da Auditoria, da Controladoria e suas aplicações peculiares ao setor público e privado.
- III. Conteúdos de Formação Teórico-Prática: Estágio Curricular Supervisionado, Atividades Complementares, Estudos Independentes, Conteúdos Optativos, Prática em Laboratório de Informática utilizando softwares atualizados para Contabilidade.

Essa Resolução foi precedida pelo Parecer 09/5/2002, publicado no Diário Oficial da União nº 90, de 13/5/2002, Seção 1, do Ministério da Educação, por meio de seus órgãos Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Superior.

O Parecer trata das “Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design”, antecedidas de diversos documentos referentes à educação superior nacional, como se lê na Introdução do citado Parecer:

Com a publicação da Lei 9.131, de 24/11/95, o art. 9º, § 2º, alínea “c”, conferiu à Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação a competência para “a elaboração do projeto de Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN, que orientarão os cursos de graduação, a partir das propostas a serem enviadas pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação ao CNE”, tal como viria a estabelecer o inciso VII do art. 9º da nova LDB 9.394/96, de 20/12/96, publicada em 23/12/96.

Para Sinatora (2004), de acordo com o Parecer CNE/CES nº 289/2003, na elaboração do projeto pedagógico do curso de Ciências Contábeis devem ser contempladas as diversidades das mudanças sociais e acompanhadas as novas e mais sofisticadas tecnologias, fato que exige contínuas revisões no projeto pedagógico.

Vale destacar que o propósito das Diretrizes foi “estabelecer um perfil do formando no qual a formação de nível superior se constituísse em processo contínuo, autônomo e permanente, com uma sólida formação básica e uma formação profissional fundamentada na competência teórico-prática”.

Nesse sentido, o art. 3º dispõe que:

Art. 3º - O curso de graduação em Ciências Contábeis deve ensejar condições para que o futuro contador seja capacitado a:

I - compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito nacional e internacional e nos diferentes modelos de organização; (grifo nosso)

II - apresentar pleno domínio das responsabilidades funcionais envolvendo apurações, auditorias, perícias, arbitragens, noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, com a plena utilização de inovações tecnológicas; (grifo nosso).

III - revelar capacidade crítico-analítica de avaliação, quanto às implicações organizacionais com o advento da tecnologia da informação.

Para este trabalho, é importante destacar o art. 5º, ao dispor que:

Os cursos de graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, deverão contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, conteúdos que revelem conhecimento do cenário econômico e financeiro, nacional e internacional, de forma a proporcionar a harmonização das normas e padrões internacionais de contabilidade, em conformidade com a formação exigida pela Organização Mundial do Comércio e pelas peculiaridades das organizações governamentais.

Pereira et. al. (2005) estabeleceram uma comparação entre o Programa Mundial de Estudos em Contabilidade e as diretrizes curriculares contidas no Parecer 146/2002 CES/CNE para os cursos de graduação em Ciências Contábeis, considerando os seguintes tópicos:

- a) formação geral: os documentos se assemelham na exigência de que o curso deve ser ministrado no nível superior de ensino, “dada a complexidade do ambiente no qual os contadores profissionais deverão interagir e nas aptidões que deverão possuir e aperfeiçoar no decorrer do exercício profissional”;
- b) metodologia empregada na elaboração dos documentos: o Parecer 146/2002 CES/CNE adota o “sistema de competências”, enquanto o Programa Mundial de Estudos em Contabilidade adota o “sistema prescritivo”, que especifica as matérias necessárias para se chegar à determinada formação: “esse sistema é semelhante ao dos Currículos Mínimos seguido anteriormente no Brasil”;
- c) formação básica: “partindo das diretrizes de formação básica apresentados no Parecer 146/2002 CES/CNE abrangendo áreas correlacionadas a Contabilidade como estudos em Administração, Economia, Direito, Métodos Quantitativos e outros pode-se construir um currículo compatível com a parte 1 do Programa Mundial de Estudos que se refere aos Conhecimentos das organizações e de negócios”;

- d) formação profissional: os autores notam equiparação dos documentos com relação aos “conteúdos de formação profissional contidos no Parecer 146/2002 CES/CNE e a parte 3 do Programa Mundial de Estudos no que se refere aos conteúdos relacionados a Contabilidade e conhecimentos afins como Auditoria, Atuária, Tributação e outros”;
- e) formação teórico-prática: o item III do Parecer 146/2002 CES/CNE, que se refere aos conteúdos de formação teórico-prática, não encontra tópico correspondente no Programa Mundial de Estudos.

Pereira et al. (2005) concluem ser “perfeitamente possível, partindo-se das diretrizes curriculares contidas no Parecer 146/2002 CES/CNE contemplar o Programa Mundial de Estudos em Contabilidade proposto pelo ISAR demonstrando um alto nível de adequação entre a formação nacional e os requisitos internacionais”.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

#### **3.1 Motivação**

As inquietações e indagações do autor em relação à docência no ensino superior de Ciências Contábeis motivaram o desenvolvimento deste trabalho. Paralelamente a esse aspecto subjetivo, a realização de pesquisa preliminar sobre temas relacionados à Contabilidade revelou uma preocupação expressiva com os aspectos técnicos em detrimento do aspecto específico do ensino de Contabilidade.

A evolução do perfil contábil em relação a seu papel na gestão empresarial, fornecendo o suporte necessário à tomada de decisões por meio de informações contábeis confiáveis, foi a alavanca para direcionar a pesquisa para os conteúdos de Finanças presentes em grades curriculares e projetos pedagógicos de IES paulistanas, na concepção de coordenadores e professores.

#### **3.2. Métodos e procedimentos de coleta de dados**

Na visão de Malhotra (2002, p. 105), a pesquisa exploratória visa a promover a compreensão do problema proposto e é utilizada “em casos nos quais é necessário definir o problema com maior precisão, identificar cursos relevantes de ação ou obter dados adicionais antes que se possa desenvolver uma abordagem”.

Para Cooper e Schindler (2003), as pesquisas exploratórias têm por objetivo explicitar melhor o problema, levantar hipóteses, aprimorar idéias, fornecer informações sistematizadas e organizadas, disponíveis para a utilização e exige conhecimento das fontes de informação e de sua utilização. Cooper e Schindler (2003) ainda esclarecem que o primeiro passo em um estudo exploratório é a busca de literatura secundária, representada por “estudos feitos por terceiros, com seus próprios objetivos”.

De acordo com Gil (1999, p. 44), a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. O autor

classifica as fontes bibliográficas como: obras literárias, obras de divulgação, dicionários, enciclopédias, anuários, jornais e revistas especializadas.

Paralelamente, esta pesquisa utilizou fontes documentais, representadas por peças da legislação pertinente tanto à formação do contador quanto à sua atuação profissional. Desse modo, para atingir os objetivos propostos, foram usadas de forma combinada pesquisa bibliográfica, documental e exploratória.

Quanto ao ambiente, esta pesquisa é classificada como de campo, a qual tem por objetivo conseguir informações sobre um problema que se quer resolver, servindo igualmente para descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Nas palavras de Parra Filho e Santos (2003, p.103), a pesquisa de campo “tem por base observar os fatos tal como ocorrem, por meio de questionário ou entrevista junto aos elementos envolvidos, [...] vai permitir a análise e conclusões segundo objetivos previamente definidos”.

A pesquisa de campo foi feita por meio de um questionário dirigido a coordenadores e professores do curso de Ciências Contábeis na cidade de São Paulo. Os dados foram colhidos junto aos respondentes no 1º semestre de 2007.

### **3.3. População e amostra**

Cooper e Schindler (2003, p. 80) indicam que um dos passos do planejamento da pesquisa é “identificar a população-alvo e selecionar a amostra”. Essa etapa consiste em “determinar quem e quantas pessoas entrevistar, quais e quantos eventos observar ou quais e quantos registros inspecionar”.

Conforme os mesmos autores (2003), uma amostra é uma parte da população-alvo, cuidadosamente selecionada para representar aquela população. Pesquisadores que conduzem estudos por amostragem estão interessados em estimar um ou mais valores da população e / ou testar uma ou mais hipóteses estatísticas.

A população desta pesquisa é representada por 18 professores e 14 coordenadores de cursos de graduação em Ciências Contábeis, e a amostra reduz esse universo a onze instituições de ensino superior do município de São Paulo:

- a) Pontifícia Universidade Católica - PUC SP;

- b) Universidade de São Paulo – USP;
- c) Universidade Camilo Castelo Branco - UNICASTELO;
- d) Faculdade Sumaré;
- e) Universidade Presbiteriana Mackenzie;
- f) Universidade de Mogi das Cruzes – UMC - Campus Villa Lobos;
- g) Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP;
- h) Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE;
- i) Universidade Cidade de São Paulo – UNICID;
- j) Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL;
- k) Universidade São Marcos.

O critério utilizado para seleção dos professores e coordenadores foi estabelecido por conveniência do pesquisador.

Constatamos a existência de coordenadores que são responsáveis pelo curso de Ciências Contábeis em dois ou mais campi da mesma IES e destacamos ainda que os professores pesquisados não ministram aulas nas duas disciplinas de administração financeira e matemática financeira.

### **3.4 Elaboração do questionário**

Nas palavras de Hill e Hill (2002), a construção de um questionário equivale a traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. A inserção das perguntas no questionário deve refletir cuidadosamente o objetivo geral, ou seja, o tipo de informação buscada. Esclarecem (2002) ainda que um questionário pode solicitar, dentre várias outras, informações sobre fatos, opiniões, atitudes, preferências, valores, satisfações, esperanças e crenças.

Quanto ao tipo de perguntas, esta pesquisa apóia-se em Malhotra (2002, p. 281) para classificá-las em não-estruturadas ou estruturadas. As primeiras correspondem a “perguntas abertas, que os entrevistados respondem com suas próprias palavras” ou “perguntas de

resposta livre”. Já as outras especificam o conjunto de respostas alternativas e o formato da resposta. São, por isso, perguntas fechadas. O autor (2002) as classifica como:

- a) de múltipla escolha: proposição de um elenco de respostas para escolha de uma ou mais alternativas;
- b) dicotômicas: questão com apenas duas alternativas; sim x não; falso x verdadeiro;
- c) escalonadas: a pergunta é feita atribuindo valores numéricos a cada alternativa.

No que se refere à formulação das questões, essa exige uma linguagem simples e direta, para que o respondente compreenda bem o que está sendo perguntado. Tal objetividade na formulação das perguntas pressupõe a imparcialidade do entrevistador, para evitar sua tendenciosidade ou influência sobre o entrevistado.

Malhotra (2002) apresenta as etapas de elaboração do questionário:

- a) especificar a informação necessária;
- b) especificar o método do questionário;
- c) determinar o conteúdo das perguntas individuais;
- d) planejar as questões de modo a superar a incapacidade e/ou má vontade do respondente;
- e) decidir quanto à estrutura das questões;
- f) determinar o fraseado das questões;
- g) dispor as questões na ordem adequada;
- h) identificar a forma e o layout;
- i) reproduzir o questionário;
- j) eliminar defeitos por meio de um pré-teste.

Como apontam Martins e Pelissaro (2005), para explorar empiricamente um conceito teórico, o pesquisador precisa traduzir sua assertiva genérica em uma relação com o mundo real, baseada em variáveis e fenômenos observáveis e mensuráveis, ou seja, elaborar um constructo e operacionalizá-lo.

Para tanto, é preciso identificar as variáveis observáveis/ mensuráveis que podem representar as contrapartidas das variáveis teóricas. Tal identificação equivale ao constructo, que “possui significado construído intencionalmente a partir de um determinado marco

teórico, devendo ser definido de tal forma que permita ser delimitado, traduzido em proposições particulares observáveis e mensuráveis”. (MARTINS; PELISSARO, 2005, p.83).

Sobre isso, Martins e Pelissaro (2005, p.83), certificam que:

Constructos podem ser entendidos como operacionalizações de abstrações que os cientistas sociais consideram suas teorias, tais como: produtividade; valor de uma empresa; status social; custo social; inteligência; risco etc. Frequentemente, devemos não só estar aptos a observar os constructos, mas também a medi-los.

Para elaboração dos constructos, foram avaliadas as respostas das questões que dimensionam o conhecimento, a prática e a atitude dos respondentes, conforme dissertação de Souza (2006):

- a) conhecimento: implica saber se o respondente conhece formalmente, por escrito ou de forma explícita o exposto na questão.;
- b) prática: implica saber se o respondente ou a empresa colocam em prática o exposto na questão;
- c) atitude: implica saber o juízo e a concordância que o respondente tem sobre o exposto na questão.

O critério usado para empregar as categorias “conhecimento”, “prática” e “atitude” é o mesmo usado em outras pesquisas na área contábil.

O quadro 4 a seguir está baseado nas características apontadas por Mattar (1993, p.87) que relaciona as características mais pertinentes de atitudes, visando a resumir de uma forma geral, os principais aspectos deste conceito.

1. Atitude representa uma predisposição para uma reação comportamental em relação a um produto, organização, pessoa, fato ou situação e não é o comportamento propriamente dito.
2. Atitude é persistente no tempo. Ela pode ser mudada, mas qualquer tentativa de mudança de uma atitude fortemente arraigada exige grande pressão ao longo de muito tempo.
3. Atitude tende a produzir comportamentos consistentes.
4. A atitude pode ser expressa de forma direcional.
5. A atitude possui três principais componentes: componente cognitivo – as crenças de pessoa em relação a produtos, organizações, pessoas, fatos ou situações; (CONHECIMENTO); componente afetivo – sentimento das pessoas em relação a produtos, organizações, pessoas, fatos ou situações;(ATITUDE); e um componente comportamental – predisposição para uma reação comportamental em relação a um produto, organização, pessoa, fato ou situação. (PRÁTICA).
6. A formação de uma atitude é resultante de: crenças, reflexos condicionados, fixações, julgamentos, estereótipos, experiências, exposições a comunicações persuasivas, trocas de informações e experiência com outros indivíduos, entre outros.

**Quadro 4: Características de Atitudes** Fonte: Adaptação de Mattar (1993, p. 87).

Os constructos que orientaram a elaboração do instrumento de coleta de dados foram:

- a) o contador é um profissional qualificado para exercer a atividade de finanças?
- b) percepção dos professores sobre a aprendizagem dos alunos sobre Finanças;
- c) percepção dos professores e coordenadores sobre conteúdos de Finanças indicados na grade curricular do curso de Ciências Contábeis;
- d) percepção dos coordenadores e professores sobre habilidades e competências (Interdisciplinaridade) empregadas na grade curricular de Finanças.

O instrumento de coleta de dados foi elaborado de maneira padronizada, para que todos os respondentes tivessem acesso às mesmas questões, garantindo assim respostas uniformes. A primeira parte do questionário tem 10 questões, que visam a delinear o perfil profissional do correspondente quanto aos seguintes aspectos: tipo de instituição de ensino, número de alunos por turma, funções e titulação, atuação na área de Finanças, tempo de magistério e uma questão sobre a idade do respondente. A segunda parte seguiu um padrão escalonado para mensurar os dados coletados e possibilitar a quantificação e tratamento estatístico. (COOPER; SCHINDLER, 2003).

Foi utilizada a escala de Likert, com cinco alternativas, para auxiliar os respondentes a fornecer informações bem próximas de sua realidade. As alternativas incluíram as opções Concordo totalmente/ Concordo parcialmente/ Não concordo nem discordo/ Discordo parcialmente/ Discordo totalmente para cada uma das assertivas, totalizando 24 questões.

Foi realizado o pré-teste do questionário junto a coordenadores e professores do curso de Ciências Contábeis de duas IES, que sugeriram alterações que propiciaram a formatação da versão final. O questionário na íntegra junto com os constructos encontra-se no Apêndice 1.

As questões foram elaboradas de duas formas: de múltipla escolha, marcadas uma ou mais respostas, conforme o caso; e afirmações, cujas dimensões de respostas foram divididas em escalas de 5 (cinco) graus de intensidade, do tipo Likert.

Na visão de Moreira (2000) “a Escala de Likert permite a expressão da intensidade de sentimento, pelo menos dentro dos limites das opções de resposta oferecidos”. Já para Barbetta (1999, p.57), a escala de Likert é largamente utilizada na sua forma original ou em adaptações para diferentes tipos de estudo, e seu sucesso reside na sensibilidade de apurar

conceitos de manifestações de qualidades: reconhece oposição entre contrários, gradientes de intensidade e situação intermediária.

As escalas do tipo Likert são, na realidade, escalas do tipo ordinal, permitindo a ordenação de indivíduos quanto à sua favorabilidade a determinado fato ou circunstância, mas não permitem o discernimento de quanto um é mais favorável do que o outro. Em termos práticos, apenas oferecem uma ordenação aproximada das pessoas, com relação à característica medida. (SPIEGEL, 1972)

A Escala de Likert é caracterizada por vários itens em forma de afirmações, e para cada afirmação, o respondente deve dar o seu nível de concordância com os itens a serem analisados. Aos níveis de concordância, são dados valores numéricos que são somados, fornecendo o escore total de um indivíduo, sabendo-se que a média aritmética ponderada e a moda (pontuação mais freqüente) fornecem subsídios para situar devidamente o indivíduo no total de questões.

A “quantificação” de concordância é obtida pela soma das pontuações (freqüência) e pela média aritmética ponderada nos vários itens, considerando sua polaridade: itens negativamente orientados têm pontuação invertida em relação a itens positivamente orientados, conforme o quadro abaixo:

ESCALA TIPO LIKERT		
ALTERNATIVAS	PONTUAÇÃO	
	ASSERTIVAS	
	POSITIVAS	NEGATIVAS
Discordo totalmente	1	5
Discordo parcialmente	2	4
Nem concordo nem discordo	3	3
Concordo parcialmente	4	2
Concordo totalmente	5	1

**QUADRO 5 – Escala de Likert**

O Banco de dados (Apêndice B, p.91) utilizado na análise dos questionários encontra-se como apêndice e foi tabulado com os recursos disponíveis em Planilhas Eletrônicas Excel, da Microsoft.

Para a aferição de resultados, considerou-se como maioria 70% das respostas. No primeiro momento, é abordada a estatística descritiva para visualização e análise das distribuições. Em seguida, efetua-se a estatística inferencial.

### 3.5 Análise do questionário

Para identificar se há ou não associação entre o nível de percepção frente aos construtos e os atributos identificados no perfil dos respondentes, foi realizada uma análise por meio das seguintes técnicas: Tabela de Contingências, Estatística Qui-Quadrado, Coeficiente de Contingência Modificado e Teste P- Value (HAIR JR et al., 2005).

#### 3.5.1 Tabela de contingências

A tabela de contingências também é chamada de distribuição conjunta de duas variáveis e permite descrever o grau de associação existente entre as variáveis: é possível avaliar a associação do relacionamento; caso haja uma associação forte, é possível prever os valores de uma variável pelos valores da outra.

Se as variáveis forem independentes, isso é, se a associação entre elas for fraca, as frequências na tabela de contingências devem distribuir-se de forma aleatória, seguindo o padrão dos totais marginais (total na última coluna da tabela). Se, porém, houver uma associação forte entre as variáveis, elas serão dependentes, e as frequências na tabela de contingências deverão seguir algum padrão, diferente daquele apresentado pelos totais marginais.

A primeira tabela de contingência é a “Tabela de distribuição das frequências observadas” entre as duas variáveis em estudo. O total marginal nessa tabela fornece as proporções que, teoricamente, deveriam ocorrer e que aparecem na segunda tabela: “Tabela de frequências esperadas”.

Um rápido exame nessas duas tabelas mostra se as frequências observadas estão razoavelmente distantes ou não das frequências esperadas. Sob a condição de independência, nota-se que as frequências observadas são bem próximas das esperadas; caso haja associação entre as variáveis, a distância entre as frequências observadas e as esperadas é significativamente grande.

### 3.5.2 Estatística Qui-Quadrado

Segundo Viali Jr. (2005, p. 126):

Supondo-se que as duas variáveis qualitativas em estudo apresentem n categorias e outras categorias mutuamente excludentes. Neste caso, a medida a ser utilizada baseia-se na diferença entre os valores observados e esperados em cada uma das categorias.

O uso desta medida contrapõe os resultados observados (simbolizados pela letra O) pelo pesquisador com aqueles resultados esperados (simbolizados pela letra E) obtidos a partir de uma hipótese teórica de independência entre os atributos.

Assim, se os resultados observados forem próximos aos esperados, isto sugere independência entre os atributos, caso contrário, estaremos afastados da hipótese de independência, sugerindo-se uma associação entre os atributos.

Levando-se isto em consideração, utiliza-se uma estatística chamada de Qui-Quadrado, que mede a discrepância entre os valores.

Conforme Viali Jr. (2005, p. 128), a comparação entre as frequências observadas e as esperadas é materializada em uma estatística chamada Qui-Quadrado ( $X^2$ ), terceira tabela de contingências, que mede a discrepância entre os valores e é definida por:

$$X^2 = \sum \frac{(O - E)^2}{N}$$

Onde,

O = frequência observada

E = frequência esperada

N = total geral.

O valor de  $X^2$  calculado é comparado com um valor tabelado chamado de  $X^2$  crítico.

De acordo com Triola (1999, p. 146), “um valor crítico é o número na fronteira que separa os valores das estatísticas amostrais prováveis de ocorrerem dos valores que têm pouca chance de ocorrer”. Para o cálculo de  $X^2$  crítico, foi utilizada a função estatística apropriada disponível no Excel, cuja composição é:

Se  $X^2$  calculado for maior que  $X^2$  crítico, há indicação de associação entre as variáveis.  $X^2$  tabelado depende do número de graus de liberdade (definido pelo número de colunas e linhas da tabela) e de uma margem de erro de 5% adotada em trabalhos científicos.

Conforme Triola (1999, p. 146), “o número de graus de liberdade para um conjunto de dados corresponde ao número de valores que podem variar após terem sido impostas certas

restrições a todos os valores”. A estatística  $X^2$  apenas fornece a informação de associação ou não entre as variáveis. Quanto maior o valor de  $X^2$ , maior o grau de associação (ou a “força”) entre as variáveis.

Contudo, julgar a associação não é fácil, pois não se tem um grau de comparação para saber se esse valor é alto ou não. Observada a associação entre as variáveis, pode-se então quantificar seu valor. Para isso, utiliza-se uma outra medida devida, a Karl Pearson, denominada de Coeficiente de Contingência C.

### 3.5.3 Coeficiente de contingência (C)

Para Viali Jr. (2005, p.130), o Coeficiente de Contingência permite quantificar a associação (grau de dependência) entre as variáveis a partir da estatística  $X^2$ . Teoricamente, esse coeficiente é um número entre zero e um; será zero quando as variáveis forem independentes (não estiverem associadas) e 1 quando forem totalmente dependentes.  $C = 0,50$  (ou 50%) indica um grau de associação moderado. Sua representação matemática é:

$$C = \sqrt{\frac{X^2}{X^2 + N}}$$

Todavia, mesmo quando existe uma associação perfeita entre as variáveis, esse coeficiente pode não ser igual a 1. Uma alteração possível e utilizada neste trabalho é o Coeficiente de Contingência Modificado ( $C^*$ ), cuja expressão é:

$$C^* = C / [(k / (k - 1))]^{1/2}$$

Onde k é igual ao valor mínimo entre o número de linhas e o número de colunas da tabela.

### 3.5.4 Teste P-Value

Para testar a validade de uma afirmação resultante do teste Qui-Quadrado utilizado neste trabalho, foi utilizado o teste do P-Value. Seus valores dão um grau de confiança, ao se rejeitar a hipótese de que não há associação entre as variáveis. O nível de significância

adotado a priori nos testes realizados neste trabalho e mais comumente utilizado em trabalhos científicos é de 0,05 (5%). Para o cálculo do P-Value, utilizou-se o MS EXCEL.

Se o nível de significância adotado ( $\alpha = 0,05$ ) for maior do que o P-Value, há associação entre as variáveis em estudo.

Nesse sentido, Triola (1999, p.180) afirma que “um valor P (ou valor de probabilidade) é a probabilidade de obter um valor da estatística amostral de teste no mínimo tão extremo como o que resulta dos dados amostrais, na suposição de não haver associação entre as variáveis”.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados obtidos passaram pelo tratamento estatístico, por meio de análises descritivas e inferências, de acordo com as orientações de Crespo (1998), Hair Jr. et al. (2005), Triola (1999) e Viali Jr. (2005). Os resultados obtidos são a seguir apresentados e analisados.

### 4.1 Descrição do perfil dos respondentes

A tabela 1 apresenta o perfil dos respondentes:

**TABELA 1** Descrição do perfil dos respondentes

Função acadêmica x titulação	Especialista		Mestre		Doutor	
Professores	7	21,9 %	6	18,8%	5	15,6 %
Coordenadores	2	6,3 %	7	21,8 %	5	15,6 %
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>28,2 %</b>	<b>13</b>	<b>40,6 %</b>	<b>10</b>	<b>31,2 %</b>
IES x número médio de alunos por turma	Centro Universitário		Faculdades		Universidades	
Até 40	1	3,1 %	1	3,1 %	0	0 %
40 a 60	5	15,6 %	7	22,0 %	12	37,5 %
Mais de 60	1	3,1 %	0	0 %	5	15,6 %
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>21,8 %</b>	<b>8</b>	<b>25,1 %</b>	<b>17</b>	<b>53,1 %</b>
Aulas em outros cursos	Administração		Economia / Gestão		Ciências Contábeis	
Professores	4	12,5 %	1	3,1 %	13	40,6 %
Coordenadores	4	12,5 %	1	3,1 %	9	28,1 %
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>25,1 %</b>	<b>2</b>	<b>6,2 %</b>	<b>22</b>	<b>68,7 %</b>
Função além do magistério x tempo de atuação	Outras		Gerencial		Não atuam	
3 a 5 anos Coordenadores	1	3,1 %	2	6,3 %	-	-
Mais de 5 anos	1	3,1 %	7	21,9 %	-	-
Não atuam	-	-	-	-	3	9,4 %
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>6,2 %</b>	<b>9</b>	<b>28,1 %</b>	<b>3</b>	<b>9,4 %</b>
Função além do magistério x tempo de atuação	Outras		Gerencial		Não atuam	
3 a 5 anos Professores	-	-	1	3,1 %	-	-
Mais de 5 anos	-	-	6	18,8 %	-	-
Não atuam	-	-	-	-	11	34,4 %
<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>7</b>	<b>21,9 %</b>	<b>11</b>	<b>34,4 %</b>
Tempo de magistério	Coordenadores		Professores			
Até 3 anos	1	3,1 %	2	6,3 %		
3 a 5 anos	3	9,4 %	5	15,6 %		
6 a 10 anos	7	21,8 %	9	28,1 %		
Mais de 11 anos	3	9,4 %	2	6,3 %		
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>43,7 %</b>	<b>18</b>	<b>56,3 %</b>		
Idade dos respondentes	Coordenadores		Professores			
31 a 40 anos	3	9,4 %	7	21,9 %		
41 a 50 anos	6	18,7 %	8	25,0 %		
Mais de 50 anos	5	15,6 %	3	9,4 %		
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>43,7 %</b>	<b>18</b>	<b>56,3 %</b>		

Fonte: o autor.

Foram pesquisados 32 professores e coordenadores, sendo 40,6% mestres e 31,2 doutores. 50,0% dos professores e coordenadores possuem experiência empresarial evidenciando assim a ligação entre experiência prática com a experiência acadêmica.

Dos 32 entrevistados, 18 (56,2%) atuam em empresas, sendo 12 (37,6%) em posições gerenciais e 2 (6,2%) em outras funções e 14 professores (43,8%) exercem apenas o magistério.

O número médio de alunos por sala esta encontra-se entre 40 a 60, ficando evidenciada essa afirmação em 75,1% das IES pesquisadas.

Ao analisar a atuação dos professores e coordenadores em outros cursos, nota-se que 31,3 % dos docentes lecionam também em cursos de Administração de Empresas, Economia e Gestão Empresarial e que 49,9% dos respondentes possuem tempo de magistério na faixa de 6 a 10 anos. 75% têm entre 31 a 50 anos de idade.

#### 4.1.2 Forma de avaliação dos resultados

A tabulação, seguida da análise dos dados obtidos, foram feitas em consonância com os constructos definidos para as assertivas em forma de escala de Likert, a seguir apresentados. A pesquisa foi estruturada de maneira a responder os seguintes questionamentos:

- a) constructo I: o contador é um profissional qualificado para exercer a atividade de Finanças? Nesse constructo, buscou-se aferir o nível de conhecimento tácito ou explícito que os entrevistados possuem sobre as atividades pertinentes ao contador no âmbito financeiro;
- b) constructo II: percepção dos professores sobre aprendizagem dos alunos sobre Finanças. Nesse constructo, buscou-se aferir o nível de prática e atitude do docente e seus resultados (habilidades e competências) sobre os conteúdos de Finanças abordados no Curso de Ciências Contábeis;
- c) constructo III: percepção dos professores e coordenadores sobre conteúdos de Finanças indicados na grade curricular do curso de Ciências Contábeis. Nesse constructo, buscou-se aferir o nível de conhecimento, prática e atitude do respondente frente aos conteúdos de Finanças indicados na grade curricular do curso de Ciências Contábeis que atendessem às diretrizes curriculares ou seguissem preceitos indicados pela ONU ou IFAC;
- d) constructo IV: percepção dos coordenadores e professores sobre habilidades e competências (interdisciplinaridade) empregadas na grade curricular de Finanças. Nesse constructo, baseou-se aferir o conhecimento e a prática sobre a Interdisciplinaridade dos conteúdos de Finanças aplicados em disciplinas no curso de Ciências Contábeis.

Para dimensionar as percepções descritas, foram consideradas como variáveis dependentes as respostas fornecidas pelos entrevistados por meio das seguintes categorias: função acadêmica; titulação; aulas em outros cursos; atuação profissional; tempo de magistério; idade. As variáveis independentes estão representadas pelas assertivas.

Para verificar a aderência dos dados à distribuição normal (distribuição de Gauss), foi usado o teste de Shapiro-Willk, apropriado para amostras de 3 a 50 componentes (SPSS, 2003, p. 203). Em todas as variáveis obteve-se resultado inferior a 0,0001 ( $p < 0,0001$ ). Estes

valores revelaram que as variáveis não poderiam ser tratadas pela distribuição normal. Neste caso, recomenda-se o uso de testes não-paramétricos Siegel (1979, p. 34). Assim, os dados foram tratados pela Estatística Descritiva, usando-se a mediana como medida de posição, e à análise discriminante.

A apresentação dos resultados começa com a análise discriminante. Na sequência, serão apresentados os constructos, as respectivas tabelas e a análise dos resultados.

#### 4.1.3 Análise das características discriminante

Para obter os níveis de significância, calculou-se o teste Chi-Quadrado ( $\chi^2$ ) aplicável a  $k$  amostras independentes (SIEGEL, 1979, p. 196-203). Nos casos em que houve dependência entre as variáveis, foi usado o coeficiente de contingência (C) (SIEGEL, 1979, p. 221-227; VIALI JR, 2005, p. 130). Para os níveis de significância menores que 0,05 ( $p < 0,05$ ), os resultados foram considerados significativos *stricto sensu*, tomando por base a na literatura. Para os níveis de significância na faixa entre  $\geq 0,05$  e  $\leq 0,08$ , os resultados foram considerados mais significantes. Na faixa entre  $\geq 0,08$  e  $\leq 0,20$ , os resultados foram considerados menos significantes. Os valores enquadrados nas duas faixas denominadas significantes foram classificados por julgamento, em função de estarem próximos do limite significativo, o que contribuiu para a análise realizada.

Os resultados obtidos em cada constructo analisado, enquadrados como significativos e significantes, representam as medianas relativas às opiniões, identificadas em relação ao perfil dos entrevistados, representado pelas variáveis dependentes. Esta é a razão pela qual são denominados de discriminantes. O quadro 6 apresenta os resultados obtidos, para as faixas consideradas na análise.

Variáveis dependentes	Constructos			
	1	2	3	4
Função Acadêmica	0,07	0,48	0,12	0,62
Titulação	0,07	0,87	0,12	7,43
Aula em Outros Cursos	0,04	0,88	0,52	0,77
Atuação Profissional	0,08	0,21	0,91	0,49
Tempo de Magistério	0,07	0,54	0,66	0,21
Idade	0,00	0,48	0,99	0,88

QUADRO 6: Análise das características discriminantes. Fonte: O Autor.

O quadro 6 revela que o constructo 1 possui resultados significativos e significantes, para todas as variáveis dependentes.

Em primeiro lugar na ordem de importância, classificados como resultados significativos, destaca-se a idade (0,00) e o fato de os entrevistados serem professores em outros cursos superiores (0,04). Estes valores indicam que os entrevistados consideram importante a oferta de conteúdos de Finanças nos cursos de Ciências Contábeis; porém, com percepções distintas.

Em segundo lugar na ordem de importância, classificados como resultados mais significantes, estão a função acadêmica (0,07) e a atuação profissional (0,08). Estes resultados indicam as opiniões dos entrevistados são equivalentes, em função de sua experiência como professor ou coordenador, e também em função profissional.

Em terceiro lugar na ordem de importância, classificados como resultados menos significantes, estão o tempo de magistério (0,13) e a titulação dos professores (0,20). Da mesma forma que os demais resultados significantes, porém com menor intensidade, estes resultados indicam que as opiniões dos entrevistados são equivalentes, em função de sua experiência profissional como, conjugada com a titulação acadêmica.

O quadro 6 revelou que o constructo 3 apresentou resultados significantes para as variáveis função acadêmica (0,12) e titulação (0,14).

#### **4.2 Constructo I: O contador é um profissional qualificado para exercer a atividade de Finanças?**

Neste constructo, buscou-se aferir o nível de conhecimento tácito ou explícito que os entrevistados possuem sobre as atividades pertinentes ao contador no âmbito financeiro. As tabelas 2 apresenta os resultados obtidos.

**TABELA 2: Resumo dos testes de associação– Constructo 1.**

Assertivas	Frequência (%)					Faixa da Mediana
	Faixas de pontos					
	1	2	3	4	5	
Q16: A participação do Contador na elaboração de relatórios financeiros é fundamental.	3,1	0	0	25	71,9	5
Q17: O contador precisa conhecer órgãos nacionais e internacionais de finanças.	3,1	0,0	31,3	28,1	37,5	4
Q18: O contador está qualificado para elaborar ou avaliar relatórios financeiros.	0,0	3,1	0,0	28,1	68,8	5
Q19: O contador precisa reconhecer a importância da análise financeira para a salvaguarda do patrimônio da empresa.	3,1	0,0	0,0	18,8	78,1	5
Q20: O contador tem qualificação para proceder auditoria financeira nos relatórios contábeis.	0,0	3,1	3,1	31,3	62,5	5
Q21: O contador tem qualificação para reconhecer os passivos ou riscos financeiros nos relatórios contábeis.	0,0	3,1	0,0	40,6	56,3	5

Fonte: O autor

#### 4.2.1 Análise do Constructo 1

A percepção sobre conhecimentos e práticas no exercício de atividades financeiras na carreira profissional do contador ficou consolidada na pesquisa, onde os entrevistados destacam a importância do contador conhecer Finanças, praticar análises financeiras e avaliar relatórios financeiros e as demonstrações contábeis, conforme Q18 e Q19.

De maneira geral, é possível afirmar que, neste constructo, a maioria dos respondentes considera que o contador é um profissional qualificado para exercer as atividades de Finanças.

Observa-se também que os sujeitos pesquisados reconhecem a importância dos conteúdos de Finanças em sua vivência profissional, considerando importante o conhecimento sobre órgãos internacionais de Finanças.

#### 4.3. Constructo II – Percepção dos professores sobre aprendizagem dos alunos sobre Finanças

Neste constructo, objetivou-se aferir a prática e a atitude dos respondentes sobre a aprendizagem dos alunos sobre Finanças. As frequências, em seu conjunto, não demonstram

uma tendência única sobre a percepção dos entrevistados frente ao objetivo deste construto. O resultado está apresentado na tabela 3.

**TABELA 3 - Resumo dos testes de associação – constructo 2**

Assertivas	Frequência (%)					Faixa da Mediana
	Faixas de pontos					
	1	2	3	4	5	
Q1: Ao término das disciplinas a maioria dos alunos reconhecem as vantagens em ter tido conhecimento sobre Finanças.	0,0	9,4	71,9	9,4	9,4	3
Q11: Os alunos não têm dificuldade para associar teoria e prática do ensino do conteúdo de Finanças.	0,0	59,4	9,4	25,0	6,3	2
Q15: Não é necessário separar conteúdos de Finanças de outros conteúdos do Curso de Ciências Contábeis.	12,5	75,0	3,1	0,0	9,4	2
Q22: Os alunos têm dificuldade para aprender a terminologia, conceitos e aplicação prática dos conteúdos de Finanças.	43,8	43,8	6,3	6,3	0,0	2
Q23: Os conteúdos de Finanças são conhecimentos importantes aos contadores.	0,0	0,0	3,1	31,3	65,6	5
Q24: O professor do Curso de Ciências Contábeis está qualificado para ensinar Finanças.	62,5	31,3	3,1	3,1	0,0	1

Fonte: O autor

Nota-se que os docentes valorizam a importância dos conteúdos de Finanças para a formação dos contadores (Q15) e (Q23). Todavia, nota-se insatisfação dos entrevistados nas demais assertivas, que abordam prática pedagógica, grade curricular, qualificação dos professores e separação do conteúdo de Finanças das demais disciplinas.

Esta afirmação vai ao encontro do constatado por Nossa e Mazoco (2000), ao reconhecer que há deficiências na formação dos futuros profissionais e também ao encontro do pensamento de Barros (2005) que menciona a necessidade de adequar conteúdos e uso de novas metodologias de ensino e de tornar o ensino mais produtivo e atrativo, gerando o desejo e a necessidade de aplicação de conteúdos.

#### 4.3.1 Análise do segundo constructo

Apesar de não haver associação das respostas deste construto com as variáveis independentes (perfil), os professores possuem uma percepção insatisfatória sobre a aprendizagem dos conteúdos de Finanças: há uma visão clara de que a maioria dos alunos não

absorve bem os conteúdos conforme Q11, tendo dificuldade em aprender a associar teoria e prática.

Observa-se também em Q1 que os entrevistados não tem ciência se os alunos reconhecem ou não as vantagens de ter tido conhecimento sobre Finanças, além de que as IES pesquisadas não possuem instrumentos que avaliam os conteúdos ministrados em sala de aula.

Nota-se também insatisfação frente à parte pedagógico-curricular, e destaca-se o alto nível de importância que dão a esses conteúdos na formação profissional do contador.

Destaca-se em Q24 que os professores do curso de Ciências Contábeis não estão qualificados para ensinar Finanças na visão dos pesquisados. O professor de Finanças deveria ministrar aulas no curso de Administração além de ministrar aulas em Ciências Contábeis, expandido sua visão sobre os conteúdos de Finanças, além de ter experiências em outros cursos.

#### 4.4 Constructo III – Percepção dos professores e coordenadores sobre conteúdos de Finanças indicados na grade curricular do curso de Ciências Contábeis

Neste constructo analisou-se o nível de conhecimento, a atitude e a prática sobre o conteúdo de Finanças nos Cursos de Ciências Contábeis. O resultado é apresentado na tabela 4.

**TABELA 4 - Resumo dos testes de associação – constructo 3**

Assertivas	Frequência (%)					Faixa da Mediana
	Faixas de pontos					
	1	2	3	4	5	
Q2: Os conteúdos de Finanças estão diretamente relacionados ao objetivo do curso.	0,0	6,3	6,3	37,5	50,0	4
Q3: Os conteúdos de Finanças são aplicados em sala de aula.	0,0	0,0	3,1	46,9	50,0	4
Q4: Os conteúdos de Finanças ministrados são praticados em Empresas	0,0	3,1	0,0	43,8	53,1	5
Q8: A biblioteca possui a bibliografia indicada pelo professor para ministrar o conteúdo de finanças.	0,0	0,0	15,6	43,8	40,6	4
Q10: O ensino do conteúdo de finanças despertam interesse nos alunos	0,0	0,0	6,3	84,4	9,4	4
Q13: Os critérios utilizados para designar o professor que ministrará os conteúdos de Finanças não são suficientes.	0,0	12,5	9,4	31,3	46,9	4

.Fonte: O autor

A distribuição de frequências revela uma tendência uniforme entre as alternativas, indicando que uma maioria absoluta (89,6%) dos entrevistados tem uma percepção de boa para ótima dos conteúdos de Finanças constantes nas grades curriculares do curso de Ciências Contábeis, conforme Apêndice D( p. 103).

Os critérios utilizados para designar o professor que ministrará os conteúdos de Finanças não são suficientes, avaliados em Q13, são confirmados entre os pesquisados. Na percepção dos pesquisados não há critério para contratação de professores que ministram aulas em Finanças.

Estes resultados estão alinhados ao constatado por Sinatora (2004), que menciona a necessidade de atualização de currículos, carga horária adequada e integração sala de aula e realidade.

#### **4.4.1 Análise do terceiro constructo**

A análise elaborada, em relação à função acadêmica, titulação, ministrar aulas em outros cursos, trabalharem na área de finanças em empresas, do tempo de magistério ou da idade dos respondentes revelou que, na percepção de professores e coordenadores, os conteúdos de Finanças são relevantes na elaboração da grade curricular e dos conteúdos ministrados, bem como na aprendizagem e formação dos discentes. É o que consta na tabela 7.

Na revisão bibliográfica, foca-se a análise dos conteúdos de Finanças pela ONU, IFAC e pela legislação brasileira. O conteúdo de Finanças é destacado como importante para a formação do profissional contábil; contudo, na visão de professores e coordenadores, esses conteúdos recebem pouco destaque na grade curricular.

#### **4.5 Constructo IV – Percepção dos coordenadores e professores sobre habilidades e competências (Interdisciplinaridade) empregadas na grade curricular de Finanças**

Neste constructo, objetiva-se aferir a percepção dos respondentes sobre a prática da Interdisciplinaridade empregada na grade curricular de Finanças no curso de Ciências Contábeis. O resultado está apresentado na tabela 5.

**TABELA 5 – Resumo dos testes de associação – constructo 4**

Assertivas	Frequência (%)					Faixa da Mediana
	Faixas de pontos					
	1	2	3	4	5	
Q5: A carga horária destinada ao ensino dos conteúdos de Finanças é insuficiente	9,4	31,3	9,4	34,4	15,6	3
Q6: Há interação entre as disciplinas do curso em relação aos conteúdos de Finanças.	3,1	21,9	18,8	40,6	15,6	4
Q7: Os conteúdos de Finanças são discutidos entre os professores do curso	46,9	15,6	9,4	21,9	6,3	2
Q9: Organizar e realizar trabalhos em grupos é uma atividade não praticada no ensino dos conteúdos de finanças.	3,1	15,6	12,5	40,6	28,1	4
Q12: As diretrizes curriculares propõem melhorias para a formação do profissional Contador com o ensino dos conteúdos de Finanças.	0,0	0,0	37,5	28,1	34,4	4
Q14: O conteúdo de Finanças influencia no desempenho das demais disciplinas da área Contábil	0,0	0,0	6,3	78,1	15,6	4

Fonte: O autor

A maioria das assertivas indicou um posicionamento pouco mais que intermediário. O destaque negativo foi a ausência de discussões entre os docentes, da mesma forma que o constatado por Sinatora (2004). O destaque positivo é que os professores reconhecem a influência dos conteúdos de Finanças nas demais disciplinas do curso de Ciências Contábeis.

O fato de os professores discutirem pouco proporciona uma oportunidade para se pesquisar o ambiente acadêmico dos cursos de Ciências Contábeis. Os elementos componentes do ambiente acadêmico podem ser as reuniões acadêmicas, o espaço compartilhado por professores e alunos, os demais recursos disponíveis e a forma de organização do curso.

A pouca discussão entre os professores cria programas disciplinares com conteúdos sem padrão definido, onde são levados em consideração a experiência profissional e o tempo de atuação do professor, ocasionando o incremento de orçamento ao conteúdo de Finanças com grande destaque, que será analisado posteriormente.

Verificou-se também que os docentes entendem que as Diretrizes Curriculares propõem melhorias em relação ao ensino dos conteúdos de Finanças, apesar de não haver, no texto das Diretrizes, menção dessa natureza.

A distribuição de frequências não aponta uma tendência única, indicando um nível regular. Pela observação do quadro acima, há um nível razoavelmente satisfatório frente ao objetivo deste constructo.

#### **4.5.1 Análise do quarto constructo**

Observa-se pela tabela 9 que, independentemente da função acadêmica, titulação, aulas ministradas em outros cursos, trabalhar na área de Finanças em empresas, tempo de magistério e idade dos respondentes, existe uma percepção de média para boa de coordenadores e professores sobre habilidades e competências (Interdisciplinaridade) empregadas na grade curricular de Finanças.

#### **4.6 Análise dos conteúdos de Finanças nas grades curriculares do curso de Ciências Contábeis da cidade de São Paulo**

Esta parte da pesquisa apresenta a análise dos programas das disciplinas que abordam conteúdos de Finanças nas IES pesquisadas que oferecem o curso de Ciências Contábeis na cidade de São Paulo. Os programas foram obtidos nas secretarias de cursos das IES pesquisadas e junto aos docentes das disciplinas.

Os referidos programas foram tratados com a análise descritiva cujo objetivo principal, segundo Malhotra (2002, p. 108) “é descrever alguma coisa – normalmente características – e pressupõe que” as informações necessárias estão claramente definidas”. O autor acrescenta que:

A pesquisa descritiva é pré-planejada e estruturada [...] Uma concepção formal de pesquisa especifica os métodos para seleção das fontes de informações e a coleta de dados das mesmas. Uma concepção descritiva requer uma especificação clara de quem, o que, quando, onde, por que e a maneira da pesquisa.

Para Cooper e Schindler (2003, p.142), “estudos descritivos são aqueles usados para descrever os fenômenos associados a uma população ou para estimar proporções da população que têm certas características”.

A análise realizada se baseou no modelo adotado por Hofer, Peleias e Weffort (2005), para as categorias a seguir especificadas: denominação; carga horária; qualificação

dos docentes; tempo de atuação no magistério; estratégias de ensino usadas; recursos institucionais; critérios de avaliação; conteúdos ministrados; bibliografia adotada.

#### 4.6.1 Nomenclatura das disciplinas de Finanças

Observa-se na tabela 6 que as IES usam nomenclaturas distintas para a disciplina que aborda outros conteúdos de Finanças, exceto Matemática Financeira. Pelo Parecer CNE/CES nº. 10/2004, não é obrigatória a oferta de tais conteúdos. A disciplina Administração Financeira não é obrigatória assim como a de Orçamento Empresarial que, em alguns programas curriculares, apresentam-se junto com Administração Financeira.

**TABELA 6 – Denominação adotada para as disciplinas de Administração Financeira e Matemática Financeira**

Denominação	Quantidade	%
1 - Planejamento Contábil Financeiro	1	9,09
2 - Estratégia Financeira	1	9,09
3 - Administração Financeira e Orçamentária	2	18,18
4 - Administração Financeira e Orçamento Empresarial	2	18,18
5 - Gestão Financeira Empresarial	2	18,18
6 - Planejamento Financeiro e Orçamento	1	9,10
7 - Administração Financeira	2	18,18
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100,0</b>

Denominação	Quantidade	%
Matemática Financeira	11	100,0
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100,0</b>

Fonte: O autor

Esta divergência entre as nomenclaturas não ocorre no caso da disciplina de Matemática Financeira, que consta como obrigatória no Parecer CNES 10/2004.

#### 4.6.2 Carga horária das disciplinas

O regime utilizado pelas IES nas disciplinas de Finanças, exceto Matemática Financeira, é semestral, para um curso com duração de 4 anos. O número de alunos por instituição é semelhante, e destaca-se que 85,7% das IES possuem uma carga horária de 80 horas semestral, e 14,3%, 60 horas.

As disciplinas são semestrais. As disciplinas de Finanças, exceto Matemática Financeira, repetem-se em algumas IES no semestre seguinte, usando na maioria das vezes as

expressões “I” e “II” para destacar sua aplicação. As tabelas 7 e 8 resumem as disciplinas de Finanças:

**TABELA 7 – Carga horária para as disciplinas de Finanças**

Disciplinas	Horas		Nº de Disciplinas
	I	II	
<b>Semestre</b>			
1 - Planejamento Contábil Financeiro	60	-	1
2 - Estratégia Financeira	80	-	1
3 - Administração Financeira e Orçamentária	80	80	2
4 - Administração Financeira e Orçamento Empresarial	80	80	2
5 - Gestão Financeira Empresarial	80	80	2
6 - Planejamento Financeiro e Orçamento	80	-	1
7 - Administração Financeira	80	80	2
<b>Total</b>			<b>11</b>

Fonte: O autor

Para Finanças, 71,4% das IES têm carga horária de 80 semestral, 14,3% têm carga horária de 60 horas e 14,3%, de 30 horas semestral. Destaca-se que a CNES 10/2004 trata Matemática Financeira como uma disciplina obrigatória, mas não define uma carga horária mínima a ser trabalhada dentro do curso de Ciências Contábeis.

**TABELA 8 – Carga horária para as disciplinas de Matemática Financeira.**

Disciplinas	Horas		Nº de Disciplinas
	I	II	
<b>Semestre</b>			
1 - Matemática Financeira	30	-	1
2 - Matemática Financeira	60	60	1
3 - Matemática Financeira	80	80	9
<b>Total</b>			<b>11</b>

Fonte: O autor

Para a disciplina de Matemática Financeira, a carga horária semestral é de 80 horas, e duas IES utilizam carga horária reduzida de 30 e 60 horas.

As disciplinas são semestrais, porém utilizam na maioria das vezes as expressões “I” e “II” para distinguir sua aplicação no semestre seguinte.

#### 4.6.3 Perfil dos professores das disciplinas de Finanças e Matemática Financeira

A maioria dos professores das disciplinas de Finanças e Matemática Financeira possui o título de Mestre, representando um percentual de 44,4%. Doutores representam 22,2%, e Especialistas, 33,3%. Este fato é importante, pois a existência de professores com titulação acadêmica pelo menos de Mestre nas disciplinas em análise pode trazer contribuições significativas para o curso de Ciências Contábeis.

TABELA 9 - Perfil dos professores das disciplinas de Administração Financeira e Matemática Financeira

Área de qualificação dos docentes	Especialista	Mestre	Doutor	Total	
1 - Administração	0	4	0	4	
2 - Contabilidade	6	2	2	10	
3 - Matemática	0	1	2	3	
4 - Engenharia de Produção	0	1	0	1	
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>18</b>	
<b>Total em percentual</b>	<b>33,33%</b>	<b>44,44%</b>	<b>22,23%</b>	<b>100</b>	
Tempo de Magistério	Até 3 anos	De 3 a 5 anos	De 6 a 10 anos	Acima de 11 anos	Total
Professores Finanças e Matemática Financeira	5	4	6	3	<b>18</b>
<b>Total em percentual</b>	<b>28,6</b>	<b>21,4</b>	<b>35,7</b>	<b>14,3</b>	<b>100,0</b>
Estratégia de ensino usadas	Aulas Expositivas	Método de Caso	Atividades em Grupo	Seminário	
Professores Finanças e Matemática Financeira	14	3	14	2	
<b>Total em percentual</b>	<b>100,0</b>	<b>21,4</b>	<b>100,0</b>	<b>14,3</b>	
Estratégias de ensino adotadas pelos docentes	Quadro de giz	Quadro Branco	Retroprojektor	Data show	Outros
Professores Finanças e Matemática Financeira	10	4	2	6	6
<b>Total em Percentual</b>	<b>71,4</b>	<b>28,6</b>	<b>16,3</b>	<b>42,9</b>	<b>42,9</b>
Crítérios de avaliação adotadas pelos docentes	Prova escrita	Trabalho em grupo	Trabalho individual	Seminário	
Professores Finanças e Matemática Financeira	14	12	8	2	
<b>Total em percentual</b>	<b>100,0</b>	<b>85,7</b>	<b>57,1</b>	<b>14,3</b>	

Fonte: O autor

Nem todos os professores dedicam-se em tempo integral à docência e à pesquisa. Esse aspecto pode comprometer o desempenho do docente, afetando diretamente a qualidade de suas aulas e sua preparação didática para atuação em sala de aula. Este aspecto foi avaliado também por Andrade (2002) que menciona em sua pesquisa que metade dos professores obedece ao regime de tempo integral de serviço; 44,44% já possuem o título de Mestre em Contabilidade, além de 73% possuírem experiência profissional.

A maioria dos professores (57,1%) possui entre três e dez anos de docência. Relativamente às suas áreas de qualificação, observou-se, conforme tabela 13, que 6 são oriundos da área de contabilidade, e 8, de outras áreas. É de esperar que esta diversidade contribua para a Interdisciplinaridade, entretanto a assertiva 7, componente do constructo 4, revelou que os professores discutem pouco sobre os conteúdos de Finanças ofertados no curso de Ciências Contábeis. Este aspecto pode ser explorado em pesquisas futuras.

Todos os docentes utilizam aulas expositivas e atividades em grupo nas disciplinas de Administração Financeira e Matemática Financeira e usam pouco o método do caso: 21,4% e seminários, 14,3%. Vale lembrar que o educador precisa conhecer as características pessoais do grupo para que as estratégias de ensino ajudem a alcançar os objetivos propostos.

Andrade (2002) constatou que 100% dos professores utilizam o estilo de aula expositiva, reforçando o dado fornecido na tabela acima, e Hofer (2004) elaborou pesquisa com o objetivo de identificar a qualificação docente, as estratégias de ensino, os recursos institucionais e a forma de avaliação utilizados, o conteúdo ministrado e a bibliografia adotada.

O quadro de giz é o recurso instrucional mais usado pelos docentes (71,4%). O *data show* e os exercícios programados merecem destaque, pois são utilizados em 42,9% das IES. O *data show*, ainda é um recurso caro, e nem sempre está à disposição do docente e precisa ser requisitado com certa antecedência, o que, em alguns casos, requer atenção do professor no planejamento de suas disciplinas.

A prova escrita é empregada em todas as IES e é um dos critérios utilizados por todos os professores. Um objetivo da avaliação é verificar se o planejamento e a execução dos planos de ensino estão apresentando resultados satisfatórios junto aos estudantes. Para Gil (1999), a prova escrita se constitui na forma mais tradicional usada para a avaliação de aprendizagem do ensino superior.

Os professores deveriam conhecer outras estratégias de ensino para que possam tornar as aulas mais agradáveis e dinâmicas para que os alunos sintam a necessidade de aplicá-lo na passagem acadêmica e principalmente na prática, de acordo com Barros (2005).

Percebe-se que o trabalho em grupo é utilizado por 85,7% dos professores nas disciplinas.

Para Cardozo (2006), professores estão focados em metodologias tradicionalistas, ao invés de construtivistas, conforme se destacou no Anexo C (p. 102).

#### 4.6.4 Conteúdos ministrados nas disciplinas

Na tabela 10, são apresentados os conteúdos ministrados na disciplina de Finanças. Em algumas IES, essa disciplina recebe o complemento de Orçamentária.

Orçamento deveria ser um tópico ministrado dentro da disciplina de Finanças. Entretanto, na visão de professores e coordenadores que elaboram o plano pedagógico do curso, orçamento tem uma importância destacada, conforme a tabela 11, itens 3, 4 e 6, em que o título das disciplinas foi incrementado com orçamento. A CNE/CES 10/2004 não menciona disciplinas de Finanças e, principalmente, Orçamento como obrigatórias. Dos 25 conteúdos identificados na tabela 10, os números 6, 7, 8 e 14 se referem ao tema orçamento.

No conteúdo programático das disciplinas, nota-se que não há um padrão definido, provavelmente em função da visão e experiência dos professores que ministram a disciplina. Chamam a atenção os tópicos genéricos “noções gerais” (3) e planejamento (20).

**TABELA 10 – Conteúdos ministrados nas disciplinas de Finanças**

Tópicos do programa	Cursos	
	Quantidade	%
1 - Fluxo de caixa	7	100,0
2 - Planejamento financeiro de curto e longo prazo	7	100,0
3 - Noções gerais	7	100,0
4 - Função financeira	7	100,0
5 - Efeitos de Alavancagem	7	100,0
6 - Introdução ao orçamento	4	57,1
7 - Componentes do orçamento	4	57,1
8 - Análise orçamentária	4	57,1
9 - Operações financeiras ativas e passivas	4	57,1
10 - Política de dividendos	4	57,1
11 - Administração de estoques	3	42,9
12 - Financiamento das atividades empresariais	3	42,9
13 - Lucratividade e geração de valor	3	42,9
14 - Variações orçamentárias	3	42,9
15 - Situação econômica x situação financeira	3	42,9
16 - Identificação do risco da empresa	3	42,9
17 - Avaliação de investimentos	3	42,9
18 - Administração do capital de giro	2	28,6
19 - Administração de duplicatas a receber	2	28,6
20 - Planejamento	2	28,6
21 - Ferramentas de análise e gestão financeira	2	28,6
22 - Administração de disponibilidades	1	14,3
23 - Liquidez e ciclo financeiro	1	14,3
24 - Políticas de crédito	1	14,3
25 - Custo de capital	1	14,3

Fonte: O autor

Na disciplina de Matemática Financeira, há um padrão definido no conteúdo programático. Há menos divergências entre as instituições pesquisadas e, na maioria das IES, o programa disciplinar é o mesmo. A tabela 11 apresenta os conteúdos identificados:

**TABELA 11 Conteúdos ministrados nas disciplinas de Matemática Financeira**

Tópicos do programa	Cursos	
	Quantidade	%
1 - Conceitos básicos: fluxo de caixa, juros, taxa de juros, capitalização	7	100,0
2 - Sistema de capitalização simples	7	100,0
3 - Sistema de capitalização composto	7	100,0
4 - Série uniforme de pagamentos: montante, juros, taxas equivalentes, equivalência financeira, taxa nominal e taxa efetiva de juros	7	100,0
5 - Problemas de fluxos de caixa	5	71,4
6 - Descontos	5	71,4
7 - Análise financeira: métodos do valor presente líquido, taxa interna de retorno, análise de projetos de investimento e financiamento	5	71,4
8 - Efeitos de inflação	5	71,4
9 - Produtos do mercado financeiro	3	42,9
10 - Séries de pagamentos (postecipadas, antecipadas e diferidas)	3	42,9
11 - Tabelas financeira e logarítmica	1	14,3

Fonte: O Autor.

#### 4.6.5 Bibliografia utilizada nas disciplinas

A tabela 12 resume a bibliografia utilizada para as disciplinas de Finanças, exceto Matemática Financeira. Percebe-se que não há uma obra específica utilizada. Ocorre pouca repetição nos livros de um programa disciplinar para outro. Isso não ocorre na disciplina de Matemática Financeira, em que há maior uniformidade na utilização da bibliografia entre as disciplinas.

Destaca-se em Finanças o autor Brigham, que se apresenta em 42,9% das IES com duas obras – “Administração Financeira: - Teoria e Prática” e “Fundamentos da Moderna Administração Financeira”. Os autores Lopes, Sanvicente e Paula Leite também apresentaram frequência de 42,9%, todos com uma obra cada.

Chama a atenção a indicação de duas obras em língua inglesa: “*International Investments*” e “*The Quest for Value*”, ambas com 14,3% de incidência. Seria necessário verificar se os discentes de graduação possuem condições de estudar obras em língua inglesa.

**TABELA 12 – Bibliografia adotada nas disciplinas de Finanças – por frequência, exceto Matemática Financeira**

Administração Financeira	Autor	1ª Edição	Usada	Última	Editores	F	%
Administração Financeira: Teoria e Prática	Brigham, e. Et al	2001	2001	1º - 2001 - 5ª Tiragem	Atlas	3	42,9
A Informação Contábil e o Mercado de Capitais	Lopes, ab.	2002	2002	1º - 2002	Thomson	3	42,9
Mercado de Capitais e Estratégias de Investimentos	Sarvicente, a	1988	0	1º - 1998 - 6ª Tiragem	Atlas	3	42,9
Fundamentos da Moderna Administração Financeira	Brigham, e. Et al	1999	1999	1º - 1999	Campus	3	42,9
Introdução à Administração Financeira	Paula leite, h.	1981	0	2º - 1994 - 8ª Tiragem	Atlas	3	42,9
Introdução aos Derivativos	Figueiredo, a. C.	2002	2002	1º - 2002	Thomson	2	28,6
Princípios de Administração Financeira	Gitman, Lawrence	1977	2003	10ª - Edição - 2006	Pearson	2	28,6
Finanças Corporativas	Assaf Neto, a	2003	2003	2º - 2005 - 2ª Tiragem	Atlas	2	28,6
Fundamentos da Administração Financeira	Vanhorne, j. C.	1983	0	5ª - 1995	Prentice Hall	2	28,6
Fundamentos e Técnicas de Administração Financeira	BRAGA, Roberto de	1988	0	2º - 1992 - 3ª Tiragem	Atlas	2	28,6
Princípios de Finanças Empresariais	Breaky, r. A e outros	1989	0	8ª - 2007	Mc Graw-Hill	2	28,6
Mercado Financeiro	Fortuna, e.	1985	0	16ª - 2005	Qualitymark	2	28,6
Mercado Financeiro Brasileiro	Santos, j. E.	1999	0	1º - 1999 - 2ª Tiragem	Atlas	2	28,6
Crédito, Análise e Avaliação de Risco	Securato, j. R.	2002	0	1º - 2002	Saint Paul	2	28,6
Contabilidade e Controle de Operações com Derivativos	Lima, I.S et al	1999	0	1º - 1999	Pearson	2	28,6
Mercado Financeiro: Produtos e Serviços	Fortuna, e.	1985	2001	16ª - 2005	Qualitymark	2	28,6
Finanças Corporativas	Leal, r. P.c. e outros	2001	2000	1º - 2001 - 2ª Tiragem	Atlas	2	28,6
Gestão de Riscos e Derivativos	Lemgruber, e. F.	2001	2001	1º - 2001	Atlas	1	14,3
<i>International Investments</i>	Sohnik, Bruno	1989	1989	5ª - 2003	Pearson	1	14,3
<i>The Quest for Value</i>	Stewart, g. B.	1991	1991	1º - 1991 - EUA	Hardcover	1	14,3
Os Direitos dos Acionistas Minoritários	Amendolara, l.	1998	1998	2ª - 2002	Quartier Latin	1	14,3
Economia Internacional e Comércio Exterior	Maia, j.m.	1999	1999	11ª - 2007 - 1ª Tiragem	Atlas	1	14,3
<i>Measuring and Managing the Value of Companies</i>	COPELAND, Tom. Et al	1996	1996	3ª - 2006	Wiley	1	14,3
Opções, Futuros e Outros Derivativos	Hull, John	1989	1998	3ª - 2006	Prentice Hall	1	14,3
Teoria Avançada da Contabilidade	Judicibus, s. Et al	2004	2004	1º - 2004 - 2ª Tiragem	Atlas	1	14,3
Análise da Cor.Mon.Dem.Financeira	Martins, e.	1980	0	2ª - 1989	Atlas	1	14,3
Mercado Financeiro: Aspectos Históricos e Conceituais	Andrezo, a. F. E. outro	1999	0	3ª - 2007 - 1ª Tiragem	Atlas	1	14,3
O Mercado de Derivativos Financeiros	Bessada, o.	2000	0	1ª - 2000	Record	1	14,3
Contabilidade de Instituições Financeiras	Niyama, j. K. E. outro	2000	0	3ª - 2005	Atlas	1	14,3
Cálculo Financeiro das Tesourarias - Bancos e Empresas	Securato, j. R.	1999	0	3ª - 2005	Saint Paul	1	14,3

Fonte: O autor.

**TABELA 13 – Bibliografia adotada nas disciplinas de Matemática Financeira – por frequência**

Matemática Financeira	Autor	1º Edição	Usada	Última Edição	Editora	F	%
Matemática Financeira	Araujo, c.r.v.	1993	1993	1º - 1993 - 3º Tiragem	Atlas	4	57,1
Matemática Financeira	FARO, Clóvis de	1982	1993	9º - 1997 - 10º Tiragem	Atlas	4	57,1
Matemática Financeira	Mathias, w. F.	1969	1996	4º - 2004 - 3º Tiragem	Atlas	4	57,1
Matemática Financeira	Francisco, w. De	1980	1996	7º - 1991 - 9º Tiragem	Atlas	3	42,9
Matemática Financeira e suas Aplicações	Assaf neto, a	1993	1997	9º - 2006 - 3º Tiragem	Atlas	3	42,9
Matemática Comercial e Financeira	Faria, r.g.	2000	2000	1º - 2000	Makron Books	3	42,9
Matemática Financeira com HP 12C e Excel	Bruni, a l. E famá, r.	2002	2004	4º - 2007 - 1º Tiragem	Atlas	3	42,9
Matemática Financeira Objetiva e Aplicada	Puccini, a l.	1986	1998	7º - 2006	Saraiva	3	42,9
Matemática Financeira Usando Excel	Lapponi, j.c.	1986	1998	1º - 2002	Campus	3	42,9
Matemática Financeira e Aplicações na HP-12C	Vieira sobrinho, j.d.	1995	1997	2º - 1985 - 14º Tiragem	Atlas	2	28,6
Matemática Financeira com Excel	Shinoda, c.	1998	1998	2º - 1998 - 6º Tiragem	Atlas	2	28,6
Avaliação de Projetos de Invest.- Modelos com Excel	Tosi, a j.	1996	1996	4º - 2007	Atlas	2	28,6
Cálculo Financeiro e Tesouraria	Securato, j.	1999	1998	3º - 2005	Saint Paul	1	14,3
Matemática Financeira	Vieira Sobrinho, j.D.	2000	0	7º - 2000 - 8º Tiragem	Atlas	1	14,3
Matemática Financeira - Aplic. à Análise de Invest.	Samanez, c.p.	1994	1995	4º - 2007	Pearson	1	14,3

Fonte: O Autor.

Cabe também atentar para o fato de que, nos programas de ensino, algumas bibliografias não apresentam o ano da edição, tornando difícil a confrontação entre a bibliografia atual e a bibliografia utilizada.

Conforme menção de Ricardino Filho (2003), os livros indicados por docentes e que deveriam dar apoio às aulas ministradas apresentam conteúdo defasado das práticas utilizadas desde a década de 90. A mesma situação ocorre nas disciplinas de Finanças. Este problema também foi identificado por Hofer, Peleias e Weffort (2005).

Verificou-se que, das 30 obras identificadas para as disciplinas de Finanças, exceto Matemática Financeira, em 14 (46,67%) não é indicado o ano da edição usada, e em 8 casos (26,67%), a obra indicada está defasada quanto à edição. Este aspecto requer maior atenção

dos docentes e dos coordenadores dos cursos, pois a indicação de obras atualizadas pode contribuir para a atualização dos acervos das bibliotecas e permite que os discentes estudem em obras atualizadas.

Para a obra de Matemática Financeira, verificou-se que 9 (64,28%) das indicações não são a edição mais atual.

Em ambas as disciplinas, Finanças e Matemática Financeira, não foram encontrados programas de disciplinas atualizados, o que fica evidente ao confrontar a bibliografia utilizada com a atual. A verificação das obras utilizadas foi realizada também em *sites* das editoras e nos currícula Lattes dos autores, embora nem todos o possuam. Para a disciplina Matemática Financeira, foram também encontradas obras desatualizadas, mas nenhum dos programas omite a data da obra publicada.

As obras mais utilizadas para a disciplina de Matemática Financeira são de Araújo, Faro e Mathias, com participação em 57,1% das IES pesquisadas. O título das obras é o mesmo: Matemática Financeira. Cabe salientar que, em 9 casos, a edição usada não é a mais recente.

Nota-se que a bibliografia indicada nos planos de ensino para as duas disciplinas contém apenas livros, dela não constando nenhuma revista técnica de Finanças, trabalhos, dissertações e artigos apresentados em congressos ou outros eventos de natureza científica. Essas publicações servem para demonstrar os estudos e pesquisas mais recentes para atualização profissional e poderiam ser usadas para despertar nos estudantes o interesse pela iniciação científica, participação em eventos e congressos ou mesmo pela elaboração e publicação de artigos.

## CONCLUSÃO

Através da análise dos testes estatísticos e da pesquisa descritiva, observou-se que há uma preocupação de professores e coordenadores sobre os conteúdos de Finanças nos cursos de Ciências Contábeis.

Os resultados obtidos por meio do questionário dirigido aos professores permitiu traçar um perfil dos professores das disciplinas de Finanças e Matemática Financeira

Nota-se a associação com os respondentes que ministram aulas em outros cursos e a faixa etária com as questões desenvolvidas no construto I, que trata especificamente da percepção de o contador ser um profissional qualificado para exercer a atividade de Finanças. Essa percepção foi graduada como abaixo de bom, indicando que tais respondentes, por sua atuação e vivência, não concordam que o contador é um profissional qualificado para exercer a atividade de Finanças.

A maioria dos professores das disciplinas de Finanças e Matemática Financeira possui o título de Mestre, representando um percentual de 44,4%. Doutores representam 22,2%, e Especialistas, 33,3%. Este fato é importante, pois a existência de professores com titulação acadêmica pelo menos de Mestre nas disciplinas em análise pode trazer contribuições significativas para o curso de Ciências Contábeis.

Nem todos os professores dedicam-se em tempo integral à docência e à pesquisa. Esse aspecto pode comprometer o desempenho do docente, afetando diretamente a qualidade de suas aulas e sua preparação didática para atuação em sala de aula.

A maioria dos professores (57,1%) possui entre três e dez anos de docência. Relativamente às suas áreas de qualificação, observou-se, conforme tabela 13, que 6 são oriundos da área de contabilidade, e 8, de outras áreas. É de esperar que esta diversidade contribua para a Interdisciplinaridade, entretanto a assertiva 7, componente do constructo 4, revelou que os professores discutem pouco sobre os conteúdos de Finanças ofertados no curso de Ciências Contábeis.

Quanto aos métodos de ensino, a pesquisa possibilita concluir que todos os docentes utilizam aulas expositivas e atividades em grupo nas disciplinas de Administração Financeira e Matemática Financeira e usam pouco o método do caso: 21,4% e seminários, 14,3%. Vale lembrar que o educador precisa conhecer as características pessoais do grupo para que as estratégias de ensino ajudem a alcançar os objetivos propostos.

Entende-se que o profissional contábil deveria estar qualificado para exercer atividades que envolvam Finanças, preocupar-se com os conteúdos a serem ministrados, com as disciplinas a serem cursadas e com a interdisciplinaridade entre todas as disciplinas que envolvam práticas e atitudes de Finanças. Contudo, na prática docente, tais objetivos não são alcançados

Na análise feita nas grades curriculares, percebe-se que há livros desatualizados, divergências entre Finanças e Orçamento ou quais disciplinas deveriam conter práticas de Finanças (as quais utilizam Administração Orçamentária), que deveria ser uma ferramenta complementar no aprendizado de Finanças.

Observou-se na pesquisa bibliográfica a importância do conteúdo de Finanças, que deveria constar obrigatoriamente nos cursos de Ciências Contábeis, pois é parte integrante da formação profissional. As diretrizes curriculares elaboradas pelo MEC a ONU e o IFAC sugerem os conteúdos de Finanças e destacam sua relevância como área de atuação profissional para o contabilista, o que deveria ser observado com mais atenção na elaboração das diretrizes curriculares do curso de Ciências Contábeis, propiciando uma carga horária maior para o desenvolvimento dos conteúdos de Finanças, promovendo uma integração entre prática e teoria e também utilizando a interdisciplinaridade propiciando ao discente embasamento para exercer atividade relacionada com o objetivo embasado no curso de Ciências Contábeis.

Tanto professores quanto coordenadores deveriam propor alterações nos conteúdos ministrados sobre Finanças e o momento apropriado seria na elaboração das diretrizes curriculares que norteiam os cursos; porém, não é o que foi constatado nos programas analisados. Este aspecto requer atenção.

Este trabalho abre a possibilidade de contribuição ao desenvolvimento do curso de Ciências Contábeis, visando a formar profissionais capacitados, com habilidades e competências no exercício da profissão e que apresente na sua formação uma qualificação melhor em Finanças.

Finalmente, recomendam-se melhorias futuras e adequação do questionário para melhor caracterizar as IES e a quantidades de turmas envolvendo também o discente, observando seu aprendizado durante o curso e após o seu término, avaliando assim a absorção de conhecimento e também se a IES atinge seu objetivo em desenvolver o conhecimento não só de Finanças, mas também em áreas correlatas.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. S. **O ensino de contabilidade introdutória nas universidades públicas do Brasil** Dissertação de Mestrado em controladoria e Contabilidade. FEA/USP São Paulo, 2002.
- BARROS, V. M. O novo e o velho enfoque da informação contábil. **Revista. Contabilidade e Finanças**, São Paulo, n. 38, p. 102–112, maio/ago. 2005.
- BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. Tradução de Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRAGA, R. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parecer 09/5/2002. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação**. Publicado no Diário Oficial da União nº 90, de 13/5/2002, Seção 1.
- Resolução CNE/CES 6/2004**. Institui as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em ciências contábeis, bacharelado, e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União, Brasília, de 16 de março de 2004, Seção 1.
- BRASIL, H. V; BRASIL, H. G. **Gestão financeira das empresas: um modelo dinâmico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.
- BREALEY, R. A.; MYERS, S. C; MARCUS, A. J. **Fundamentos da administração financeira**. Tradução de Robert Brian Taylor. 3. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill Irwin, 2002.
- BRIGHAM, E. F.; GAPENSKI, L. C; EHRARDT, M.C. **Administração financeira: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2001.
- BRUSSOLO, F.; PELEIAS, I. R. Diretrizes curriculares do curso de graduação em ciências contábeis x exigências do mercado de trabalho para a área contábil na Grande São Paulo. In: FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE CONTABILIDADE, 3., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2002.
- CARDOZO, W. et al. **O ensino de métodos quantitativos nos cursos de Ciências Contábeis**. 2006. Disponível em: <<http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos62006/227.pdf>>. Acesso em: 01 jun. de 2007.
- CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. Resolução CFC 560/83. **Prerrogativas profissionais**. Disponível em: <http://www.portaldecontabilidade.com.br/nbc/res750.htm> Acesso em maio de 2006.

- COOPER, D. R.; SHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- CRESPO, A. A. **Estatística fácil**. São Paulo. Saraiva, 1998
- DIAS, E. A. **Contador gerencial: desafios e perspectivas**. Disponível em: [www.icbrasil.com.br](http://www.icbrasil.com.br). Acesso em 5 de fevereiro de 2007.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE CONTADORES (IFAC) -*Education Committee. Exposure drafts of seven standards and one guideline*. Dec.,31, 2002. Disponível em:<http://www.ifac.org/>
- International education standards for professional accountants**. IES 1-6. New York, USA, Oct. 2003. Disponível em:<http://www.ifac.org/>
- FLEURIET, M.; KEHDY, R.; BLANC, G. **O modelo Fleuriet: a dinâmica financeira das empresas brasileiras**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 7. ed. São Paulo: Harbra, 1997.
- GROPPELLI, A. A.; NIKBAKHT, E. **Administração financeira**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- HAIR, JR., J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HENDRIKSEN, E. S.; VAN BREDA, M. F. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1999.
- HILL, M. M.; HILL, A. **Investigação por questionário**. 2.ed. Lisboa: Sílabo, 2002.
- HOFER, E. **Ensino de contabilidade introdutória nos cursos de ciências contábeis das universidades estaduais do Paraná: um estudo exploratório**. 2004. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica) - FECAP, São Paulo, 2004.
- HOFER, E.; PELEIAS, I. R.; WEFFORT, E. F. J. Análise das condições de oferta da disciplina contabilidade introdutória: pesquisa junto às universidades estaduais do Paraná. **Revista contabilidade & finanças**, São Paulo, v. 16, n. 39, p. 118-135, 2005.
- HORNGREN, C.; SUNDEM, G. L; STRATTON, W. O. **Contabilidade gerencial**. Tradução de Elias Pereira. 12. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- IBRACON. **NPC nº 27/2005: Norma e Procedimento de Contabilidade- Demonstrações contábeis/apresentação e divulgações**. Disponível em: <http://www.portaldacontabilidade.com.br>>. Acesso em: 01 dez. 2006.

INSTITUTO TÉCNICO DE PESQUISA E ASSESSORIA. Você conhece administração financeira? **REVISTA ITEPA**. Universidade Católica de Pelotas. Ano II, número II, junho de 2003.

Disponível em: [www.ucpel.tche.br/itepa/acervo/conjuntura\\_empresarial\\_junho2003.doc](http://www.ucpel.tche.br/itepa/acervo/conjuntura_empresarial_junho2003.doc)  
Acesso em janeiro de 2007.

JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPÉIA/PT **Norma Internacional de Contabilidade Nic 7** PT Jornal Oficial da União Européia. L 261/3113.10.

2003. Disponível em: [eur-lex.europa.eu/JOIndex.do?ihmlang=pt](http://eur-lex.europa.eu/JOIndex.do?ihmlang=pt) - Acesso em junho de 2007

KOTHARI, S. P. **Balço patrimonial**: investimentos e financiamentos. Contabilidade empresarial. Massachusetts Institute of Technology. 2004. Disponível em: <http://www.universiabrasil.net/mit/15/15511/PDF/lec11.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2007.

MALHOTRA, N.K. **Pesquisa de Marketing**. Uma orientação aplicada. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

MARION, J. C. Preparando-se para a profissão do futuro. **Revista do CRC/PR**, Curitiba, v. 24, n. 120, p.13, mar. 1998.

MARTINS, E. Contabilidade versus fluxo de caixa. **Caderno de estudos FIPECAFI**, São Paulo, n. 20, p. 9-17, jan./abr. 1999.

MARTINS, G. de A.; PELISSARO, J. Sobre conceitos, definições e constructos nas Ciências Contábeis. **Base – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**. São Leopoldo/RS, volume 2, número 2, pág. 78-84, maio-agosto/2005.

MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas: 1993.

MOREIRA, C. **Estatística Aplicada**. UFSC, Santa Catarina, 2000.

NOSSA, V.; MAZOCO, L. F. Uma proposta metodológica para o ensino de contabilidade gerencial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 16, 2000, Goiânia. **Anais...** Brasília: CFC, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Conselho de Comércio e Desenvolvimento. Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. **Currículo global para a educação profissional de contadores**. Genebra, fevereiro de 1999.

PARRA FILHO, D.; SANTOS, J.A. **Metodologia científica**. São Paulo: Futura, 2003.

PELEIAS, I. R. **Controladoria: gestão eficaz utilizando padrões.** São Paulo: Saraiva, 2002.

PEREIRA, D. M. V. G.. A formação e a qualificação do contador face ao programa mundial de estudos em contabilidade proposto pelo ISAR: Uma abordagem no processo ensino – aprendizagem. 6º CONGRESSO USP. **Anais...**, São Paulo, 2006.

ROSELLA, M. H. et al. O ensino superior no Brasil e o ensino da Contabilidade. In: PELEIAS, I.R.(Org.) **Didática do ensino da Contabilidade.** São Paulo: Saraiva, 2006.

RICARDINO FILHO, A.A. **Do steward ao controller, quase mil anos de management accounting: o enfoque anglo-americano.**Dissertação de Mestrado. FEA/USP. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Algumas limitações do ensino de auditoria nos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. In: CONGRESSO USP CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 3., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA-USP, 2003. 1 CD-ROM.

ROSS, S. A.; WESTERFIELD, R. W; JAFFE, J.F. **Administração financeira.** 2 ed..Tradução de Antonio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 2002.

SÁ, A.L. **Os contadores na visão das Nações Unidas.** Texto disponível em: [www.crcpr.org.Br/novo/publicações/revista/130/índice.htm](http://www.crcpr.org.Br/novo/publicações/revista/130/índice.htm). Acesso em outubro de 2006.

SALAZAR, J. N.A; BENEDICTO, G. C. **Contabilidade financeira.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SIEGEL, S. **Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento.** Tradução Alfredo Alves de Farias; revisão técnica Eva Nick. São Paulo: McGraw-Hill, 1979.

SINATORA, J. R. P. **Estudo exploratório sobre o ensino dos conteúdos dos sistemas de informação nos cursos de Ciências Contábeis da cidade de São Paulo.** 2004. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica) - UNIFECAP, São Paulo, 2004.

SIQUEIRA, H S G. Formação interdisciplinar: exigência sóciopolítico para um mundo em rede. In: SIMPÓSIO ESTADUAL DE ECONOMIA DOMÉSTICA, 7., 2003, Francisco Beltrão. **Anais...** Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2003.

SOUZA, V. P. **Análise da contribuição do ensino e dos meios de divulgação do conhecimento para formação profissional em Contabilidade Ambiental.** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - UNIFECAP, São Paulo, 2006.

SPIEGEL, M. R. **Estatística.** São Paulo: McGraw-Hill, 1972.

SPSS. **SPSS base 12.0 User's Guide.** Chicago, IL., 2003.

STICKNEY, C. P.; WEIL, R. L. **Contabilidade financeira: uma introdução aos conceitos, métodos e usos.** São Paulo: Atlas, 2001.

TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística.** Rio de Janeiro: LTC, 1999.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2000.

VIALI JR, L. **Análise bidimensional:** material didático. São Paulo: PUC, 2005.

VIEIRA, M. V. **Administração estratégica de capital de giro.** São Paulo: Atlas, 2005.

VOCÊ conhece administração financeira? **REVISTA ITEPA**, Pelotas, v. 2, n. 2, jun. 2003. Disponível em:  
<[http://www.ucpel.tche.br/itepa/acervo/conjuntura\\_empresarial\\_junho2003.doc](http://www.ucpel.tche.br/itepa/acervo/conjuntura_empresarial_junho2003.doc)>.  
Acesso em: 01 jan. 2007.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO E CONSTRUCTOS

01 - A sua instituição se enquadra em qual tipo de Instituição de Ensino:	Centro Universitário ( ) Faculdade ( ) Universidade ( )
02 - Número de alunos por turma:	Até 40 ( ) 40 a 60 ( ) + 60 ( )
03 – Você já exerceu a função de coordenação?	Sim ( ) Não ( )
04 - Tempo na função de coordenador no Curso de Ciências Contábeis:	Até 3 anos ( ) 3 a 5 anos ( ) + 5 anos ( )
05 - Titulação do coordenador no Curso de Ciências Contábeis:	Graduado ( ) Especialista ( ) Mestre ( ) Doutor ( )
06 - Titulação do professor no Curso de Ciências Contábeis:	Graduado ( ) Especialista ( ) Mestre ( ) Doutor ( )
07 - Ministra aulas em outros cursos além do curso de Ciências Contábeis?	Curso _____ Disciplina _____
08 - Trabalha na área de FINANÇAS nas empresas ( ) Sim ( ) Não. Qual função? ( ) Executivo ( ) Gerencial ( ) Direção. Tempo de experiência.	Tempo na Função: Até 3 anos ( ) 3 a 5 anos ( ) + 5 anos ( )
09 - Tempo de magistério no ensino superior: Até 3 anos ( ) 3 a 5 anos ( ) 6 a 10 anos ( ) mais 11 anos	
10 - Idade do respondente: ( ) até 30 anos ( ) – 31 a 40 ( ) – 41 a 50 ( ) – Mais que 50 anos	
<b>Concordo Totalmente</b> 05	<b>Concordo Parcialmente</b> 04
<b>Nem Concordo Nem discordo</b> 03	<b>Discordo Parcialmente</b> 02
<b>Discordo totalmente</b> 01	

<b>Assertivas</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
01 - Ao término das disciplinas, a maioria dos alunos reconhece as vantagens em ter tido conhecimento sobre FINANÇAS.					
02 - Os conteúdos de FINANÇAS estão diretamente relacionados ao objetivo do curso.					
03 - Os conteúdos de FINANÇAS são aplicados em sala de aula.					
04 - Os conteúdos de FINANÇAS ministrados são praticados em empresas.					
05 - A carga horária destinada ao ensino dos conteúdos de FINANÇAS é insuficiente.					
06 - Há interação entre as disciplinas do curso em relação aos conteúdos de FINANÇAS.					
07 - Os conteúdos de FINANÇAS são discutidos entre os professores do curso.					
08 - A biblioteca possui a bibliografia indicada pelo professor para ministrar os conteúdos de FINANÇAS.					
09 - Organizar e realizar trabalhos em grupos é uma atividade não praticada no ensino dos conteúdos de FINANÇAS.					
10 - O ensino dos conteúdos de FINANÇAS despertam interesse aos alunos.					
11 - Os alunos não tem dificuldade para associar teoria e prática no ensino dos conteúdos de FINANÇAS.					
12 - As Diretrizes Curriculares propõem melhorias para a formação do Profissional Contador com o ensino dos conteúdos de FINANÇAS.					
13 - Os critérios usados para designar o professor que ministrará os conteúdos de FINANÇAS não são suficientes.					
14 - O conteúdo de FINANÇAS influencia no desempenho das demais disciplinas da área Contábil.					
15 - Não é necessário separar conteúdos de Finanças de outros conteúdos do curso de Ciências Contábeis.					
16 - A participação do Contador na elaboração de relatórios financeiros é fundamental.					
17 - O Contador precisa conhecer órgãos nacionais e internacionais de Finanças.					
18 - O Contador está qualificado para elaborar ou avaliar relatórios financeiros.					
19 - O Contador não precisa reconhecer a importância da análise financeira para a salvaguarda do patrimônio da empresa.					
20 - O Contador tem qualificação para proceder auditoria financeira nos relatórios contábeis.					
21 - O Contador tem qualificação para reconhecer os passivos ou riscos financeiros nos relatórios contábeis.					
22 - Os alunos têm dificuldade para aprender a terminologia, conceitos e aplicação prática dos conteúdos de FINANÇAS.					
23 - Os conteúdos de FINANÇAS são conhecimentos importantes aos contadores.					
24 - O professor do curso de Ciências Contábeis está qualificado para ensinar FINANÇAS.					

1 – O CONTADOR É UM PROFISSIONAL QUALIFICADO PARA EXERCER A ATIVIDADE DE FINANÇAS?

- 16 – A participação do Contador na elaboração de relatórios financeiros é fundamental.
- 18 – O contador está qualificado para elaborar ou avaliar relatórios financeiros.
- 19 – O Contador não precisa reconhecer a importância da análise financeira para a salvaguarda do patrimônio da empresa.
- 20 – O contador tem qualificação para proceder auditoria financeira nos relatórios contábeis.
- 21 – O Contador tem qualificação para reconhecer os passivos ou riscos financeiros nos relatórios contábeis.
- 17 – O contador precisa conhecer órgãos nacionais e internacionais de finanças.

2 – PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SOBRE FINANÇAS:

- 22 – Os alunos tem dificuldade para aprender a terminologia, conceitos e aplicação prática dos conteúdos de FINANÇAS.
- 15 – Não é necessário separar conteúdos de Finanças de outros conteúdos do curso de Ciências Contábeis.
- 23 – Os conteúdos de FINANÇAS são conhecimentos importantes aos contadores.
- 24 – O professor do curso de Ciências Contábeis está qualificado para ensinar FINANÇAS.
- 01 – Ao término das disciplinas, a maioria dos alunos reconhece as vantagens em ter tido conhecimento sobre FINANÇAS.
- 11 – Os alunos não tem dificuldade para associar teoria e prática no ensino dos conteúdos de FINANÇAS.

3 – PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES E COORDENADORES SOBRE CONTEUDOS DE FINANÇAS INDICADO NA GRADE CURRICULAR DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS:

- 02 – Os conteúdos de FINANÇAS estão diretamente relacionados ao objetivo do curso.
- 03 – Os conteúdos de FINANÇAS são aplicados em sala de aula.
- 04 – Os conteúdos de FINANÇAS ministrados são praticados em empresas.
- 10 – O ensino dos conteúdos de FINANÇAS despertam interesse aos alunos.
- 08 – A biblioteca possui a bibliografia indicada pelo professor para ministrar os conteúdos de FINANÇAS.
- 13 – Os critérios utilizados para designar o professor que ministrará os conteúdos de FINANÇAS não são suficientes.

4 – PERCEPÇÃO DOS COORDENADORES E PROFESSORES SOBRE HABILIDADES E COMPETENCIA (INTERDISCIPLINALIDADE) EMPREGADAS NA GRADE CURRICULAR DE FINANÇAS:

- 06 – Há interação entre as disciplinas do curso em relação aos conteúdos de FINANÇAS
- 05 – A carga horária destinada ao ensino dos conteúdos de FINANÇAS é insuficiente.
- 07 – Os conteúdos de FINANÇAS são discutidos entre os professores do curso.
- 09 – Organizar e realizar trabalhos em grupos é uma atividade não praticada no ensino dos conteúdos de FINANÇAS.
- 12 – As diretrizes curriculares propõem melhorias para a formação do profissional Contador com o ensino dos conteúdos de FINANÇAS.
- 14 – O conteúdo de FINANÇAS influencia no desempenho das demais disciplinas da área Contábil.

## APÊNDICE B – BANCO DE DADOS DA PESQUISA

### PERFIL

Questionário	1) Tipo de Instituição	2) N° de médio de alunos por turma	3) Você já exerceu a função de coordenador	4) Tempo na função de coordenador no Curso de Ciências Contábeis	5) Titulação do Coordenador do Curso de Ciências Contábeis
1	Universidade	40 a 60	Sim	Até 3 anos	Doutor
2	Universidade	Mais de 60	Não	Não	Não
3	Universidade	Mais de 60	Sim	Mais de 5 anos	Doutor
4	Centro Universitário	Até 40	Não	Não	Não
5	Faculdade	Até 40	Sim	Mais de 5 anos	Doutor
6	Faculdade	40 a 60	Não	Não	Não
7	Faculdade	40 a 60	Não	Não	Não
8	Faculdade	40 a 60	Sim	Até 3 anos	Especialista
9	Centro Universitário	40 a 60	Sim	Mais de 5 anos	Mestre
10	Centro Universitário	40 a 60	Não	Não	Não
11	Universidade	40 a 60	Sim	3 a 5 anos	Doutor
12	Faculdade	40 a 60	Não	Não	Não
13	Universidade	40 a 60	Sim	3 a 5 anos	Mestre
14	Universidade	40 a 60	Sim	Até 3 anos	Especialista
15	Universidade	40 a 60	Não	Não	Não
16	Universidade	40 a 60	Não	Não	Não
17	Universidade	40 a 60	Sim	Mais de 5 anos	Mestre
18	Universidade	40 a 60	Não	Não	Não
19	Universidade	40 a 60	Não	Não	Não
20	Universidade	Mais de 60	Sim	3 a 5 anos	Mestre
21	Universidade	Mais de 60	Não	Não	Não
22	Universidade	Mais de 60	Sim	Até 3 anos	Mestre
23	Faculdade	40 a 60	Sim	Mais de 5 anos	Mestre
24	Faculdade	40 a 60	Não	Não	Não
25	Faculdade	40 a 60	Não	Não	Não
26	Centro Universitário	Mais de 60	Sim	3 a 5 anos	Mestre
27	Centro Universitário	40 a 60	Não	Não	Não
28	Centro Universitário	40 a 60	Não	Não	Não
29	Universidade	40 a 60	Sim	Mais de 5 anos	Doutor
30	Universidade	40 a 60	Não	Não	Não
31	Universidade	40 a 60	Não	Não	Não
32	Centro Universitário	40 a 60	Não	Não	Não

## PERFIL – CONTINUAÇÃO

Questionário	6) Titulação do professor no Curso de Ciências Contábeis	7) Ministra aula em outro curso além do Curso de Ciências Contábeis?	8) Trabalha na área de Finanças nas empresas?
1	Doutor	Não	Não
2	Doutor	Não	Gerencial
3	Doutor	Economia	Consultor
4	Mestre	Não	Não
5	Doutor	Não	Executivo
6	Especialista	Não	Gerencial
7	Especialista	Não	Gerencial
8	Especialista	Não	Não
9	Mestre	Administração	Gerencial
10	Mestre	Não	Não
11	Doutor	Não	Gerencial
12	Mestre	Não	Não
13	Mestre	Não	Gerencial
14	Especialista	Administração	Gerencial
15	Especialista	Gestão Empresarial	Gerencial
16	Mestre	Não	Gerencial
17	Mestre	Não	Gerencial
18	Doutor	Não	Não
19	Doutor	Não	Não
20	Mestre	Administração	Gerencial
21	Especialista	Administração	Gerencial
22	Mestre	Não	Gerencial
23	Mestre	Não	Gerencial
24	Mestre	Não	Não
25	Especialista	Não	Não
26	Mestre	Administração	Gerencial
27	Especialista	Administração	Não
28	Especialista	Não	Não
29	Doutor	Não	Não
30	Doutor	Não	Não
31	Doutor	Administração	Não
32	Mestre	Administração	Gerencial

## PERFIL – CONTINUAÇÃO

<b>Questionário</b>	<b>8a) Tempo na função</b>	<b>9) Tempo de magistério no Ensino Superior</b>	<b>10) Idade do respondente</b>
1	N/C	Mais de 11 anos	41 a 50 anos
2	Mais de 5 anos	6 a 10 anos	41 a 50 anos
3	6 a 10 anos	6 a 10 anos	Mais de 50 anos
4	N/C	6 a 10 anos	31 a 40 anos
5	3 a 5 anos	6 a 10 anos	Mais de 50 anos
6	Mais de 5 anos	3 a 5 anos	41 a 50 anos
7	Mais de 5 anos	Mais de 11 anos	41 a 50 anos
8	N/C	3 a 5 anos	31 a 40 anos
9	Mais de 5 anos	6 a 10 anos	31 a 40 anos
10	N/C	3 a 5 anos	31 a 40 anos
11	Mais de 5 anos	6 a 10 anos	41 a 50 anos
12	N/C	Mais de 11 anos	Mais de 50 anos
13	Mais de 5 anos	6 a 10 anos	Mais de 50 anos
14	3 a 5 anos	Mais de 11 anos	41 a 50 anos
15	Mais de 5 anos	6 a 10 anos	41 a 50 anos
16	Mais de 5 anos	6 a 10 anos	41 a 50 anos
17	Mais de 5 anos	3 a 5 anos	Mais de 50 anos
18	N/C	6 a 10 anos	41 a 50 anos
19	N/C	6 a 10 anos	Mais de 50 anos
20	Mais de 5 anos	3 a 5 anos	31 a 40 anos
21	3 a 5 anos	Até 3 anos	31 a 40 anos
22	Mais de 5 anos	Até 3 anos	41 a 50 anos
23	Mais de 5 anos	6 a 10 anos	Mais de 50 anos
24	N/C	6 a 10 anos	41 a 50 anos
25	N/C	3 a 5 anos	31 a 40 anos
26	3 a 5 anos	6 a 10 anos	41 a 50 anos
27	N/C	3 a 5 anos	31 a 40 anos
28	N/C	Até 3 anos	31 a 40 anos
29	N/C	Mais de 11 anos	41 a 50 anos
30	N/C	6 a 10 anos	Mais de 50 anos
31	N/C	6 a 10 anos	41 a 50 anos
32	Mais de 5 anos	3 a 5 anos	31 a 40 anos

## ASSERTIVAS

<b>QUESTIONÁRIO</b>	<b>01 - Ao término das disciplinas a maioria dos alunos reconhece as vantagens em ter tido conhecimento sobre FINANÇAS.</b>	<b>02 -Os conteúdos de FINANÇAS estão diretamente relacionados ao objetivo do curso</b>	<b>03 - Os conteúdos de FINANÇAS são aplicados em sala de aula</b>	<b>04-Os conteúdos de FINANÇAS ministrados são praticados em empresas.</b>	<b>05 - A carga horária destinada ao ensino dos conteúdos de FINANÇAS é insuficiente.</b>
1	5	5	4	4	5
2	5	3	4	5	3
3	3	4	4	2	5
4	4	5	5	5	5
5	3	5	5	5	5
6	3	4	4	4	1
7	3	5	5	5	4
8	3	5	5	5	1
9	3	4	5	5	2
10	2	3	5	5	1
11	3	5	5	5	5
12	2	5	5	4	2
13	2	4	4	4	2
14	3	4	4	5	2
15	4	4	4	4	4
16	3	4	4	5	4
17	3	4	4	4	4
18	3	2	4	4	4
19	3	2	4	4	2
20	3	5	5	5	4
21	3	5	5	5	4
22	3	4	3	4	2
23	3	5	5	5	2
24	5	4	4	4	4
25	3	4	4	4	2
26	3	5	5	5	4
27	3	5	4	4	3
28	3	4	4	4	4
29	3	5	5	5	2
30	3	5	5	5	4
31	3	5	5	4	3
32	4	5	5	5	2

## ASSERTIVAS – CONTINUAÇÃO

QUESTIONÁRIO	06 - Há interação entre as disciplinas do curso em relação aos conteúdos de FINANÇAS.	07 - Os conteúdos de FINANÇAS são discutidos entre os professores do curso.	08 - A biblioteca possui a bibliografia indicada pelo professor para ministrar os conteúdos de FINANÇAS.	09 - Organizar e realizar trabalhos em grupos é uma atividade não praticada no ensino dos conteúdos de FINANÇAS.	10 - O ensino dos conteúdos de FINANÇAS despertam interesse aos alunos.
1	5	3	5	5	5
2	5	5	3	5	3
3	2	2	3	4	3
4	4	5	5	5	5
5	5	4	5	1	5
6	4	4	4	5	4
7	4	1	5	4	4
8	4	3	5	2	4
9	5	4	5	5	4
10	2	1	5	4	4
11	3	1	5	2	4
12	3	2	4	5	4
13	3	2	4	4	4
14	3	1	4	4	4
15	4	1	4	2	4
16	4	1	5	3	4
17	4	4	4	5	4
18	4	1	4	4	4
19	3	2	5	4	4
20	4	4	4	4	4
21	2	2	4	4	4
22	2	1	4	2	4
23	4	4	4	5	4
24	1	1	3	3	4
25	4	1	4	4	4
26	3	3	4	4	4
27	2	1	3	3	4
28	2	1	3	3	4
29	4	4	5	5	4
30	2	1	5	4	4
31	4	1	5	4	4
32	5	1	4	2	4

## ASSERTIVAS – CONTINUAÇÃO

QUESTIONÁRIO	11 - Os alunos não tem dificuldade para associar teoria e prática no ensino dos conteúdos de FINANÇAS.	12 - As Diretrizes Curriculares propõem melhorias para a formação do Profissional Contador com o ensino dos conteúdos de FINANÇAS.	13 - Os critérios usados para designar o professor que ministrará os conteúdos de FINANÇAS não são suficientes.	14 - O conteúdo de FINANÇAS influência no desempenho das demais disciplinas da área Contábil.
1	3	4	3	5
2	3	4	4	3
3	2	3	4	3
4	2	3	3	5
5	2	5	2	5
6	2	3	2	4
7	2	3	2	4
8	4	3	3	4
9	2	5	2	5
10	2	5	5	4
11	2	5	5	4
12	2	3	5	4
13	2	3	4	4
14	4	4	4	4
15	2	5	5	4
16	2	5	5	4
17	4	5	4	4
18	4	4	5	4
19	2	5	5	4
20	5	5	4	4
21	2	4	4	4
22	3	3	5	4
23	2	3	5	4
24	4	4	4	4
25	2	4	5	4
26	2	3	4	4
27	4	3	5	4
28	5	3	5	5
29	4	5	5	4
30	4	5	5	4
31	2	4	5	4
32	2	4	4	4

## ASSERTIVAS – CONTINUAÇÃO

QUESTIONÁRIO	15 – Não é necessário separar conteúdos de Finanças de outros conteúdos do curso de Ciências Contábeis.	16 - A participação do Contador na elaboração de relatórios financeiros é fundamental.	17 - O Contador precisa conhecer órgãos nacionais e internacionais de Finanças.	18 - O Contador está qualificado para elaborar ou avaliar relatórios financeiros.	19 - O Contador não precisa reconhecer a importância da análise financeira para a salvaguarda do patrimônio da empresa.
1	2	5	4	4	5
2	3	4	4	4	5
3	2	1	3	2	1
4	1	5	3	5	5

5	1	5	3	5	5
6	2	5	4	5	5
7	2	4	4	5	5
8	2	5	5	5	5
9	2	5	5	5	5
10	2	5	5	5	5
11	2	5	5	5	5
12	2	5	3	4	4
13	2	5	3	5	4
14	2	5	5	5	5
15	2	4	4	4	5
16	2	5	5	5	5
17	2	4	4	4	5
18	2	4	4	5	5
19	2	5	3	5	5
20	2	5	5	5	5
21	1	4	4	4	4
22	5	5	5	5	5
23	2	5	5	5	5
24	1	5	5	5	5
25	2	5	5	5	4
26	2	5	3	5	5
27	5	5	5	5	5
28	5	4	4	4	4
29	2	5	5	5	5
30	2	5	5	5	5
31	2	5	5	5	5
32	2	5	5	5	4

### ASSERTIVAS – CONTINUAÇÃO

<b>QUESTIONÁRIO</b>	<b>20 - O Contador tem qualificação para proceder auditoria financeira nos relatórios contábeis.</b>	<b>21 - O Contador tem qualificação para reconhecer os passivos ou riscos financeiros nos relatórios contábeis.</b>	<b>22 - Os alunos têm dificuldade para aprender a terminologia, conceitos e aplicação prática dos conteúdos de FINANÇAS.</b>	<b>23 - Os conteúdos de FINANÇAS são conhecimentos importantes aos contadores.</b>	<b>24 - O professor do curso de Ciências Contábeis está qualificado para ensinar FINANÇAS.</b>
1	4	4	2	5	2
2	4	4	4	4	3
3	2	2	3	3	4
4	4	4	1	5	2
5	5	5	1	5	1
6	4	4	2	5	1
7	4	4	3	4	2
8	5	5	1	5	1
9	5	5	1	5	1
10	5	5	2	4	1
11	5	5	2	5	1
12	4	4	1	5	1
13	5	5	2	4	2
14	5	5	2	4	2
15	4	4	1	5	1

16	5	5	1	5	1
17	5	5	2	5	1
18	5	5	1	5	1
19	5	4	2	4	2
20	4	4	1	5	1
21	3	4	2	4	2
22	5	5	2	4	2
23	5	5	1	5	1
24	5	5	1	4	1
25	4	4	2	5	1
26	5	4	2	5	2
27	4	4	2	5	1
28	3	4	1	5	1
29	5	5	1	5	1
30	5	5	2	5	1
31	5	5	4	5	1
32	4	4	1	4	2

### PONTUAÇÃO E RANKING MÉDIO

Questionário	CONSTRUTO I						RM
	Q16	Q17	Q18	Q19	Q20	Q21	
1	5	4	4	5	4	4	4,3
2	4	4	4	5	4	4	4,2
3	1	3	2	1	2	2	1,8
4	5	3	5	5	4	4	4,3
5	5	3	5	5	5	5	4,7
6	5	4	5	5	4	4	4,5
7	4	4	5	5	4	4	4,3
8	5	5	5	5	5	5	5,0
9	5	5	5	5	5	5	5,0
10	5	5	5	5	5	5	5,0
11	5	5	5	5	5	5	5,0
19	5	3	4	4	4	4	4,0
20	5	3	5	4	5	5	4,5
21	5	5	5	5	5	5	5,0
22	4	4	4	5	4	4	4,2
23	5	5	5	5	5	5	5,0
24	4	4	4	5	5	5	4,5
25	4	4	5	5	5	5	4,7
26	5	3	5	5	5	4	4,5
27	5	5	5	5	4	4	4,7
28	4	4	4	4	3	4	3,8
29	5	5	5	5	5	5	5,0
30	5	5	5	5	5	5	5,0
31	5	5	5	5	5	5	5,0
32	5	5	5	4	4	4	4,5
26	5	3	5	5	5	4	4,5
27	5	5	5	5	4	4	4,7
28	4	4	4	4	3	4	3,8
29	5	5	5	5	5	5	5,0
30	5	5	5	5	5	5	5,0
31	5	5	5	5	5	5	5,0
32	5	5	5	4	4	4	4,5
<b>RM</b>	<b>4,7</b>	<b>4,3</b>	<b>4,7</b>	<b>4,7</b>	<b>4,4</b>	<b>4,4</b>	<b>4,5</b>

## PONTUAÇÃO E RANKING MÉDIO (RM) – CONTINUAÇÃO

Questionário	CONSTRUTO II						RM
	Q1	Q11	Q15	Q22	Q23	Q24	
1	5	3	2	2	5	2	2,8
2	5	3	3	4	4	3	3,4
3	3	2	2	3	3	4	2,8
4	4	2	1	1	5	2	2,2
5	3	2	1	1	5	1	2,0
6	3	2	2	2	5	1	2,4
7	3	2	2	3	4	2	2,6
8	3	4	2	1	5	1	2,6
9	3	2	2	1	5	1	2,2
10	2	2	2	2	4	1	2,2
11	3	2	2	2	5	1	2,4
19	2	2	2	1	5	1	2,2
20	2	2	2	2	4	2	2,4
21	3	4	2	2	4	2	2,8
22	4	2	2	1	5	1	2,2
23	3	2	2	1	5	1	2,2
24	3	4	2	2	5	1	2,8
25	3	4	2	1	5	1	2,6
26	3	2	2	2	4	2	2,4
27	3	5	2	1	5	1	2,8
28	3	2	1	2	4	2	2,2
29	3	3	5	2	4	2	3,2
30	3	2	2	1	5	1	2,2
31	5	4	1	1	4	1	2,2
32	3	2	2	2	5	1	2,4
26	3	2	2	2	5	2	2,6
27	3	4	5	2	5	1	3,4
28	3	5	5	1	5	1	3,4
29	3	4	2	1	5	1	2,6
30	3	4	2	2	5	1	2,8
31	3	2	2	4	5	1	2,8
32	4	2	2	1	4	2	2,2
<b>RM</b>	<b>3,2</b>	<b>2,8</b>	<b>2,2</b>	<b>1,8</b>	<b>4,6</b>	<b>1,5</b>	<b>2,6</b>

## PONTUAÇÃO E RANKING MÉDIA (RM) – CONTINUAÇÃO

Questionário	CONSTRUTO III						RM
	Q2	Q3	Q4	Q8	Q10	Q13	
1	5	4	4	5	5	3	4,3
2	3	4	5	3	3	4	3,7
3	4	4	2	3	3	4	3,3
4	5	5	5	5	5	3	4,7
5	5	5	5	5	5	2	4,5
6	4	4	4	4	4	2	3,7
7	5	5	5	5	4	2	4,3
8	5	5	5	5	4	3	4,5
9	4	5	5	5	4	2	4,2
10	3	5	5	5	4	5	4,5
11	5	5	5	5	4	5	4,8
19	5	5	4	4	4	5	4,5
20	4	4	4	4	4	4	4,0
21	4	4	5	4	4	4	4,2
22	4	4	4	4	4	5	4,2
23	4	4	5	5	4	5	4,5
24	4	4	4	4	4	4	4,0
25	2	4	4	4	4	5	3,8
26	2	4	4	5	4	5	4,0
27	5	5	5	4	4	4	4,5
28	5	5	5	4	4	4	4,5
29	4	3	4	4	4	5	4,0
30	5	5	5	4	4	5	4,7
31	4	4	4	3	4	4	3,8
32	4	4	4	4	4	5	4,2
26	5	5	5	4	4	4	4,5
27	5	4	4	3	4	5	4,2
28	4	4	4	3	4	5	4,0
29	5	5	5	5	4	5	4,8
30	5	5	5	5	4	5	4,8
31	5	5	4	5	4	5	4,7
32	5	5	5	4	4	4	4,5
<b>RM</b>	<b>4,3</b>	<b>4,5</b>	<b>4,5</b>	<b>4,3</b>	<b>4,0</b>	<b>4,1</b>	<b>4,3</b>

## PONTUAÇÃO E RANKING MÉDIO (RM) – CONTINUAÇÃO

Questionário	CONSTRUTO IV						RM
	Q5	Q6	Q7	Q9	Q12	Q14	
1	5	5	3	5	4	5	4,5
2	3	5	5	5	4	3	4,2
3	5	2	2	4	3	3	3,2
4	5	4	5	5	3	5	4,5
5	5	5	4	1	5	5	4,2
6	1	4	4	5	3	4	3,5
7	4	4	1	4	3	4	3,3
8	1	4	3	2	3	4	2,8
9	2	5	4	5	5	5	4,3
10	1	2	1	4	5	4	2,8
11	5	3	1	2	5	4	3,3
19	2	3	2	5	3	4	3,2
20	2	3	2	4	3	4	3,0
21	2	3	1	4	4	4	3,0
22	4	4	1	2	5	4	3,3
23	4	4	1	3	5	4	3,5
24	4	4	4	5	5	4	4,3
25	4	4	1	4	4	4	3,5
26	2	3	2	4	5	4	3,3
27	4	4	4	4	5	4	4,2
28	4	2	2	4	4	4	3,3
29	2	2	1	2	3	4	2,3
30	2	4	4	5	3	4	3,7
31	4	1	1	3	4	4	2,8
32	2	4	1	4	4	4	3,2
26	4	3	3	4	3	4	3,5
27	3	2	1	3	3	4	2,7
28	4	2	1	3	3	5	3,0
29	2	4	4	5	5	4	4,0
30	4	2	1	4	5	4	3,3
31	3	4	1	4	4	4	3,3
32	2	5	1	2	4	4	3,0
<b>RM</b>	<b>3,2</b>	<b>3,4</b>	<b>2,3</b>	<b>3,8</b>	<b>4,0</b>	<b>4,1</b>	<b>3,4</b>

## APÊNDICE C – PESQUISA PERFIL DOS RESPONDENTES

### Distribuição por Titulação:

Titulação	Contagem	%
Especialista	9	28,0%
Mestre	13	40,7%
Doutor	10	31,3%
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>100%</b>

### Distribuição: Função X Titulação:

Titulação	COORDENADORES		PROFESSORES		TOTAL	
	Contagem	% total	Contagem	% total	Contagem	%
Especialista	2	6,3%	7	21,9%	9	28,1%
Mestre	7	21,9%	6	18,8%	13	40,6%
Doutor	5	15,6%	5	15,6%	10	31,3%
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>43,8%</b>	<b>18</b>	<b>56,3%</b>	<b>32</b>	<b>100%</b>

### Distribuição das IES X número médio de alunos por turma:

Número de alunos por turma	Centros Universitários		Faculdades		Universidades		TOTAL	
	FR	%	FR	%	FR	%	FR	%
Até 40	1	3,1%	1	3,1%	0	0,0%	2	6,3%
40 a 60	5	15,6%	7	21,9%	12	37,5%	24	75,0%
Mais de 60	1	3,1%	0	0,0%	5	15,6%	6	18,8%
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>21,9%</b>	<b>8</b>	<b>25,0%</b>	<b>17</b>	<b>53,1%</b>	<b>32</b>	<b>100,0%</b>

### Distribuição de aulas em outros cursos:

CURSOS	Coordenador		Professor		TOTAL	
	FR	%	FR	%	FR	%
Administração	4	12,5%	4	12,5%	8	25,0%
Economia/Gestão Empresarial	1	3,1%	1	3,1%	2	6,3%
Ciências Contábeis	9	28,1%	13	40,6%	22	68,8%
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>43,8%</b>	<b>18</b>	<b>56,3%</b>	<b>32</b>	<b>100,0%</b>

### Distribuição de função além do magistério X tempo de atuação

Tempo	Coordenadores				Professores				TOTAL GERAL									
	3 a 5 anos	Mais de 5 anos	Não atuam	Total	Até 3 a 5 anos	Mais de 5 anos	Não atuam	Total										
Função	FR	%	FR	%	FR	%	FR	%	FR	%	FR	%						
Outra	1	3,1%	1	3,1%	---	---	2	6,3%	---	---	---	---	0	0,0%	2	6,3%		
Gerencial	2	6,3%	7	21,9%	---	---	9	28,1%	1	3,1%	6	18,8%	---	---	7	21,9%	16	50,0%
Não atuam	---	---	---	---	3	9,4%	3	9,4%	---	---	---	---	11	34,4%	11	34,4%	14	43,8%
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>9,4%</b>	<b>8</b>	<b>25,0%</b>	<b>3</b>	<b>9,4%</b>	<b>14</b>	<b>43,8%</b>	<b>1</b>	<b>3%</b>	<b>6</b>	<b>18,8%</b>	<b>11</b>	<b>34,4%</b>	<b>18</b>	<b>56,3%</b>	<b>32</b>	<b>100,0%</b>

### Distribuição por tempo de atuação no Magistério Superior

Tempo de magistério	FR	%	FR	%	FR	%
Até 3 anos	1	3,1%	2	6,3%	3	9,4%
3 a 5 anos	3	9,4%	5	15,6%	8	25,0%
6 a 10 anos	7	21,9%	9	28,1%	16	50,0%
Mais de 11 anos	3	9,4%	2	6,3%	5	15,6%
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>43,8%</b>	<b>18</b>	<b>56,3%</b>	<b>32</b>	<b>100,0%</b>

### Distribuição das idades dos respondentes

Faixa Etária	Coordenador		Professor		TOTAL	
	FR	%	FR	%	FR	%
31 a 40 anos	3	9,4%	7	21,9%	10	31,3%
41 a 50 anos	6	18,7%	8	25,0%	14	43,7%
Mais de 50 anos	5	15,6%	3	9,4%	8	25,0%
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>43,7%</b>	<b>18</b>	<b>56,3%</b>	<b>32</b>	<b>100,0%</b>



**Constructo I, Questão 1, Contingência para o teste Qui-quadrado:**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Coordenador	Professor	TOTAL
Abaixo de bom	11	6	17
Bom e ótimo	73	102	175
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>
<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Coordenador	Professor	TOTAL
Abaixo de bom	7,4	9,6	17
Bom e ótimo	76,6	98,4	175
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>
<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Coordenador	Professor	TOTAL
Abaixo de bom	1,7	1,3	3,03
Bom e ótimo	0,2	0,1	0,29
		X <sup>2</sup> =	3,33

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>	<b>TESTE P- VALUE</b>
Margem de erro = 5%	Significância = 0,05
Graus de liberdade = 1	P-value = 0,07
X <sup>2</sup> calculado = 3,33	
X <sup>2</sup> crítico = 3,84	
X <sup>2</sup> calculado < x <sup>2</sup> crítico --> não há associação	Significância (alfa) < P-Value --> não há associação

**Constructo I, Questão 1, Tabelas de funções estatísticas para testes de associação.**

**Constructo I, Questão 2, De contingência para o teste do Qui-quadrado**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	2	7	8	17
Bom e ótimo	52	71	52	175
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>78</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	4,78	6,91	5,31	17
Bom e ótimo	49,22	71,09	54,69	175
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>78</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>QUI - QUADRADO</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	1,62	0,00	1,36	2,98
Bom e ótimo	0,16	0,00	0,13	0,29
			<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>3,27</b>

**Constructo I, Questão 2, Testes de associação entre as variáveis em estudo**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	2	P- value =	0,20
X <sup>2</sup> calculado =	3,27		
X <sup>2</sup> crítico =	5,99		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico--> não há associação		Significância (alfa) < P-value--> não há associação	

**Constructo I – Questão 3 – De contingência**

<b>FREQUÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Não ministram	Ministram	TOTAL
Abaixo de bom	8	9	17
Bom e ótimo	124	51	175
<b>TOTAL</b>	<b>132</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>FREQUÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	11,69	5,31	17
Bom e ótimo	120,31	54,69	175
<b>TOTAL</b>	<b>132</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	1,16	2,56	3,72
Bom e ótimo	0,11	0,25	0,36
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>4,08</b>

**Constructo I – Questão 3 – de funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	1	P- value =	0,04
X <sup>2</sup> calculado =	4,08		
X <sup>2</sup> crítico =	3,84		
X <sup>2</sup> calculado > X <sup>2</sup> crítico--> há associação		Significância (alfa) > P-value-->há associação	

**Questão 4: As respostas do construto I têm associação com o fato de os entrevistados trabalharem ou não na área de Finanças em empresas?**

**Constructo I – Questão 4 – Tabela de contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	4	13	17
Bom e ótimo	80	95	175
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	7,44	9,56	17
Bom e ótimo	76,56	98,44	175
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	1,59	1,24	2,82
Bom e ótimo	0,15	0,12	0,27
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>3,10</b>

**Constructo I – Questão 4 – Funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>	
Margem de erro =	5%
Graus de liberdade =	1
X <sup>2</sup> calculado =	3,10
X <sup>2</sup> crítico =	3,84
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico --> não há associação	

<b>TESTE P- VALUE</b>	
Significância =	0,05
P-value =	0,08
Significância (alfa) < P-value --> não há associação	

As respostas do construto I têm associação com o tempo de magistério no ensino superior?

**Constructo I – Questão 5 – Tabela de contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	3	14	17
Bom e ótimo	63	112	175
<b>TOTAL</b>	<b>66</b>	<b>126</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	5,84	11,16	17
Bom e ótimo	60,16	114,84	175
<b>TOTAL</b>	<b>66</b>	<b>126</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	1,38	0,72	2,11
Bom e ótimo	0,13	0,07	0,20
		$X^2 =$	2,31

**Constructo I – Questão 5 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	1	P- value =	0,13
$X^2$ calculado =	2,31		
$X^2$ crítico =	3,84		
$X^2$ calculado < $X^2$ crítico--> não há associação		Significância (alfa) < P-value--> não há associação	

**Questão 6: As respostas do construto I têm associação com a idade dos entrevistados?**

**Constructo I – Questão 6 – Tabela de contingência**

<b>FREQUÊNCIAS OBSERVADAS</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	TOTAL
Abaixo de bom	3	3	11	17
Bom e ótimo	57	81	37	175
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>48</b>	<b>192</b>

<b>FREQUÊNCIAS ESPERADAS</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	TOTAL
Abaixo de bom	5,31	7,44	4,25	17
Bom e ótimo	54,69	76,56	43,75	175
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>48</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	TOTAL
Abaixo de bom	1,01	2,65	10,72	14,37
Bom e ótimo	0,10	0,26	1,04	1,40
			<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>15,77</b>

**Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	2	P- value =	0,0004
X <sup>2</sup> calculado =	15,77		
X <sup>2</sup> crítico =	5,99		
X <sup>2</sup> calculado > X <sup>2</sup> crítico--> há associação		Significância (alfa) > P-value--> há associação	

Questionário	Q16	Q17	Q18	Q19	Q20	Q22	MÉDIA
3	1	3	2	1	2	2	1,8

**Respondente 3 (pontuação média)**



<b>DIMENSIONAMENTO E INTERPRETAÇÃO DAS RESPOSTAS DO CONSTRUTO II</b>					
<b>AFERIÇÃO DE</b>	<b>QUESTÕES</b>	<b>PONTUAÇÃO MÉDIA</b>	<b>MAIOR FREQUÊNCIA</b>	<b>INTERPRETAÇÃO</b>	<b>CONOTAÇÃO</b>
PRATICA	Q1: Ao término das disciplinas a maioria dos alunos reconhecem as vantagens em ter tido conhecimento sobre Finanças.	3,19	23 respostas no nível 3	Não sabem ou acham que não é a maioria dos alunos	NEUTRA
PRATICA	Q11: Os alunos não têm dificuldade para associar teoria e prática do ensino do conteúdo de Finanças.	2,78	19 respostas no nível 2	A maioria discorda parcialmente da assertiva	INSATISFATÓRIO
ATITUDE	Q15: Não é necessário separar conteúdos de Finanças de outros conteúdos do Curso de Ciências Contábeis.	2,19	24 respostas no nível 2	A maioria não concorda com a assertiva	INSATISFATÓRIO
PRATICA	Q22: Os alunos têm dificuldade para aprender a terminologia, conceitos e aplicação prática dos conteúdos de Finanças.	1,75	14 respostas no nível 1 e 14 no nível 2	A maioria não concorda com a assertiva	MUITO INSATISFATÓRIO
ATITUDE	Q23: Os conteúdos de Finanças são conhecimentos importantes aos contadores.	4,63	21 respostas no nível 5	A maioria concorda totalmente com a assertiva	MUITO SATISFATÓRIO
ATITUDE	Q24: O professor do Curso de Ciências Contábeis está qualificado para ensinar Finanças.	1,47	20 respostas no nível 1 e 10 no nível 2	A maioria não concorda com a assertiva	MUITO INSATISFATÓRIO
<b>MÉDIA GERAL POR RESPONDENTE = 2,67 pontos</b>					

### **Constructo II, dimensionamento e interpretação**

**Constructo II – Questão 1 – Tabela de Contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
Níveis	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	63	76	139
Bom e ótimo	21	32	53
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
Níveis	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	60,81	78,19	139
Bom e ótimo	23,19	29,81	53
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>QUI - QUADRADO</b>			
Níveis	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	0,08	0,06	0,14
Bom e ótimo	0,21	0,16	0,37
<b>X<sup>2</sup> =</b>			<b>0,51</b>

**Constructo II – Questão 1 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI-QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	1	P-Value =	0,48
X <sup>2</sup> calculado =	0,51		
X <sup>2</sup> crítico =	3,84		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-value → não há associação	

As respostas do construto II dependem da titulação dos entrevistados?

**Constructo II – Questão 2 – Tabela de Contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	38	58	43	139
Bom e ótimo	16	20	17	53
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>78</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	39,09	56,47	43,44	139
Bom e ótimo	14,91	21,53	16,56	53
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>78</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>QUI - QUADRADO</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	0,03	0,04	0,004	<b>0,08</b>
Bom e ótimo	0,08	0,11	0,012	<b>0,20</b>
			<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,28</b>

**Constructo II – Questão 2 – Teste de associação entre as variáveis em estudo**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	2	P- value =	0,87
X <sup>2</sup> calculado =	0,28		
X <sup>2</sup> crítico =	5,99		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-Value → não há associação	

**Questão 3: As respostas do construto II dependem se os entrevistados ministram ou não aulas em outros além de Ciências Contábeis?**

**Tabela de contingência, Constructo II, Questão 3**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Ministram	Não ministram	TOTAL
Abaixo de bom	43	96	<b>139</b>
Bom e ótimo	17	36	<b>53</b>
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>132</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Ministram	Não ministram	TOTAL
Abaixo de bom	43,44	95,56	<b>139</b>
Bom e ótimo	16,56	36,44	<b>53</b>
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>132</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Ministram	Não ministram	TOTAL
Abaixo de bom	0,004	0,002	<b>0,006</b>
Bom e ótimo	0,012	0,005	<b>0,017</b>
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,023</b>

**Constructo II – Questão 3 – Teste de associação entre as variáveis em estudo**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	1	P -value =	0,88
X <sup>2</sup> calculado =	0,023		
X <sup>2</sup> crítico =	3,84		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-value → não há associação	

**Questão 4: As respostas do construto II têm associação com o fato de os entrevistados trabalharem ou não na área de Finanças em empresas?**

**Tabela de contingência, Constructo II, Questão 4**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
Níveis	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	57	82	139
Bom e ótimo	27	26	53
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
Níveis	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	60,81	78,19	139
Bom e ótimo	23,19	29,81	53
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>QUI - QUADRADO</b>			
Níveis	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	0,24	0,19	0,42
Bom e ótimo	0,63	0,49	1,11
			<b>X<sup>2</sup> = 1,54</b>

**Constructo II – Questão 4 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>	<b>TESTE P-VALUE</b>
Margem de erro = 5%	Significância = 0,05
Graus de liberdade = 1	P- value = 0,21
X <sup>2</sup> calculado = 1,54	
X <sup>2</sup> crítico = 3,84	
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação	Significância (alfa) < P-value → não há associação

**Questão 5: As respostas do construto II têm associação com o tempo de magistério no ensino superior?**

**Tabela de contingência, Constructo II, questão 5**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
Níveis	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	46	93	<b>139</b>
Bom e ótimo	20	33	<b>53</b>
<b>TOTAL</b>	<b>66</b>	<b>126</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
Níveis	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	47,78	91,22	<b>139</b>
Bom e ótimo	18,22	34,78	<b>53</b>
<b>TOTAL</b>	<b>66</b>	<b>126</b>	<b>192</b>

<b>QUI - QUADRADO</b>			
Níveis	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	0,07	0,03	<b>0,10</b>
Bom e ótimo	0,17	0,09	<b>0,27</b>
			<b>X<sup>2</sup> = 0,37</b>

**Constructo II – Questão 5 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>	<b>TESTE P-VALUE</b>
Margem de erro = 5%	Significância = 0,05
Graus de liberdade = 1	P- value = 0,54
X <sup>2</sup> calculado = 0,37	
X <sup>2</sup> crítico = 3,84	
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação	Significância (alfa) < P-value → não há associação

**Questão 6: As respostas do construto II têm associação com a idade dos entrevistados?**

**Tabela de contingência, Constructo II, questão 6**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>				
Níveis	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	TOTAL
Abaixo de bom	42	59	38	<b>139</b>
Bom e ótimo	18	25	10	<b>53</b>
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>48</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>				
Níveis	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	TOTAL
Abaixo de bom	43,44	60,81	34,75	<b>139</b>
Bom e ótimo	16,56	23,19	13,25	<b>53</b>
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>48</b>	<b>192</b>

<b>QUI - QUADRADO</b>				
Níveis	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	TOTAL
Abaixo de bom	0,05	0,05	0,30	<b>0,41</b>
Bom e ótimo	0,12	0,14	0,80	<b>1,06</b>
			<b>X<sup>2</sup>=</b>	<b>1,47</b>

**Constructo II – Questão 6 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro = 5%		Significância = 0,05	
Graus de liberdade = 2		P- value = 0,48	
X <sup>2</sup> calculado = 1,47			
X <sup>2</sup> crítico = 5,99			
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-value → não há associação	

**Constructo III – Percepção dos professores e coordenadores sobre conteúdos de Finanças indicados na grade curricular do curso de Ciências Contábeis**

**Constructo III, Distribuição De Freqüências:**

Alternativas	Q2		Q3		Q4		Q8		Q10		Q13	
	FR	%										
Discordo totalmente	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Discordo parcialmente	2	6,3%	0	0,0%	1	3,1%	0	0,0%	0	0,0%	4	12,5%
Nem concordo nem discordo	2	6,3%	1	3,1%	0	0,0%	5	15,6%	2	6,3%	3	9,4%
Concordo parcialmente	12	37,5%	15	46,9%	14	43,8%	14	43,8%	27	84,4%	10	31,3%
Concordo totalmente	16	50,0%	16	50,0%	17	53,1%	13	40,6%	3	9,4%	15	46,9%
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>100,0%</b>										

**Constructo III, Dimensionamento e Interpretação:**

DIMENSIONAMENTO E INTERPRETAÇÃO DAS RESPOSTAS DO CONSTRUTO III					
AFERIÇÃO DE	QUESTÕES	PONTUAÇÃO MÉDIA	MAIOR FREQÜÊNCIA	INTERPRETAÇÃO	CONOTAÇÃO
CONHECIMENTO	Q2: Os conteúdos de Finanças estão diretamente relacionados ao objetivo do curso.	4,31	12 respostas no nível 4 e 16 no nível 5	A maioria concorda totalmente com a assertiva	MUITO SATISFATÓRIO
PRÁTICA	Q3: Os conteúdos de Finanças são aplicados em sala de aula.	4,47	15 respostas no nível 4 e 16 no nível 5	A maioria concorda totalmente com a assertiva	MUITO SATISFATÓRIO
PRÁTICA	Q4: Os conteúdos de Finanças ministrados são praticados em Empresas	4,47	14 respostas no nível 4 e 17 no nível 5	A maioria concorda totalmente com a assertiva	MUITO SATISFATÓRIO
CONHECIMENTO	Q8: A biblioteca possui a bibliografia indicada pelo professor para ministrar o conteúdo de finanças.	4,25	14 respostas no nível 4 e 13 no nível 5	A maioria concorda com a assertiva	MUITO SATISFATÓRIO
PRÁTICA	Q10: O ensino do conteúdo de finanças despertam interesse nos alunos	4,03	27 respostas no nível 4	A maioria concorda com a assertiva	SATISFATÓRIO
ATITUDE	Q13: Os critérios utilizados para designar o professor que ministrará os conteúdos de Finanças não são suficientes.	4,13	10 respostas no nível 4 e 15 no nível 5	A maioria concorda totalmente com a assertiva.	MUITO SATISFATÓRIO
<b>MÉDIA GERAL POR RESPONDENTE = 4,28 PONTOS</b>					

**Questão 1: As respostas do construto III dependem da função acadêmica dos respondentes?**

**Constructo III – Questão 1 – Tabela De Contingência:**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	8	12	<b>20</b>
Bom e ótimo	76	96	<b>172</b>
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	8,75	11,25	<b>20</b>
Bom e ótimo	75,25	96,75	<b>172</b>
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	0,06	0,05	<b>0,11</b>
Bom e ótimo	0,01	0,01	<b>0,01</b>
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,13</b>

**Constructo III – Questão 1 – Tabelas De Funções Estatísticas Para Testes De Associação.**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	1	P- value =	0,72
X <sup>2</sup> calculado =	0,13		
X <sup>2</sup> crítico =	3,84		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-value → não há associação	

**Questão 2: As respostas do construto III têm associação com a titulação acadêmica dos entrevistados:**

**Constructo III – Questão 2 – Tabela De Contingência:**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	5	5	10	20
Bom e ótimo	49	73	50	172
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>78</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	5,63	8,13	6,25	20
Bom e ótimo	48,38	69,88	53,75	172
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>78</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>QUI - QUADRADO</b>				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	0,07	1,20	2,25	3,52
Bom e ótimo	0,01	0,14	0,26	0,41
			<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>3,93</b>

**Constructo III – Questão 2 – Tabelas De Funções Estatísticas Para Testes De Associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	2	P- value =	0,14
X <sup>2</sup> calculado =	3,93		
X <sup>2</sup> crítico =	5,99		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-value → não há associação	

**Questão 3: As respostas do construto III dependem se os entrevistados ministram ou não aulas em outros além de Ciências Contábeis?**

**Constructo III – Questão 3 – Tabela De Contingência:**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Não ministram	Ministram	TOTAL
Abaixo de bom	15	5	20
Bom e ótimo	117	55	172
<b>TOTAL</b>	<b>132</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Não ministram	Ministram	TOTAL
Abaixo de bom	13,75	6,25	20
Bom e ótimo	118,25	53,75	172
<b>TOTAL</b>	<b>132</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Não ministram	Ministram	TOTAL
Abaixo de bom	0,11	0,25	0,36
Bom e ótimo	0,01	0,03	0,04
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,41</b>

**Constructo III – Questão 3 – Tabelas De Funções Estatísticas Para Testes De Associação.**

<b>QUI-QUADRADO</b>				<b>TESTE P-VALUE</b>	
	Não ministram	Ministram	TOTAL	Significância =	0,05
Abaixo de bom	0,11	0,25	0,36	P- value =	0,52
Bom e ótimo	0,01	0,03	0,04		
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,41</b>		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação				Significância (alfa) < P-value → há associação	

**Questão 4: As respostas do construto III têm associação com o fato de os entrevistados trabalharem ou não na área de Finanças em empresas?**

**Constructo III – Questão 4 – Tabela De Contingência:**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	9	11	20
Bom e ótimo	75	97	172
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	8,75	11,25	20
Bom e ótimo	75,25	96,75	172
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	0,007	0,006	0,013
Bom e ótimo	0,001	0,001	0,001
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,014</b>

**Constructo III – Questão 4 – Tabelas De Funções Estatísticas Para Testes De Associação**

<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE QUI QUADRADO</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Margem de erro =</td> <td>5%</td> </tr> <tr> <td>Graus de liberdade =</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> calculado =</td> <td>0,014</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> crítico =</td> <td>3,84</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		Margem de erro =	5%	Graus de liberdade =	1	X <sup>2</sup> calculado =	0,014	X <sup>2</sup> crítico =	3,84	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE P-VALUE</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Significância =</td> <td>0,05</td> </tr> <tr> <td>P- value =</td> <td>0,91</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE P-VALUE</b>		Significância =	0,05	P- value =	0,91
<b>TESTE QUI QUADRADO</b>																	
Margem de erro =	5%																
Graus de liberdade =	1																
X <sup>2</sup> calculado =	0,014																
X <sup>2</sup> crítico =	3,84																
<b>TESTE P-VALUE</b>																	
Significância =	0,05																
P- value =	0,91																
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação	Significância (alfa) < P-value → não há associação																

**Questão 5: As respostas do construto III têm associação com o tempo de magistério no ensino superior?**

**Constructo III – Questão 5 – Tabela De Contingência:**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	6	14	20
Bom e ótimo	60	112	172
<b>TOTAL</b>	<b>66</b>	<b>126</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	6,88	13,13	20
Bom e ótimo	59,13	112,88	172
<b>TOTAL</b>	<b>66</b>	<b>126</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	0,11	0,06	0,17
Bom e ótimo	0,01	0,01	0,02
	<b>X<sup>2</sup> =</b>		<b>0,19</b>

**Constructo III – Questão 5 – Tabelas De Funções Estatísticas Para Testes De Associação.**

<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE QUI QUADRADO</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Margem de erro =</td> <td>5%</td> </tr> <tr> <td>Graus de liberdade =</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> calculado =</td> <td>0,19</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> crítico =</td> <td>3,84</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		Margem de erro =	5%	Graus de liberdade =	1	X <sup>2</sup> calculado =	0,19	X <sup>2</sup> crítico =	3,84	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE P-VALUE</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Significância =</td> <td>0,05</td> </tr> <tr> <td>P- value =</td> <td>0,66</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE P-VALUE</b>		Significância =	0,05	P- value =	0,66
<b>TESTE QUI QUADRADO</b>																	
Margem de erro =	5%																
Graus de liberdade =	1																
X <sup>2</sup> calculado =	0,19																
X <sup>2</sup> crítico =	3,84																
<b>TESTE P-VALUE</b>																	
Significância =	0,05																
P- value =	0,66																
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação	Significância (alfa) < P-value → não há associação																

**Questão 6: As respostas do construto II têm associação com a idade dos entrevistados?**

**Constructo III – Questão 6 – Tabela De Contingência:**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	<b>TOTAL</b>
Abaixo de bom	6	9	5	<b>20</b>
Bom e ótimo	54	75	43	<b>172</b>
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>48</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	<b>TOTAL</b>
Abaixo de bom	6,25	8,75	5,00	<b>20</b>
Bom e ótimo	53,75	75,25	43,00	<b>172</b>
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>48</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	<b>TOTAL</b>
Abaixo de bom	0,010	0,007	0,000	<b>0,017</b>
Bom e ótimo	0,001	0,001	0,000	<b>0,002</b>
			<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,019</b>

**Constructo III – Questão 5 – Tabelas De Funções Estatísticas Para Testes De Associação.**

<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE QUI QUADRADO</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Margem de erro =</td> <td>5%</td> </tr> <tr> <td>Graus de liberdade =</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> calculado =</td> <td>0,019</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> crítico =</td> <td>5,99</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		Margem de erro =	5%	Graus de liberdade =	2	X <sup>2</sup> calculado =	0,019	X <sup>2</sup> crítico =	5,99	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE P-VALUE</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Significância =</td> <td>0,05</td> </tr> <tr> <td>P- value =</td> <td>0,99</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE P-VALUE</b>		Significância =	0,05	P- value =	0,99
<b>TESTE QUI QUADRADO</b>																	
Margem de erro =	5%																
Graus de liberdade =	2																
X <sup>2</sup> calculado =	0,019																
X <sup>2</sup> crítico =	5,99																
<b>TESTE P-VALUE</b>																	
Significância =	0,05																
P- value =	0,99																
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação	Significância (alfa) < P-value → não há associação																



### Constructo IV, dimensionamento e interpretação

DIMENSIONAMENTO E INTERPRETAÇÃO DAS RESPOSTAS DO CONSTRUTO IV					
AFERIÇÃO DE	QUESTÕES	PONTUAÇÃO MÉDIA	MAIOR FREQUÊNCIA	INTERPRETAÇÃO	CONOTAÇÃO
PRÁTICA	Q5: A carga horária destinada ao ensino dos conteúdos de Finanças é insuficiente	3,16	10 respostas no nível 2 e 11 no nível 4	Praticamente o mesmo nº discordam e concordam parcialmente.	POUCO SATISFATÓRIO
PRÁTICA	Q6: Há interação entre as disciplinas do curso em relação aos conteúdos de Finanças.	3,44	7 respostas no nível 2 e 13 no nível 4	Boa parte concorda parcialmente com a assertiva	SATISFATÓRIO
PRÁTICA	Q7: Os conteúdos de Finanças são discutidos entre os professores do curso	2,25	15 respostas no nível 1 e 7 no nível 4	Boa parte discorda totalmente da assertiva	INSATISFATÓRIO
PRÁTICA	Q9: Organizar e realizar trabalhos em grupos é uma atividade não praticada no ensino dos conteúdos de finanças.	3,75	13 respostas no nível 4 e 18 no nível 5	A maioria concorda totalmente com a assertiva	MUITO SATISFATÓRIO
CONHECIMENTO	Q12: As diretrizes curriculares propõem melhorias para a formação do profissional Contador com o ensino dos	3,97	12 respostas no nível 3 e 11 no nível 5	A maioria concorda com a assertiva	SATISFATÓRIO

	conteúdos de Finanças.				
PRÁTICA	Q14: O conteúdo de Finanças influencia no desempenho das demais disciplinas da área Contábil.	4,09	25 respostas no nível 4	A maioria concorda com a assertiva	SATISFA TÓRIO
<b>MÉDIA GERAL POR RESPONDENTE = 3,44 PONTOS.</b>					

**Questão 1: As respostas do construto IV dependem da função acadêmica dos respondentes?**

**Constructo IV – Questão 1 – Tabela de Contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	32	45	77
Bom e ótimo	52	63	115
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	33,69	43,31	77
Bom e ótimo	50,31	64,69	115
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Coordenadores	Professores	TOTAL
Abaixo de bom	0,08	0,07	0,15
Bom e ótimo	0,06	0,04	0,10
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,25</b>

**Constructo IV– Questão 1 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

TESTE QUI QUADRADO		TESTE P-VALUE	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	1	P- value =	0,62
X <sup>2</sup> calculado =	0,25		
X <sup>2</sup> crítico =	3,84		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-value → não há associação	

**Questão 2: As respostas do construto IV têm associação com a titulação acadêmica dos entrevistados:**

**Constructo IV – Questão 2 – Tabela de Contingência**

FREQUÊNCIAS OBSERVADAS				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	26	31	20	77
Bom e ótimo	28	47	40	115
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>78</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

FREQUÊNCIAS ESPERADAS				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	21,66	31,28	24,06	77
Bom e ótimo	32,34	46,72	35,94	115
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>78</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

QUI - QUADRADO				
Níveis	Especialista	Mestre	Doutor	TOTAL
Abaixo de bom	0,87	0,003	0,69	1,56
Bom e ótimo	0,58	0,002	0,46	1,04
			X <sup>2</sup> =	2,60

**Constructo IV – Questão 2 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

TESTE QUI QUADRADO		TESTE P-VALUE	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	2	P- value =	7,43
X <sup>2</sup> calculado =	2,60		
X <sup>2</sup> crítico =	5,99		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-value → não há associação	

**Questão 3: As respostas do construto IV dependem se os entrevistados ministram ou não aulas em outros além de Ciências Contábeis?**

**Constructo IV – Questão 3 – Tabela de Contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Não ministram	Ministram	TOTAL
Abaixo de bom	52	25	77
Bom e ótimo	80	35	115
<b>TOTAL</b>	<b>132</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Não ministram	Ministram	TOTAL
Abaixo de bom	52,94	24,06	77
Bom e ótimo	79,06	35,94	115
<b>TOTAL</b>	<b>132</b>	<b>60</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Não ministram	Ministram	TOTAL
Abaixo de bom	0,02	0,04	0,053
Bom e ótimo	0,01	0,02	0,036
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,09</b>

**Constructo IV – Questão 3 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE QUI QUADRADO</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Margem de erro =</td> <td>5%</td> </tr> <tr> <td>Graus de liberdade =</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> calculado =</td> <td>0,09</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> crítico =</td> <td>3,84</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		Margem de erro =	5%	Graus de liberdade =	1	X <sup>2</sup> calculado =	0,09	X <sup>2</sup> crítico =	3,84	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE P-VALUE</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Significância =</td> <td>0,05</td> </tr> <tr> <td>P- value =</td> <td>0,77</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE P-VALUE</b>		Significância =	0,05	P- value =	0,77
<b>TESTE QUI QUADRADO</b>																	
Margem de erro =	5%																
Graus de liberdade =	1																
X <sup>2</sup> calculado =	0,09																
X <sup>2</sup> crítico =	3,84																
<b>TESTE P-VALUE</b>																	
Significância =	0,05																
P- value =	0,77																
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação	Significância (alfa) < P-value → há associação																

**Questão 4: As respostas do construto IV têm associação com o fato de os entrevistados trabalharem ou não na área de Finanças em empresas?**

**Constructo IV – Questão 4 – Tabela de Contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	36	41	77
Bom e ótimo	48	67	115
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	33,69	43,31	77
Bom e ótimo	50,31	64,69	115
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>108</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Não trabalham	Trabalham	TOTAL
Abaixo de bom	0,159	0,123	0,282
Bom e ótimo	0,106	0,083	0,189
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,471</b>

**Constructo IV – Questão 4 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE QUI QUADRADO</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Margem de erro =</td> <td>5%</td> </tr> <tr> <td>Graus de liberdade =</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> calculado =</td> <td>0,471</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> crítico =</td> <td>3,84</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		Margem de erro =	5%	Graus de liberdade =	1	X <sup>2</sup> calculado =	0,471	X <sup>2</sup> crítico =	3,84	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE P-VALUE</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Significância =</td> <td>0,05</td> </tr> <tr> <td>P- value =</td> <td>0,49</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE P-VALUE</b>		Significância =	0,05	P- value =	0,49
<b>TESTE QUI QUADRADO</b>																	
Margem de erro =	5%																
Graus de liberdade =	1																
X <sup>2</sup> calculado =	0,471																
X <sup>2</sup> crítico =	3,84																
<b>TESTE P-VALUE</b>																	
Significância =	0,05																
P- value =	0,49																
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação	Significância (alfa) < P-value → não há associação																

**Questão 5: As respostas do construto IV têm associação com o tempo de magistério no ensino superior?**

**Constructo IV – Questão 5 – Tabela de Contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	28	49	77
Bom e ótimo	32	83	115
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>132</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	24,06	52,94	77
Bom e ótimo	35,94	79,06	115
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>132</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>			
	Até 5 anos	Mais de 6 anos	TOTAL
Abaixo de bom	0,64	0,29	0,94
Bom e ótimo	0,43	0,20	0,63
		<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>1,56</b>

**Constructo IV – Questão 5 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		<b>TESTE P-VALUE</b>	
Margem de erro =	5%	Significância =	0,05
Graus de liberdade =	1	P- value =	0,21
X <sup>2</sup> calculado =	1,56		
X <sup>2</sup> crítico =	3,84		
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação		Significância (alfa) < P-value → não há associação	

**Questão 6: As respostas do construto IV têm associação com a idade dos entrevistados?**

**Constructo IV – Questão 6 – Tabela de Contingência**

<b>FREQÜÊNCIAS OBSERVADAS</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	<b>TOTAL</b>
Abaixo de bom	25	32	20	77
Bom e ótimo	35	52	28	115
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>48</b>	<b>192</b>

<b>FREQÜÊNCIAS ESPERADAS</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	<b>TOTAL</b>
Abaixo de bom	24,06	33,69	19,25	77
Bom e ótimo	35,94	50,31	28,75	115
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>48</b>	<b>192</b>

<b>QUI-QUADRADO</b>				
	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Mais de 50 anos	<b>TOTAL</b>
Abaixo de bom	0,037	0,085	0,029	<b>0,150</b>
Bom e ótimo	0,024	0,057	0,020	<b>0,101</b>
			<b>X<sup>2</sup> =</b>	<b>0,251</b>

**Constructo IV – Questão 6 – Tabelas de funções estatísticas para testes de associação**

<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE QUI QUADRADO</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Margem de erro =</td> <td>5%</td> </tr> <tr> <td>Graus de liberdade =</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> calculado =</td> <td>0,251</td> </tr> <tr> <td>X<sup>2</sup> crítico =</td> <td>5,99</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE QUI QUADRADO</b>		Margem de erro =	5%	Graus de liberdade =	2	X <sup>2</sup> calculado =	0,251	X <sup>2</sup> crítico =	5,99	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2"><b>TESTE P-VALUE</b></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Significância =</td> <td>0,05</td> </tr> <tr> <td>P- value =</td> <td>0,88</td> </tr> </tbody> </table>	<b>TESTE P-VALUE</b>		Significância =	0,05	P- value =	0,88
<b>TESTE QUI QUADRADO</b>																	
Margem de erro =	5%																
Graus de liberdade =	2																
X <sup>2</sup> calculado =	0,251																
X <sup>2</sup> crítico =	5,99																
<b>TESTE P-VALUE</b>																	
Significância =	0,05																
P- value =	0,88																
X <sup>2</sup> calculado < X <sup>2</sup> crítico → não há associação	Significância (alfa) < P-value → não há associação																

CONSTRUTO	VARIÁVEIS					
	Função Acadêmica	Título	Outros cursos	Função em Finanças	Tempo de Magistério	Faixa Etária
I	3,33	3,27	4,08	3,10	2,31	15,77
II	0,51	0,28	0,023	1,54	0,37	1,47
III	0,13	3,93	0,41	0,014	0,19	0,019
IV	0,25	2,6	0,09	0,47	1,56	0,251

**Quadro Geral de Associação pelo Teste Qui-Quadrado**